

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa

Zilma da Silva Gusmão

**HIPERTEXTO - um gesto de leitura projetado na composição de textos produzidos em
mídia digital**

Belo Horizonte
2018

Zilma da Silva Gusmão

**HIPERTEXTO - um gesto de leitura projetado na composição de textos produzidos em
mídia digital**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jane Quintiliano G. Silva

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Cavalcante

Área de concentração: Enunciação e processos discursivos

Belo Horizonte
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Gusmão, Zilma da Silva

G982h Hipertexto: um gesto de leitura projetado na composição de textos produzidos em mídia digital / Zilma da Silva Gusmão. Belo Horizonte, 2018. 144 f. : il.

Orientadora: Jane Quintiliano Guimarães Silva

Coorientadora: Sandra Maria Silva Cavalcante

Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Dialogismo (Análise literária). 2. Leitura - Interpretação. 3. Mídia digital. 4. Sistemas hipertexto - Análise do discurso. 5. Literatura - Estética. I. Silva, Jane Quintiliano Guimarães. II. Cavalcante, Sandra Maria Silva. III. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. IV. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 800.852

Ficha catalográfica elaborada por Rosane Alves Martins da Silva – CRB 6/2971

Zilma da Silva Gusmão

**HIPERTEXTO - um gesto de leitura projetado na composição de textos produzidos em
mídia digital**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de concentração: Enunciação e processos discursivos

Prof^ª. Dr^ª. Jane Quintiliano G. Silva – Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Maria Silva Cavalcante – Coorientadora

Prof^ª. Dr^ª. Ana Rosa Vidigal Dolabella – UniBH

Prof^ª. Dr^ª. Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues – PUC Minas

Prof^ª. Dr^ª. Kariny Cristina de Souza Raposo – UNIFEMM

Prof^ª. Dr^ª. Juliana Alves Assis – PUC Minas

Belo Horizonte, 04 de maio, de 2018.

*Aos meus pais, José Gusmão (in memoriam)
e Dinorá da Silva Gusmão, amigos fiéis.*

AGRADECIMENTOS

A Jesus, que foi o meu refúgio e o meu sustento nos dias difíceis pelos quais passei para chegar a este tão ansiado momento. Nele eu posso confiar incondicionalmente. Ele nunca me abandonou.

Ao meu pai, falecido em maio de 2017, que não entendia mais o que era um doutorado, mas que sempre falava que eu seria doutora. Melhor amigo, atento e preocupado comigo que ficará gravado no meu coração para sempre.

À minha mãe, um anjo, simplesmente isso. O Alzheimer tem mostrado a sua verdadeira doçura.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Jane Quintiliano Guimarães Silva, orientadora também do mestrado, que acompanhou toda a minha trajetória de luta e nunca deixou de acreditar em mim e no meu potencial para concluir esta pesquisa.

À minha coorientadora Prof^a. Dr^a. Sandra Cavalcante que tanto me auxiliou na construção deste trabalho, instigando-me a dar passos maiores no conhecimento e romper barreiras, sempre me questionando.

À minha irmã Nilma, que acompanhou toda a minha luta para chegar na conclusão deste trabalho, e lutou junto comigo. Sou grata a ela por ter me acompanhado em momentos difíceis e me apoiado.

Ao meu irmão Alexandre e à minha cunhada Poliana, casal agraciado, que acompanharam a minha trajetória e sempre estiveram ao meu lado mais ansiosos do que eu para ver o fim deste trabalho.

Ao meu sobrinho Tiago que me deu tantas alegrias, em um período tão turbulento, me ajudando a recobrar o ânimo e concluir este trabalho. Ele sempre me fez sorrir!

Às minhas grandes amigas Andréa, Adirene, Lindaura e Jordana que, nos momentos mais difíceis, de enfermidade e de luto, estiveram comigo. Vi a mão de Deus me apoiando por meio da vida delas.

Ao meu amigo Sandro, que mesmo não trabalhando comigo mais, deu início a tudo isso, empurrando-me mesmo para o mundo da pesquisa. Jamais vou me esquecer do início de tudo isso.

Ao meu amigo Edgar, que me suportou, brigou comigo, me incentivou, leu os meus textos e me falou algumas verdades, que talvez sejam verdades somente para ele, e tomou café comigo.

“E, demais, filho meu, não há limite para fazer livros [...]”.

(Eclesiastes 12:12)

RESUMO

Com base no conceito de dialogismo e relações dialógicas, postulado por Bakhtin e seu círculo, de hipertexto, de gestos de leitura/interpretação, de leitor modelo, de multiletramentos e de leitura, o presente estudo defende a tese de que o hipertexto se configura, constitutivamente, em termos de uma estratégia sociodiscursiva, implicada na encenação de um leitor modelo, projetado por um autor modelo, que protagoniza percursos de leitura e se constitui, também, em termos da emergência de relações dialógicas. Tendo em vista que a leitura, seja ela de impressos ou praticada nas mídias digitais, se configura em uma perspectiva dialógica, no sentido de atualizar as relações de sentido travadas entre texto e leitor e suas experiências de leitura, intercambiadas pelo autor. Por isso, torna-se importante analisar a leitura sob um olhar dialógico. Considerando as coerções das esferas da atividade humana que, em sua medida, os textos digitais nos apontam e que são constitutivas do próprio texto quando ele é construído por seu autor, tais como a distribuição gráfico-visual dos hipertextos pelo *site*, o nome do *site*, o *menu*, o campo de busca textual, *etc.*, adotamos uma noção de hipertexto que abarca, em sua gênese, as teorias de Pierre Lévy que dialogam com a noção de leitura adotada neste estudo. A leitura, conforme optamos abordar neste trabalho, é uma atitude responsiva e dialógica, não somente da perspectiva do leitor, mas também do autor do texto, quando ele projeta um possível leitor para os hipertextos nas mídias digitais. Tomamos como objeto de estudo os gestos de leitura praticados pelo leitor sobre os hipertextos digitais, que permitem a atualização das relações dialógicas. Esses gestos preveem um leitor-modelo, em sua composição. E, para comprovarmos a nossa hipótese, selecionamos alguns *sites* para compor o *corpus* da pesquisa para uma análise detalhada das ocorrências dos hipertextos neles e sua distribuição gráfico-visual por todo o *site*. A pesquisa bibliográfica que norteia este trabalho e a análise das peças selecionadas para o estudo, nos aponta que há, na constituição dos hipertextos distribuídos pelos *sites*, algumas convenções que são seguidas pelos projetistas ao elaborarem suas páginas da *web*. Esse aspecto caracteriza os *sites* como um gênero do discurso, pois atribui-lhes certa estabilidade. Porém, mesmo havendo essas convenções que regulam a constituição dos hipertextos nos *sites*, existem algumas variações, em alguns aspectos hipertextuais desses *sites*, pois, já é possível observar *sites* que não adotam, na sua íntegra, a tendência convencional para a construção de páginas da *web*. A partir do estudo desses aspectos nas páginas da *web*, constatamos a necessidade de se aprofundar ainda mais nesse campo, tendo em vista que, além dos motivos convencionais como o avanço da tecnologia, o crescente número de leitores na *internet*, *etc.* há na leitura das mídias digitais a presença do hipertexto, que coloca em xeque

um leitor que ora pode ser clivado ao controle daquilo que o autor do hipertexto projeta em um *site* ora pode utilizar da sua capacidade criadora para traçar seu próprio percurso de leitura pelos hipertextos.

Palavras-chave: Relações dialógicas. Gestos de leitura/interpretação. Textos digitais. Autor modelo. Leitor modelo.

ABSTRACT

Based on the concept of dialogism and dialogical relations, postulated by Bakhtin and his circle, hypertext, gestures of reading / interpretation, model reader, multiletrations and reading, this paper defends the thesis that hypertext is configured, constitutively, in terms of a sociodiscursive strategy, implied in the staging of a model reader, designed by a model author, who leads reading paths and is also constituted in terms of the emergence of dialogical relations. Considering that reading, whether printed or practiced in digital media, is configured in a dialogical perspective, in the sense of updating the relations of meaning between text and reader and their reading experiences, exchanged by the author. Therefore, it becomes important to analyze reading under a dialogical look. Considering the constraints of the spheres of human activity that, in their measure, the digital texts point us and which are constitutive of the text itself when it is constructed by its author, such as the graphic-visual distribution of hypertexts by the site, the name of the site, the menu, the field of textual search, etc., we adopt a notion of hypertext that covers, in its genesis, the theories of Pierre Lévy that dialogue with the notion of reading adopted in this study. Reading, as we have chosen to approach in this work, is a responsive and dialogical attitude, not only from the perspective of the reader, but also from the author of the text, when he projects a possible reader to the hypertexts in digital media. We take as object of study the reading gestures practiced by the reader on the digital hypertexts, that allow the updating of the dialogical relations. These gestures provide for a model reader in its composition. And, to prove our hypothesis, we selected some sites to compose the corpus of the research for a detailed analysis of the occurrences of hypertexts in them and their graphic-visual distribution throughout the site. The bibliographical research that guides this work and the analysis of the pieces selected for the study, points out that there are some conventions that are followed by the designers when designing their web pages in the constitution of the hypertexts distributed by the sites. This aspect characterizes sites as a genre of discourse, as it gives them some stability. However, even though these conventions regulate the constitution of hypertexts in the sites, there are some variations, in some hypertextual aspects of these sites, since it is already possible to observe sites that do not adopt, in their entirety, the conventional tendency for the construction of pages of the web. From the study of these aspects in the web pages, we see the need to go even deeper in this field, considering that, in addition to the conventional motives like the advancement of technology, the growing number of readers on the internet, etc. there is in the reading of digital media the presence of hypertext, which puts in check a reader who can now be cleaved to control what the author of the hypertext projects

in a website now can use of his creative ability to trace his own reading course through hypertexts

Keywords: Dialogical relations. Reading / interpreting gestures. Digital texts. Model author. Model reader.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Hipertextos escolhidos para a análise	92
FIGURA 2: Página inicial do Centro Universitário UNA.....	96
FIGURA 3: Página inicial do <i>Blog</i> Aqui na Cozinha.....	97
FIGURA 4: Página inicial da Lojas Americanas.....	98
FIGURA 5: Página inicial Portal do servidor do estado de Minas Gerais	99
FIGURA 6: Primeira página do Jornal O Tempo <i>online</i>	100
FIGURA 7: Página inicial do <i>site</i> do Jornal O Tempo.....	101
FIGURA 8: Disposição gráfico-visual dos três hipertextos selecionados para a.....	102
pesquisa	102
FIGURA 9: Destaque para o nome da instituição e para o campo de busca.....	104
FIGURA 10: Destaque para o nome da loja e para o campo de busca.....	104
FIGURA 11: Destaque para o nome do jornal e para o campo de busca	105
FIGURA 12: Destaque para o campo de busca textual	106
FIGURA 13: Localização do campo de busca textual e do nome do <i>site</i>	106
FIGURA 14: Destaque para a disposição do <i>menu</i> no <i>site</i> do Jornal O Tempo.....	107
FIGURA 15: Destaque para a disposição do <i>menu</i> horizontal no Portal do Servidor.....	108
FIGURA 16: Destaque para a disposição do <i>menu</i> horizontal no <i>Blog</i> Aqui na Cozinha	109
FIGURA 17: O que os projetistas criam	113
FIGURA 18: O que os usuários veem quando querem comprar uma passagem	114
FIGURA 19: O que os usuários veem vão verificar suas milhas	114
FIGURA 20: Destaque para o <i>menu</i> horizontal.....	119
FIGURA 21: Página que aparece quando clicamos no item RH Responde.....	120
FIGURA 22: Hipertexto que aparece após clicarmos em ‘clique aqui’	120
FIGURA 23: Destaque para o item Cursos do <i>menu</i> horizontal	121

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Páginas acessadas para a realização da pesquisa.....	86
QUADRO 2: <i>Sites</i> selecionados para constituir o <i>corpus</i> da pesquisa.....	87
QUADRO 3: Localização do “nome do <i>site</i> ” nas páginas examinadas	89
QUADRO 4: Localização do “campo de busca textual” nas páginas examinadas	90
QUADRO 5: Localização do “ <i>menu</i> horizontal” nas páginas examinadas.....	90
QUADRO 6: Possíveis relações dialógicas atualizadas nos hipertextos.....	91

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	27
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS QUE SUSTENTAM O ESTUDO.....	31
2.1 Dialogismo e Relações Dialógicas: uma Construção de Sentidos.....	31
2.1.1 <i>O Dialogismo</i>	33
2.1.2 <i>Gêneros do Discurso</i>	37
2.1.3 <i>Relações Dialógicas</i>	41
2.2 Leitura, uma atitude responsiva	46
3 HIPERTEXTUALIDADE	55
3.1 A Hipertextualidade nos Textos Digitais	55
3.1.1 <i>Multimodalidade</i>	57
3.1.2 <i>Não linearidade</i>	58
3.1.3 <i>Velocidade</i>	58
3.1.4 <i>Dinamismo e interatividade</i>	59
3.1.5 <i>Imprevisibilidade</i>	59
3.1.6 <i>Multidimensionalidade</i>	60
3.1.7 <i>Direcionamento para um percurso de leitura</i>	60
3.2 A Leitura em Páginas da Web	65
3.3 Multimodalidade e Multiletramentos: Permitindo a Interatividade.....	69
3.4 Os Gestos de Interpretação.....	75
3.5 O Leitor Modelo	78
4 SOBRE A PESQUISA E SEUS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	83
4.1 O Universo da Pesquisa.....	83
4.2 A Coleta dos Dados.....	85
4.3 O Processo de Constituição dos Dados	88
5 OS GESTOS DE LEITURA PROJETADOS NOS TEXTOS EM MÍDIAS DIGITAIS	95
5.1 O Corpus	95
5.1.1 <i>Descrição da Localização nos Sites dos Campos que Serão Analisados</i>	103
5.1.2 <i>A Análise dos Hipertextos Selecionados</i>	109
5.1.2.1 O nome do site.....	111
5.1.2.2 O campo de busca textual.....	115
5.1.2.3 O menu horizontal	117
6 CONCLUSÃO.....	123
REFERÊNCIAS	127
ANEXO A: Ilustração da página inicial das 20 páginas da web acessadas para realizar a nossa pesquisa	135

1 INTRODUÇÃO

A tecnologia juntamente com os meios de veiculação e disseminação da linguagem viva são fatores intrínsecos à concretização dos enunciados ao longo do tempo. Se traçarmos uma linha do tempo, veremos que, em cada época, tanto tecnologia quanto veiculação da linguagem se manifestam de forma peculiar. Torna-se patente afirmar que nem sempre tivemos a tecnologia que temos hoje, funcionando como um meio dinâmico e rápido de divulgação da linguagem, todavia é importante lembrar essa evolução, pois, apesar de essa tecnologia nem sempre ter existido, nem por isso os enunciados deixaram de se manifestar e de se estabelecerem como tal na sociedade.

A evolução histórica do livro, retratada por Chartier (1998), em *As aventuras do livro: do leitor ao navegador*, nos mostra justamente esse traçado histórico na evolução da leitura e nas formas de manuseio do livro. O que antes era realizado em um rolo segurado pelas mãos evoluiu para o toque das mãos, com as pontas dos dedos pelas páginas, em sequência, até chegar à era do computador, em que o contato é dos olhos com a tela e uma mão manuseando um mouse que guia um cursor por páginas na *internet*. E, modernamente falando, a atualidade nos proporcionou a redução desse computador em um pequeno dispositivo móvel que cabe em nossas mãos e que é tocado pelas pontas dos dedos para o seu funcionamento.

Toda essa evolução nos proporcionou mudanças nos modos de ler, pois diante da tela de um computador, ao navegar por páginas da *internet*, não se faz mais, exclusivamente, como em um livro, uma leitura em sequência, marcada pelo número das páginas, mas uma leitura mais fragmentada, descontinuada, mais ligada às partes do que ao todo e, que, à medida que vai acontecendo, vai colocando, à frente do leitor, novas possibilidades de leituras como, por exemplo, propagandas que aparecem em algum canto da tela, que poderão conduzir o leitor para um novo percurso de leitura.

Tendo em vista esses aspectos é que podemos entender a seguinte afirmativa de Chartier: “a revolução digital obriga a uma revisão radical dos gestos e das noções que associamos ao escrito” (CHARTIER, 2010, p. 9). Ler exclusivamente nos moldes clássicos, virando as páginas em uma sequência numérica ou de capítulos, já não tem mais o mesmo espaço dentro do contexto social atualmente. Essa prática, na atualidade, divide o espaço com a leitura nas telas dos dispositivos móveis e dos computadores em geral.

Nos dias de hoje, debruçar sobre a tela de um computador para navegar pela *internet*, à procura de algum tipo de texto faz com que o leitor adquira algumas posturas exigidas pela máquina, sejam elas deslizar o dedo sobre a tela de um *smartphone*, ou utilizar o mouse para

clicar com o cursor sobre algum item ou até mesmo se aproximar da tela ou aumentar o som para ver e ouvir melhor. Esses movimentos ou gestos, muitas vezes, traduzem uma série de ideologias que acompanham o leitor, mostrando o seu interesse por aquilo que ele vê diante dele.

Associados ao mundo do leitor, tais atitudes revelam o que Bakhtin, ao estudar as experiências do mundo exterior, chama de vivência, em *Estética da Criação Verbal*. Ele postula, em seus estudos, que “o sentido se submete aos valores da existência individual, à carne mortal da vivência” (BAKHTIN, 2015, p. 105). O leitor aciona o sentido pré-dado, assim denominado por Bakhtin, guardado em uma memória discursiva ativa da vivência do leitor e que é utilizado no momento oportuno do encontro do leitor com a palavra, que, naturalmente, possui uma carga ideológica. E, ainda, de acordo com Bakhtin, “tudo o que é ideológico possui um valor semiótico” (BAKHTIN, 2014, p.33).

Nesse aspecto, entram em cena os signos que semiotizam o mundo por serem um fenômeno do mundo exterior. Por isso eles necessitam de uma materialidade para se concretizar como, por exemplo, a cor, o som, a imagem e outros aportes capazes de demonstrar os sentidos ideologicamente adquiridos pelos sujeitos ao longo das suas inter-relações sociais em suas vivências. E são esses os aparatos utilizados pelas páginas da *web* para fazer emergir os hipertextos nelas. Diante dos olhos do leitor, saltam palavras em cores diferentes, vídeos, *links*, *etc.* que podem ser clicados e remeter o leitor a outros ambientes de leitura. Isso constitui o hipertexto.

Analisando sob essa ótica e tomando o simbólico como fator determinante para o sentido do texto, vamos encontrar os gestos de leitura/interpretação que são apresentados, neste trabalho, como as diversas maneiras com que o leitor interfere no mundo, valendo-se da interpretação dos vários textos que ele encontra em seu caminho, sejam esses textos orais, escritos, construídos apenas com imagens, gestos, sons, *etc.*

Quando adentrarmos os estudos das possíveis ocorrências de gestos de leitura que podem ser projetados nos hipertextos digitais, encontramos os estudos de Orlandi que, ao analisar a materialidade dos gestos de interpretação nas mídias digitais, afirma que, “não há um sistema de signos só, mas muitos. Porque há muitos modos de significar e a matéria significante tem plasticidade, é plural” (ORLANDI, 1996, p. 12). Os sentidos estão ligados à matéria significante, eles não se desvinculam dela e se concretizam, como afirma a autora, em diferentes materialidades, conforme já foi mencionado no parágrafo anterior.

Então, “a matéria significante – e/ou a sua percepção – afeta o gesto de interpretação, dá uma forma a ele” (ORLANDI, 1996, p. 12). Tudo isso se manifesta nos hipertextos que, de

acordo com Lévy (2011), são nós, e esses nós podem se materializar em forma de *links*, sons, imagens, vídeos, palavras destacadas, *etc.* O que está posto aqui é a materialidade dos gestos de interpretação, seu saber discursivo marcado pela sua historicidade e pela sua constituição na memória dos sujeitos.

É, no contexto dessas reflexões, que se inscreve a presente pesquisa, a qual tem como objeto de estudo, *o hipertexto como um gesto de leitura do leitor projetado pelo autor modelo¹ na composição de seu texto digital.*

Por meio da realização desta pesquisa, pretendemos verificar a plausibilidade das seguintes hipóteses:

- a) o hipertexto se configura, constitutivamente, em termos de uma estratégia sociodiscursiva, implicada na encenação de um leitor modelo², projetado por um autor modelo que institui um leitor modelo que, potencialmente, protagoniza percursos de leitura previsíveis;
- b) o hipertexto se configura, constitutivamente, em termos da emergência de relações dialógicas, e a concordância, a refutação, a reiteração, dentre outras, se destacam na constituição das páginas da *web* tomadas para este estudo em relação a outras categorias de relações dialógicas.

O objetivo principal que vai conduzir este estudo se apresenta da seguinte forma: Analisar o fenômeno do hipertexto em termos de um ‘gesto de leitura’ projetado pelo autor modelo no processo de composição de textos produzidos em mídia digital. A partir desse objetivo, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- a) Apresentar uma proposta de abordagem teórica que mostre que os gestos de leitura/interpretação do leitor sobre os hipertextos são atividades dialógicas projetadas pelo autor.
- b) Identificar, por meio de peças retiradas de alguns *sites*, como o autor projeta o leitor nos textos em mídias digitais.

¹ Neste trabalho, a concepção de autor modelo está pautada nos estudos de Humberto Eco em que se afirma que um texto prevê um destinatário que preencha os espaços em branco deixados por quem o emitiu, nesse caso, o autor, assunto a ser discutido no capítulo 3.

² O leitor modelo, neste estudo, é tomado, também, dentro das concepções de Eco, como a capacidade intelectual de cooperar para a atualização do texto, assunto a ser discutido no capítulo 3.

- c) Analisar, à luz do dialogismo de Bakhtin, as relações dialógicas que podem ser atualizadas pelos leitores, na leitura dos hipertextos, a partir da sua distribuição gráfico-visual nas mídias digitais.

O texto desta tese, do ponto de vista de sua organização composicional, está dividido em cinco capítulos, além da introdução. O primeiro capítulo, como já mencionamos aqui, é a introdução. O segundo capítulo, que é parte integrante do referencial teórico, contempla alguns dos pressupostos que se articulam como base para o trabalho. São esses os pressupostos: o dialogismo e as relações dialógicas de Bakhtin; os gêneros do discurso, também, com base em Bakhtin, e a leitura abordada em uma concepção dialógica, enfatizando a *contrapalavra* de Geraldí. O terceiro capítulo também integra o referencial teórico e contempla outra parte desses pressupostos, porém, com o foco na hipertextualidade de Lévy, nos textos digitais; na leitura em páginas da *web*, abordando alguns aspectos técnicos da leitura confrontados com outros da leitura no impresso; na multimodalidade de Kress e Van Leuween e os multiletramentos em Rojo; nos gestos de leitura em Pêcheux e Orlandi e no leitor modelo em Eco. O quarto capítulo refere-se à metodologia utilizada para a análise do *corpus* escolhido para a pesquisa. Ele abrange a coleta dos dados, a seleção dos mesmos e, conseqüentemente, a sua análise. O quinto capítulo aborda a análise das peças que foram recortadas para a pesquisa. O último capítulo finaliza a pesquisa apresentando a nossa visão final de todo o estudo realizado, tendo como suporte tanto a realização da análise das peças quanto as teorias que nortearam o trabalho.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS QUE SUSTENTAM O ESTUDO

O quadro teórico-conceitual que fornece a base para o presente estudo concentra-se neste capítulo. Neste espaço, procuramos discutir as principais teorias que fornecem subsídios para se desenvolver a pesquisa proposta por este trabalho.

Como este estudo propõe analisar o fenômeno do hipertexto em termos de um ‘gesto de leitura’ projetado pelo autor modelo no processo de composição de textos produzidos em mídia digital, foi necessário traçar um quadro teórico-conceitual que abarque a constituição do hipertexto digital, as possibilidades de leitura do hipertexto que o autor constrói para o leitor modelo e a atualização das relações dialógicas na leitura do hipertexto.

2.1 Dialogismo e Relações Dialógicas: uma Construção de Sentidos

Na proposta deste estudo temos um aspecto importante a ser trabalhado, o hipertexto, que é representado pelos nós, assim definidos por Lévy, que funcionam como gestos de leitura que projetam para o leitor sentidos diversos. Nesse aspecto, os estudos bakhtinianos são fundamentais, pois é a partir do dialogismo de Bakhtin que firmamos os fundamentos deste trabalho. Pensar o hipertexto digital como um gesto de leitura implica em pensá-lo como uma atitude imbricada em relações dialógicas projetadas do autor para o leitor. Por isso, neste tópico, abrimos uma reflexão a respeito do dialogismo, enfocando os estudos de Bakhtin e seu círculo.

As teorias de Mikhail Bakhtin e seu círculo foram tomando impulso e se tornando conhecidas por estudiosos da linguagem no Ocidente. Sendo assim, os estudos linguísticos tomaram um novo rumo, bem diferente do que se esperava das teorias clássicas que dominavam a época. O Círculo de Bakhtin voltava-se para a crítica do Método Formal que pairava sobre os intelectuais russos da época de 1920. Tal método dispensava o caráter sócio histórico da arte e os aspectos que levavam para além da sua materialidade, prestigiava-se apenas o concreto, o visível aos olhos, o aspecto subjetivo ainda não era explorado.

Faraco, ao estudar as teorias de Bakhtin descreve, para os dias de hoje, o que o círculo de Bakhtin passa a valorizar naquela época, rompendo totalmente com a tradição clássica.

O que é considerado externo pelo pensamento formal se torna, para Bakhtin e seus pares, interno, imanente ao objeto estético. E isso se faz pelo engenhoso modo como eles concebem o princípio construtivo fundamental da atividade estética, ou seja, a dupla refração. Nada entra na arte diretamente (como se fosse apenas um registro estenográfico). No ato artístico, a realidade vivida (já em si refratada, ou seja, atravessada por diferentes valorações sociais porque a vida se dá numa complexa

atmosfera axiológica) é transposta para um outro plano axiológico (o plano da obra) – o ato estético opera sobre sistemas de valores e cria novos sistemas de valores. (FARACO, 2012, p. 186)

O texto *Discurso e Poética*, atribuído a Volóchinov (1926), enfatiza essa crítica de Bakhtin ao Método Formal. Volóchinov afirmava que boa parte dos estudiosos de arte da Europa ocidental e da Rússia tinham a pretensão de ver a arte, em geral, como um todo, e, na base, defendiam persistentemente o seu estudo como uma disciplina especial, que não necessitava de abordagens sociológicas de qualquer espécie, limitando assim a própria criatividade.

É possível perceber que a contraposição ao Método Formal é que impulsionou os estudos bakhtinianos iniciais. Seus estudos foram ganhando força, com o passar do tempo, e se propagando pelo mundo. As teorias inovadoras do pesquisador russo foram tão influentes nos estudos ocidentais que noções nunca antes alteradas e já arraigadas sobre a linguagem começaram a ser repensadas e ampliadas, criando, assim, novas maneiras de se pensar o estudo da língua. Começava a surgir, então, na sociedade, um novo pensamento sobre a linguagem, pensamento este que persiste até os dias de hoje e que são alvo de muitos estudos.

Vários conceitos já estavam em processo de transformação, e os estudos de Bakhtin vieram para dar respaldo às novas teorias que estavam nascendo, de forma a enriquecê-las e de colaborar para que as mesmas, definitivamente, se insturassem em nossos estudos linguísticos para que não ficássemos reféns de teorias que não conseguiam explicar mais determinados fenômenos na língua, tendo em vista que a língua é um organismo vivo e, portanto, ela não é uniforme e apresenta variedades, como afirma Platão e Fiorin (2002). Dessa forma, os estudos bakhtinianos ganharam espaço e tornaram-se alvo de reflexão constante na prática diária do ensino da língua.

Kristeva, uma estudiosa búlgaro-francesa e pesquisadora das teorias de Bakhtin, ao discorrer, em seus trabalhos, sobre o pensamento bakhtiniano, nos mostra o que o difere das teorias dos clássicos.

Longe do rigor técnico dos linguistas, manejando uma escritura impulsiva, e mesmo, por momentos, profética, Bakhtin aborda problemas fundamentais que o estudo estrutural da narrativa enfrenta hoje e que tornam atual a leitura dos textos que ele esboçou há cerca de quarenta anos. (KRISTEVA, 2005, p. 66)

Em seus estudos, como afirma Kristeva, Bakhtin sempre procura fugir das nomenclaturas às quais os linguistas se apegam ou das exaustivas análises pautadas na estrutura da língua. Ele dá ao estudo da linguagem um novo tom, uma nova roupagem. Explora o dialogismo e as relações dialógicas e os apresenta como algo concreto e possível de ser

percebido, em sua materialidade, nos discursos dos sujeitos em qualquer época. Esse pensamento era totalmente contrário ao que predominava na literatura sobre os estudos linguísticos daquele tempo, era um pensamento que tornava as pesquisas de Bakhtin atemporais.

Quase um século depois, os estudos bakhtinianos ainda são atuais e são a base para muitas pesquisas e, pelo que nos parece, tão cedo ou nunca, deixarão de ser referência para os estudos linguísticos. Os fundamentos bakhtinianos foram especialmente cunhados de tal forma que se tornaram estudos para serem empregados em qualquer época, pois enfatizam o uso da língua e a sua materialidade discursiva, o seu funcionamento em uma comunidade de falantes, não, simplesmente, a sua estrutura.

Então, a partir dessas reflexões, decidimos que, nesta pesquisa que une a hipertextualidade nas mídias digitais e a atualização das relações dialógicas nessas mídias por meio dos gestos de leitura projetados pelo autor no hipertexto digital, focaremos nos estudos de Bakhtin. Acreditamos que esses estudos nos fornecem uma boa base para entendermos a ação do leitor sobre os hipertextos nas mídias digitais.

2.1.1 O Dialogismo

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volochínov nos mostra que o dialogismo provém da interação entre dois indivíduos, e a enunciação é o produto dessa interação. Pressupõe-se, nesse processo, que os indivíduos estejam socialmente organizados numa “*situação social mais imediata*” para que a palavra, vinda de um locutor, dirija-se ao seu interlocutor. A palavra, segundo Volochínov (2014), sofrerá variações, dependendo do grupo social, da hierarquia, dos laços sociais do locutor e do interlocutor, *etc.* Ou seja, haverá maior ou menor afinidade de acordo com o contexto social imediato de uso da língua. Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin acrescenta que “as palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos” (BAKHTIN, 2015, p. 314).

Para Volochínov (2014, p. 117), “toda palavra comporta *duas faces*” pelo fato de que ela procede de alguém e se dirige a alguém, constituindo, assim, “*o produto da interação do locutor e do ouvinte*”, ela é a expressão de um em relação ao outro. É por meio da palavra que os interlocutores se definem, considerando o outro num diálogo. Bakhtin afirma que a palavra é uma ponte colocada entre mim e o outro, numa extremidade ela se apoia em mim; na outra, se apoia no meu interlocutor. Dessa forma, se constrói a enunciação. “*A situação social mais*

imediate e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (VOLOCHÍNOV, 2014, p. 117).

O “eu e o outro”, nessa atividade enunciativa, vão se construindo e se constituindo sujeitos dos seus dizeres por meio da palavra proferida. “A expressão exterior, na maior parte dos casos, apenas prolonga e esclarece a orientação tomada pelo discurso interior, e as entonações que ele contém” (VOLOCHÍNOV, 2014, p. 118). A palavra dita é a expressão da palavra pensada. Para Volochínov (2014, p. 118), “a estrutura da atividade mental é tão social como a da sua objetivação exterior. O grau de consciência, de clareza, de acabamento formal da atividade mental é diretamente proporcional ao seu grau de orientação social”.

Sendo assim, é importante ressaltar que, é na atividade comunicacional e dialógica que se expressam os sentimentos em relação ao mundo. É a partir dessa atividade, que pode ser tomada como interacional, que se deixa descortinar o que está na mente. Sem esse movimento de expressar os pensamentos não existe interação e, conseqüentemente, não existe também a atividade dialógica. É o que Bakhtin nos mostra, a seguir, em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, quando trata da natureza dialógica do pensamento humano.

A ideia não vive na consciência individual isolada de um homem: mantendo-se apenas nessa consciência, ela degenera e morre. Somente quando contrai relações dialógicas essenciais com as ideias dos outros é que a ideia começa a ter vida, isto é, a formar-se, desenvolver-se, encontrar e renovar sua expressão verbal, gerar novas ideias. O pensamento humano só se torna pensamento autêntico, isto é, ideia, sob as condições de um contato vivo com o pensamento dos outros, materializado na voz dos outros, ou seja, na consciência dos outros expressa na palavra. É no ponto desse contato entre vozes-consciências que nasce e vive a ideia. (BAKHTIN, 2013, p. 98)

Portanto, se não houver a expressão da ideia de um indivíduo para confrontar a ideia do outro, e não se permitir a interlocução com o outro, certamente a ideia morrerá, pois ela não vive isolada em nossa mente, ela necessita da materialidade discursiva para viver. E essa materialidade só é possível por meio da sua expressão que envolve a troca de informações que permite o dialogismo. E é nessa atividade dialógica de troca e de interação que a linguagem se molda.

Em *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, Bakhtin nos apresenta a orientação dialógica do discurso que mostra uma tendência natural e espontânea de as línguas se desenvolverem de forma plural, ou seja, se misturarem e originarem novas formas de falar como, por exemplo, linguagens específicas utilizadas no trabalho. Para isso, segundo ele, todo discurso se ancora no discurso do outro e não deixa de estabelecer com ele uma interação viva e tensa. Portanto, não existe discurso puro, sem intervenção de outros discursos. “O discurso

nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem” (BAKHTIN, 2002, p. 89). Para Bakhtin,

Qualquer conversa é repleta de transmissões e interpretações das palavras dos outros. A todo instante se encontra nas conversas "uma citação" ou "uma referência" àquilo que disse uma determinada pessoa, ao que "se diz" ou àquilo que "todos dizem", às palavras de um interlocutor, às nossas próprias palavras anteriormente ditas, a um jornal, a um decreto, a um documento, a um livro, etc. A maioria das informações e opiniões não são transmitidas geralmente, em forma direta, originária do próprio falante, mas referem-se a uma fonte geral indeterminada: "ouvi dizer", "consideram", "pensam", etc. (BAKHTIN, 2012, p. 139-140)

Bakhtin afirma que devemos tomar a língua “não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma língua *ideologicamente saturada*, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante um *maximum* de compreensão mútua em todas as esferas da vida ideológica” (BAKHTIN, 2002, p. 81). Ainda, segundo Bakhtin (2012), o discurso penetra em um meio “dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e entonações (p. 86)” e estabelece com esse mundo um diálogo único e carregado de características únicas.

O que antes era visto sob a ótica das análises formais, que não consideravam o contexto imediato ou até mesmo o mais distante dos sujeitos envolvidos em uma situação sócio comunicativa e autores dos seus enunciados, donos das suas vontades e atores no processo de enunciação, agora, na abordagem bakhtiniana, é objeto de uma análise contextualizada que faz emergir um sujeito histórico e assujeitado a várias sanções sociais e históricas que lhes são impostas ou aceitas por ele, no decorrer da sua vida, e sempre utilizadas conscientes ou inconscientemente nos seus enunciados.

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto. (BAKHTIN, 2002, p. 86)

O diálogo desse sujeito não é somente uma linguagem assumida por ele, é uma forma de escritura, em que se lê o outro, seu interlocutor, ou seja, é o jeito particular dos sujeitos de se expressarem e produzirem seus textos vinculados ao texto do outro. Dessa forma, o dialogismo de Bakhtin, apresenta a escritura simultaneamente como subjetividade e como comunicatividade, ou seja, como intertextualidade (KRISTEVA, 2005). Os sujeitos se constroem no movimento instaurado pelo diálogo. São as trocas que eles realizam que os

constituem em seus enunciados, é a réplica, a concordância, o sentido, a compreensão, e tantas outras que vão construir o seu discurso.

Diante disso, não podemos pensar o dialogismo como um diálogo entre sujeitos em que se envolvem apenas as réplicas de uma conversação. Embora as réplicas sejam importantes relações dialógicas que vão se construindo a partir do discurso do outro, o dialogismo não se reduz à interação face a face proporcionada pelas réplicas de um diálogo. Ele envolve uma relação entre os discursos em que o real se apresenta semioticamente para todos nós, “o que implica que nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos, que semiotizam o mundo” (FIORIN, 2010, p. 167). E esses discursos podem ser de caráter verbal ou não.

Kristeva (2005) afirma que a palavra é “especializada”, ela encontra um lugar e funciona em três dimensões (sujeito-destinatário-contexto), formam um conjunto de elementos sêmicos que conversam entre si ou um conjunto de elementos ambivalentes. Jamais podemos separar esses três elementos. “O fato é que entre as "linguagens", quaisquer que elas sejam, são possíveis relações dialógicas (particulares), ou seja, elas podem ser percebidas como pontos de vistas sobre o mundo” (BAKHTIN, 2002, p. 99). E são esses pontos de vista que permitem ao leitor interpretações diferentes de um mesmo texto dado o seu caráter dialógico.

No estudo proposto neste trabalho, que compreende uma pesquisa que realizamos em algumas páginas da *web*, procuramos analisar os hipertextos e a sua constituição em termos de emergência de relações dialógicas. Construimos uma análise para mostrar que os hipertextos são uma construção social, projetada pelo autor, visando um leitor, que chamamos de leitor-modelo. Ou seja, o autor de um *site*, também designado projetista, ao distribuir os hipertextos pela página que está criando, tem em mente um protótipo de leitor.

Pensando dessa forma, podemos observar que as teorias de Bakhtin simplesmente endossam a vertente de que, se o hipertexto é uma construção social, conseqüentemente ele tem no seu bojo todo um aparato dialógico em que se constroem conversações com o mundo que nos rodeia para que ele seja construído e constituído como tal. Dessa forma, haverá um confronto entre aquilo que foi projetado pelo autor do hipertexto e pelo leitor a quem se destina o hipertexto para que haja uma interpretação do mesmo.

Nessa perspectiva, podemos tomar os *sites* como um gênero discursivo estruturado em torno de objetivos específicos. Ou seja, o projetista de um *site* não o constrói aleatoriamente, simplesmente seguindo as regras convencionais de construção. Ele faz isso também. Porém, ao construir um *site*, o seu projetista o adapta ao seu leitor, dentro de um processo de enunciação, imbricado em relações dialógicas. O autor tenta promover um diálogo entre aquilo que ele

projeta no hipertexto e o leitor. Portanto, pensando em páginas da *web* como um gênero discursivo, a seguir, discorreremos sobre os gêneros do discurso em Bakhtin, que é outro tópico do nosso referencial teórico.

2.1.2 *Gêneros do Discurso*

Ao tomarmos os *sites* para o *corpus* da nossa pesquisa, estamos definindo-os como um gênero discursivo que circula nas mídias digitais. Como tal, eles se definem, em termos de sua constituição gráfico-visual, por hipertextos que, em sua maioria, para serem distribuídos em uma página, seguem algumas convenções estabelecidas para a construção de páginas na *web* mais fáceis de navegar, tais como a disposição do *menu*, do campo de busca textual, do título do *site*, *etc.* Tudo isso são as estratégias utilizadas para que esse gênero discursivo pareça, até certo ponto, estável.

Segundo os estudos de Bakhtin (2015), todas as áreas da atividade humana estão ligadas ao uso da linguagem. Dessa forma, esse uso da linguagem se torna tão variado quanto as áreas das atividades humanas, que por sua vez, também são diversas. Todavia, mesmo existindo essa variedade nas atividades humanas e no uso da língua, se não a utilizarmos em forma de enunciados, o seu emprego não vai se concretizar em termos de funcionamento, não teremos a materialidade discursiva.

Os enunciados são tomados por Bakhtin como uma unidade de comunicação discursiva. Tais enunciados, sejam eles orais ou escritos, serão sempre concretos e únicos e proferidos pelos vários falantes de uma língua que praticam essa ou aquela atividade. “Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo” (BAKHTIN, 2015, p. 261). Porém, isso não ocorre somente devido ao seu conteúdo temático ou pelo estilo da linguagem, mas, predominantemente, pela sua construção composicional, sua especificidade de uma esfera de comunicação.

A construção composicional pode ser tomada como a estruturação do texto, ou o modo como ele é organizado na sociedade, como ele é visivelmente reconhecido. Ela envolve o acabamento do todo do enunciado, a coerência e a coesão do texto. Segundo Bakhtin (2015, p. 282), a forma composicional está relacionada “a uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo”. Se pegarmos como exemplo o nosso objeto de estudo, o *site*, veremos que nele há uma organização para que seja reconhecido como página da *web*, elementos específicos que o caracterizam como pertencente ao gênero *site*. O todo organizado que

denominamos *site* tem uma forma de funcionamento específica que define a sua composição material.

Sobral (2007, p. 112 e 113) afirma que a forma composicional “é o modo específico de estruturação da obra externa a partir de sua concepção arquitetônica [...] é a obra exterior, de cunho material, é a realização do objeto estético”. Nos dizeres de Bakhtin, ela é o objeto material. Ela pode ser abordada de modo cognitivo e conceitual. E a concepção arquitetônica pode ser compreendida como objeto estético, que determina os procedimentos discursivos externos, que são as formas composicionais tais como a ordem, a disposição, o acabamento, a combinação das formas verbais.

De acordo com Bakhtin, “toda uma série de gêneros sumamente difundidos no cotidiano é de tal forma padronizada, que a vontade discursiva individual do falante só se manifesta na escolha de um determinado gênero e ainda por cima na sua entonação expressiva” (2015, p. 282). Utilizamos um dado gênero e fazemos as adaptações necessárias para enquadrá-lo numa situação sócio comunicativa imediata para mantermos o diálogo e interagirmos com o nosso interlocutor. Segundo Machado (2005), o gênero organiza a manifestação do discurso (objeto estético verbal) e promove o seu acabamento.

Para Bakhtin, está bem explícito que cada enunciado particular seja individual. Entretanto, de acordo com o autor, cada área que utiliza a língua constrói seus enunciados próprios, que são relativamente estáveis. Ou seja, eles podem sofrer mudanças dependendo da sua utilização pelos integrantes de um ou outro campo de atividade, no entanto, eles manterão certa estabilidade que já está padronizada em dado campo. Esses enunciados relativamente estáveis são denominados gêneros do discurso por Bakhtin.

Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo [...] Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2015, p. 266).

O locutor, em sua interação com o outro, faz escolhas linguísticas, que implica na escolha do gênero, para que o discurso se efetive e se torne real. Bakhtin nos mostra que o dialogismo surge nas práticas languageiras das rotinas dos sujeitos, em seu dia a dia, ou seja, a linguagem é viva, palpável e concreta, e é um acontecimento cotidiano. O discurso se permite viver, no dia a dia, nas escolhas linguísticas que nós, falantes, fazemos, de acordo com a situação sociocomunicativa imediata que vivenciamos. Segundo Bakhtin (2015, p. 282), “a

vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*”.

Os gêneros do discurso é que organizam nosso discurso no dia a dia, de acordo com Bakhtin (2015). Para eles exercerem tal controle sobre o nosso discurso, temos as saudações, as despedidas, as felicitações, os comentários diversos sobre política, saúde, clima, *etc.* Tudo isso vai orientando o nosso discurso no cotidiano, nós utilizamos os gêneros do discurso conforme vão surgindo as situações ao nosso redor, e já sabemos qual gênero usar e como usar. O que modifica a forma de utilizá-los é a situação em que são empregados, pois podem ser utilizados de diferentes formas em função “da posição social, e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação” (BAKHTIN, 2015, p. 283). Uma pessoa com a qual eu tenho mais intimidade, certamente, receberá uma saudação menos formal, diferentemente da saudação que nós dispensamos, por exemplo, ao nosso chefe, ao chegar no trabalho ou a qualquer outra pessoa com a qual nós não temos muita intimidade ou está em uma posição hierárquica superior à nossa.

Aparentemente, os gêneros discursivos se apresentam para nós, falantes, de uma forma significativamente estável, parecem estar sob o nosso controle. Mas para empregá-los com mais liberdade em nosso discurso, temos que dominá-los e, assim, preservamos ainda mais a nossa individualidade discursiva. Empregamo-los de forma particular, no nosso discurso, e com todas as características sócio históricas que os sujeitos do discurso carregam. Nesse sentido, conseguimos preservar a singularidade da situação de comunicação (BAKHTIN, 2015). Cada um se comunica de forma única ainda que utilize um gênero discursivo padronizado. Ou seja, uma situação de comunicação, ainda que seja pautada em um modelo já consolidado na sociedade, como uma saudação, por exemplo, que é um gênero discursivo comum, se faz única, porque nela haverá a livre escolha do sujeito em utilizá-la da forma que ele considera mais adequada.

Segundo Bakhtin (2015), os gêneros do discurso, quando comparados à estrutura gramatical da língua, são bem mais flexíveis e podem sofrer variações. Mas para os falantes de uma língua, eles ainda têm o caráter normativo, não são criados pelo indivíduo que fala, mas são criados para o indivíduo que fala utilizar no seu dia a dia. Entretanto, é o seu uso em uma situação social de interação linguística que vai lhe atribuir sentido. Isolado, ele não tem um sentido, ou, se tem, é um sentido generalizado, longe das particularidades linguísticas de um discurso vivo. Uma palavra ou expressão isolada pode desencadear uma série de pressuposições. O “bom dia” empregado isoladamente pode ser uma saudação ou um elogio ao

dia, ou pode conter outras atribuições. Inserido em uma situação específica de comunicação, pode-se solucionar o problema da ambiguidade da expressão “bom dia”.

O dialogismo no gênero discursivo também nos permite enxergar o texto, na concepção bakhtiniana, de que o texto não é mais um simples combinado de palavras, expressões ou frases, mas é uma prática significativa de uma língua, como afirma Kristeva (2005), ao se referir aos estudos de Bakhtin. Os gêneros discursivos, embora sejam formas pré-estabelecidas, dão aos falantes de uma língua a liberdade de agirem sobre essas formas fixas e as transformarem em discursos próprios, com características singulares, enquadrando-as no seu próprio modo de se comunicar e dando o seu tom particular. Na verdade, ele nos permite o diálogo com tantos outros textos que nos cercam para que possamos definir uma forma adequada para fazermos uso de dado gênero.

“Bakhtin situa o texto na história e na sociedade, encaradas por sua vez como textos que o escritor lê e nas quais ele se insere ao reescrevê-lo”, afirma Kristeva (2005, p. 66). Segundo Bakhtin (2015, p. 307), “o texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências)” e sempre tem um sujeito, um autor (o falante ou quem escreve). História e sociedade passam a atuar como textos, e não somente como elementos externos a eles e capazes de influenciar os enunciados, são coparticipantes na enunciação, determinando-a, agindo sobre ela como um elemento intrínseco, e agem sobre as escolhas dos sujeitos por dado gênero discursivo em uma situação sociocomunicativa.

Quando analisamos os *sites*, em sua materialidade, enquanto gênero do discurso, vamos observar que eles nos apontam para uma aparente estabilidade na distribuição gráfico-visual dos seus hipertextos, que conduz o leitor a uma leitura orientada. Porém, apesar da sua aparente estabilidade, podemos observar, pelos próprios dizeres de Bakhtin, quando ele se refere à individualidade dos enunciados, que, em seu uso particular, cada enunciado é individual. E isso é o que acontece nos *sites*.

Apesar de os *sites* pertencerem ao mesmo gênero discursivo e demonstrarem características semelhantes na distribuição dos hipertextos neles, são construções individuais, exclusivas daquele autor, naquele momento sociodiscursivo. Cada projetista de um *site*, ao construí-lo, o faz com objetivos específicos e visando um público-alvo, um usuário/leitor. Sendo assim, mesmo obedecendo a convenções, certamente, aquele enunciado é único tanto para o autor quanto para o leitor.

O que podemos entender é que os hipertextos surgem em páginas da *web*, dispostos em uma posição gráfico-visual planejada intencionalmente pelo seu autor não pelo simples fato de obedecer às normas da usabilidade, mas pelo fato, também, de que essas normas são aquelas

que regem o gênero discursivo denominado *site*, que pressupõe um usuário/leitor que vai saber operacionalizar aquele gênero discursivo, quando encontrá-lo na *web*, pois conhece a sua forma de apresentação visual e consegue identificar a situação sociodiscursiva presente no enunciado. Sendo assim, esse usuário/leitor vai agir sobre os hipertextos porque eles o conduzem a uma atitude de leitura.

Todo esse movimento criado na construção dos enunciados é que faz suscitar as relações dialógicas nos hipertextos. Autor e leitor se interagem e dialogam entre si nesse espaço discursivo de troca. Os enunciados se constroem mutuamente, partindo do autor que elabora os hipertextos, constitutivos das mídias digitais, pensando na recepção do seu leitor, que é quem vai agir sobre eles, expressando neles a sua compreensão, de forma a aceitá-los, rejeitá-los, completá-los e, assim, atualizar as relações dialógicas neles.

2.1.3 *Relações Dialógicas*

Bakhtin, ao analisar o discurso e atribuir-lhe uma função dialógica e, conseqüentemente, semiótica, afirma que

(...) todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado, sempre, por assim dizer, desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por uma névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra nesse meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros: e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico. (BAKHTIN, 2002, p. 86)

A partir de todo esse aparato teórico exposto por Bakhtin, podemos ver que não existe, sequer, um discurso que não seja cercado de um outro discurso ou de vários discursos ao mesmo tempo. Portanto, todo discurso dialoga com outro discurso, sem exceção. Todo discurso bebe em outras fontes que estejam próximas ou distantes no tempo, estabelecendo-se, em sua gênese, o dialogismo que emana dos discursos e para os discursos. E, nesse entrelace de vozes polifônicas que constituem os enunciados que circulam nas comunidades de falantes, o discurso se forma e se transforma, se altera, permitindo ao sujeito assumir posições para argumentar ou até mesmo calar-se.

Para Bakhtin (2015), não há nem pode haver textos puros, originais, desprovidos de qualquer influência de outros textos. Além dos discursos que emanam de um dado texto e se

cruzam em sua formação, ainda há os elementos formais que constituem um texto, tal como a sua estrutura, que pode se referir ao seu gênero, e os seus elementos gramaticais. Tudo isso são situações discursivas determinantes para a construção de sentido do texto, pois não podemos descartar seus aspectos formais que, certamente, também, contribuem para o seu caráter dialógico. Para Bakhtin, “os sentidos estão divididos entre vozes diferentes” (BAKHTIN, 2015, p. 320). E o que nos é permitido, neste trabalho, chamar de aspectos formais também podem ser considerados uma dessas vozes que emergem do texto. Sendo assim, as vozes que emergem do texto são as responsáveis por atualizar as relações dialógicas nos próprios textos, sejam eles textos impressos ou aqueles inscritos nas mídias digitais, como, por exemplo, os hipertextos, que são alvo da nossa pesquisa.

Para ilustrar brevemente o que estamos tratando neste tópico e termos uma noção mais clara de como isso acontece nos hipertextos, tomemos uma noção essencial que Lévy (2011) nos traz sobre o hipertexto. O autor nos aponta que o hipertexto é constituído, em sua essência, por nós. Sendo assim, esses nós é que compreendem o aspecto formal ao qual estamos nos referindo neste trabalho, pois eles necessitam de uma estruturação dentro dos *sites*. Já falamos, neste mesmo estudo, que os nós são imagens, sons, *etc.*, mas que precisam de “botões”, como nos aponta Lévy (2011), que efetuem a passagem de um nó para o outro. Esses botões podem se configurar como a ação do leitor sobre os hipertextos, capaz de criar sentidos diversos que os leve a outros textos. O autor, ao planejar os hipertextos pensando em um leitor, cria conexões para a sua interpretação e para a atualização das relações dialógicas pelo leitor. Nesse sentido, o hipertexto é projetado para ser um gesto de leitura.

Dessa forma, o dialogismo se manifesta nos enunciados dos hipertextos distribuídos em um *site* assim como se manifesta nos enunciados da comunicação verbal, conforme nos sinaliza Fiorin, ou seja, é “uma relação de sentido que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal. Dois enunciados quaisquer, se justapostos no plano de sentido (não como objeto ou exemplo linguístico), entabularão uma relação dialógica” (FIORIN, 2010, p. 169). Dialogando com Bakhtin, Fiorin nos traz essa afirmação. Porque, para Bakhtin, “o discurso citado é o *discurso no discurso, a enunciação na enunciação*, mas é, ao mesmo tempo, um *discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação*” (BAKHTIN, 2014, p. 150). Diante disso, é inevitável considerar que os discursos emergem dos próprios discursos proferidos anteriormente, eles perdem a sua pureza, tornam-se a extensão de outros discursos.

Ainda que os enunciados falem deles mesmos, eles sempre preveem uma autoria, ou seja, eles sempre revelam a posição do seu autor, mesmo que encoberta por certas estratégias da linguagem. É o que acontece com os gêneros do discurso. Eles se apresentam com

características próprias e com certa estabilidade, mas, no seu interior, há o toque particular e individual do autor. A autoria, também, pode não estar, naquele momento, no enunciado imediato, ela pode transcender o momento. Segundo Bakhtin (2015, p. 13), “o autor deve colocar-se à margem de si...ele deve torna-se *outro* em relação a si mesmo, olhar para si mesmo com os olhos dos outros”. Ele não deve vivenciar a si mesmo no nível que vivenciamos a nossa vida, ele deve estar fora do que está sendo pensado, ou seja, ele deve ser transgrediente. Somente dessa forma que ele atingirá o todo como autor.

Na constituição de um *site*, podemos observar uma autoria, ou seja, vamos notar a presença de um autor para o que podemos denominar de acontecimento. E esse autor não se estabelece como tal, por simplesmente construir um texto dentro de padrões estabelecidos segundo a sua visão ou convenções que regem a construção de um *site*. Muito pelo contrário, o autor visa um leitor que será tomado como modelo, que o conduz a realizar um trabalho de artífice que atenda às expectativas do leitor do seu texto. De acordo com Bakhtin (2015, p. 176), “o autor ocupa uma posição responsável no acontecimento do existir, opera com elementos desse acontecimento e por isso a sua obra é também um momento desse acontecimento”. Existe, nesse sentido, uma atitude de envergadura do autor para alcançar o leitor.

Os hipertextos distribuídos de forma gráfica e visual em uma página da *web* demonstram a consciência linguística do autor, que mostra que dado hipertexto deve aparecer, por exemplo, no canto superior esquerdo da página. Mas, de forma alguma, como afirma Bakhtin (2015), representa a consciência criadora do autor. Ou seja, a consciência criadora do autor ultrapassa o visível, o material, ela seria o que está por trás daquele hipertexto posicionado em dado local da página, que provoca, por sua vez, a atualização das relações dialógicas e incita o gesto de leitura do leitor.

Dessa forma, quando acessamos um *site*, podemos ver que são seguidas convenções para a sua projeção e construção. Convenções essas que vão se tornar uma base de referência para a maioria dos *sites*, ou seja, podemos ver um acontecimento. Nesse aspecto, manifesta-se o autor na sua tentativa de fazer uma projeção de um leitor. Porém, apesar de todas as convenções, percebe-se que os *sites* terão a suas particularidades que podem ser ocasionadas até mesmo devido ao objetivo do próprio *site*. Os hipertextos digitais, apesar de apresentarem uma distribuição gráfico-visual semelhante nos *sites*, ainda assim vão sinalizar diferenças como, por exemplo, as suas cores, o tamanho das letras, a predominância desse ou daquele tipo de hipertexto, *etc.*

Bakhtin (2015, p. 289) reitera que “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva”. Sendo assim, as relações dialógicas atualizadas neles não podem ser consideradas

lógicas ou semânticas, mas terão, cada uma delas, um acabamento específico, privilegiando, assim, a voz que emana de dado enunciado, pois são a réplica dos diálogos, dirigidos a um destinatário que pode dar-lhe uma resposta específica e podendo-lhes ser atribuídos sentidos mais amplos e não apenas significados.

Podemos observar também que, a partir das concepções de Bakhtin, mesmo as emoções, os juízos de valor³, *etc.* são características dos enunciados visto que eles têm um destinatário, um acabamento próprio para cada situação discursiva e um sentido que lhe será atribuído em dado momento. Por isso são constitutivamente dialógicos. “Quando se diz que o dialogismo é constitutivo do enunciado, está se afirmando que, mesmo que, em sua estrutura composicional, as diferentes vozes não se manifestem, o enunciado é dialógico” (FIORIN, 2010, p. 170). As múltiplas vozes independem da estrutura do enunciado, simplesmente emanam deles de forma natural, não importando o gênero.

Nesse sentido, é possível então dizer que o dialogismo, ao contrário do sentido literal do diálogo que pressupõe um entendimento, é um emaranhando de contradições, de desentendimentos no sentido de propiciar um terreno fértil para a multiplicidade de sentidos, pois ao mesmo tempo em que converge também diverge, que concorda discorda, que adere também recusa, que aceita também questiona, transformando, assim, as relações dialógicas num espaço dinâmico e de troca, e propício a encontros e desencontros proporcionados pela cadeia discursiva.

O dialogismo se manifesta como um espaço de luta entre as vozes sociais, um embate de opiniões, um deslocamento do eixo clássico do diálogo que pressupõe a organização para um lugar incerto e instável em que as relações constitutivas do discurso vão muito além da frequência ou da estabilidade das ocorrências de determinadas palavras, expressões ou modalidades da língua que podem ser marcadas e em que se manifestam a estabilidade dos posicionamentos dos falantes. Não existe estabilidade nos discursos, eles se constroem e se desconstroem no momento da enunciação em que as relações dialógicas são atualizadas neles e por meio deles.

Bakhtin (1963) citado por Fiorin (2010, p. 169), afirma que “as relações dialógicas não são relações lógicas ou semânticas, mas relações entre distintas posições”. Não há regularidade nos discursos e nos enunciados, não se pode marcá-los ou prevê-los. Por mais que eles sejam previsíveis, sempre haverá uma dissonância em sua constituição ou no seu acabamento. Eles

³ De acordo com Bakhtin, o juízo de valor é sempre uma tomada de posição individual na existência, que implica em assumir a posição do outro, situando-me fora da minha própria vida e percebendo-me como o outro, não seria apenas uma construção mental.

são fruto da interação do locutor com uma série de discursos que os rodeiam e os marcam no percurso de toda a sua trajetória e envolvimento com a polifonia das vozes sociais que se cruzam no seu caminho. Procurar a regularidade no dialogismo é desmerecer a própria constituição da língua que, em sua essência, é irregular.

As relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica. (BAKHTIN, 2015, p. 323)

Bakhtin afirma que não se pode atribuir uma lógica às relações dialógicas. Elas nada têm de lógico, ou de linguístico, ou de psicológico, ou de mecânico. Elas são originais, ocorrem no diálogo real, nas conversas do cotidiano. Surgem dos sujeitos em seus discursos com seus enunciados integrais ou parcialmente integrais. Se não há palavra, não há linguagem e, portanto, não há relações dialógicas, porque elas não podem existir entre objetos ou entre grandezas lógicas. Elas ocorrem a todo momento e em qualquer lugar, na atividade discursiva cotidiana, na interação verbal entre os indivíduos.

Nessa mesma perspectiva, Faraco (2009), ao analisar os pressupostos do Círculo de Bakhtin sobre o dialogismo, afirma que, “para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material linguístico (ou qualquer outra materialidade semiótica) tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformado num enunciado, tenha fixado a posição de um sujeito social” (FARACO, 2009, p. 66). Não haverá, de forma alguma, relações dialógicas em um enunciado que não foi aceito ou rejeitado numa comunidade de falantes, a aceitação ou contestação é parte constitutiva da enunciação como relações provocadoras de sentido, assim como outras relações. Replicar, repetir, comentar, concordar, refutar, *etc.* nada mais são do que movimentos que atualizam as relações dialógicas nos discursos e que nos permitem atribuir-lhes sentidos diversos.

Quando propusemos analisar os hipertextos como um gesto de leitura projetado pelo autor para o leitor, pensamos justamente no fato de os hipertextos suscitarem interpretações diversas que impulsionem o leitor a notá-los em uma página da *web* e atribuírem-lhes um sentido que os levem a clicar neles e serem transportados para outros textos, mesmo sendo eles construções mediadas por convenções. Sabemos que isso ocorre quando o leitor atualiza algum tipo de relação dialógica. Caso isso não aconteça, o hipertexto não será considerado um gesto de leitura. O hipertexto digital será um gesto de leitura se o autor conseguir projetar nele algum

tipo de compreensão para o leitor. Caso contrário, ele será um ícone estático, imóvel dentro do texto, apenas um adorno.

Pensando nisso, é possível afirmar que a leitura, também, em suas várias manifestações na sociedade, compreende, em sua natureza, relações dialógicas por ser uma manifestação social. Ela envolve todo um movimento dialógico de construção de sentido que nos permite atualizar as relações dialógicas em um texto, retomando tantos outros quanto possíveis rememorados pela memória discursiva. Por isso, cabe-nos aqui dedicar o tópico seguinte a uma discussão sobre a leitura como construção dialógica.

2.2 Leitura, uma atitude responsiva

Segundo Barthes (1994), afirmar que o texto é uma prática significante implica em dizer que a significação é algo que se produz, mas não simplesmente no nível da abstração de uma língua em forma de, por exemplo, organização de frases, mas é um trabalho em que se investe, ao mesmo tempo e num só movimento, o enfrentamento do sujeito, seu debate e o debate do outro e o contexto social imediato ou anterior e, até mesmo, quem sabe, o posterior em forma daquilo que poderia acontecer. “Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto” (KRISTEVA, 2005, p. 68). Um texto não existe sozinho, sem o amparo de um aparato linguístico anterior a ele e, possivelmente, até posterior, no que diz respeito a previsões futuras.

Sendo assim, entendemos que o texto é um espaço heterogêneo em que se encontram vozes que concordam e discordam. É um lugar em que o autor e o leitor compartilham pontos de vista, defendendo suas posições, abrindo frentes de debate e de conflito ou chegando a um acordo. Esse lugar que chamamos de texto pressupõe um leitor, mas não um leitor estático, passivo, acomodado, que lê somente seguindo normas e convenções pré-estabelecidas (não que as normas não sejam importantes), mas esperamos encontrar um leitor espontâneo, que dialogue com o texto e que o considere como tal, que navegue⁴ por suas palavras e ache nelas um sentido implícito ou explícito, palpável para ele (leitor), que ouça as múltiplas vozes que ecoam por ele (texto) e que encontre a voz que lhe é mais aprazível.

Partindo desse pressuposto é que tentamos definir, neste estudo, o lugar da leitura no texto. Fugindo das definições clássicas já arraigadas e difundidas das teorias voltadas para a leitura, dos preceitos estruturalistas, que negou a relação entre autor e leitor, ao dar ao texto o

⁴ O verbo navegar é utilizado baseado nos estudos de Coscarelli e Novais que afirmam ser o leitor um navegador (COSCARELLI e NOVAIS, 2010).

estatuto de determinante da leitura realizada pelo leitor, como se ela fosse uma atividade transparente na produção do sentido ou um produto totalmente inscrito na materialidade textual, refugiamo-nos no dialogismo de Bakhtin e no seu esforço em mostrar o quanto um texto pode ter seus mistérios desvendados por um leitor instigado a compreendê-lo e decidido a estabelecer um diálogo com ele, navegando em suas palavras e sentindo o tom de cada uma delas em sua leitura particular.

Para isso, defendemos alguns pressupostos apresentados por Bakhtin, principalmente, em duas de suas obras: *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e *Estética da Criação Verbal*, no que se refere à apropriação dos termos *contrapalavra* e responsividade. Recorremos também a Geraldi, no seu texto “Leitura: uma oferta de *contrapalavras*”, em que o autor trava um diálogo com Bakhtin e enfatiza a necessidade de o leitor se utilizar das *contrapalavras* na leitura de um texto e da sua importância para a construção de um sentido para o que se lê.

Para abrir essa discussão, velemo-nos de um texto de Bakhtin em que ele propôs dois polos para o texto, o primeiro deles é o polo do “repetível e reproduzível” e o segundo polo é do “individual único e não repetível”.

Cada texto pressupõe um sistema de signos geralmente compreendido (isto é, convencional dentro de um determinado coletivo), uma linguagem compreendida de modo geral (quem dera também a linguagem da arte). E então por trás de cada texto, há um sistema de linguagem. Tudo no texto que é repetido ou reproduzido, tudo que é repetível ou reproduzível, tudo que pode ser dado fora de um determinado texto (o dado) está em conformidade com esse sistema de linguagem. No entanto, ao mesmo tempo, cada texto (como uma enunciação) é individual, único e não repetível, e aqui reside sua inteira significação (seu plano, o propósito, para o qual ele foi criado). Com respeito a esse aspecto, tudo que é repetível ou reproduzível prova ser material, um meio para um fim. O segundo aspecto (polo) é inerente ao próprio texto, mas é revelado somente numa situação particular e numa cadeia de textos (na comunicação oral de uma determinada área). (BAKHTIN, 1986, p. 105)

O que nos interessa, no que se refere ao texto, reiteramos, é o segundo polo em que Bakhtin afirma que “é inerente ao próprio texto” e “revelado somente numa situação particular e numa cadeia de textos”. Esse polo implica o texto como enunciado atravessado pelas relações dialógicas, como um acontecimento singular e único da enunciação. Os sentidos são construídos a partir do contexto imediato e podem mudar a qualquer momento. O mesmo texto, lido em situações diferentes, certamente, terá sentidos diferentes, porque os leitores são diferentes dada a situação de enunciação.

Para endossar a concepção de Bakhtin, Koch (2003) reitera que o texto é um lugar de interação, o que atesta ser um espaço heterogêneo. Nele, os interlocutores se constroem e são construídos num movimento dialógico, retomando a sua memória discursiva. Segundo Koch

(2003, p. 17), “há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação”. Nesse ponto, de forma não declarada ou implícita, a autora já nos indica a *contrapalavra* de Bakhtin, que assume a sua função responsiva na leitura e na interpretação dos diversos textos.

Koch nos dá, também, uma entrada para pensarmos o texto como “um lugar”, ou seja, um espaço, um ponto, uma região, *etc.* em que confrontamos as nossas ideias com a ideia do outro. Pensar o lugar aqui não seria apenas uma força de expressão utilizada por Koch, mas muito mais que isso, seria dar ao texto uma estabilidade de um terreno, associando-o à terra, no sentido literal da palavra, para se trabalhar, um campo de labuta em que se pode plantar e ter a certeza da colheita. Ou seja, o texto, uma vez pronto para a leitura, pode ser lido por um leitor precavido ou não, que conhece o terreno ou pode vir a conhecê-lo.

Isso nos leva a pensar que o texto, como lugar, é um território em que as experiências individuais do leitor são divididas e compartilhadas com o autor. Portanto, retomando Bakhtin, não pode haver leitura sem diálogo, sem o embate de vozes. E esse diálogo é único, restrito a cada leitor e a cada texto, e produz um discurso, ainda que controlado, selecionado, organizado e redistribuído por certo número de procedimentos, como pondera Foucault (2014).

A interação em um texto ocorre juntamente com a compreensão, por parte do leitor, daquilo que ele está lendo e que vai suscitar nele alguma atitude. Essa compreensão, por sua vez, vai permitir que o leitor dialogue com o texto concordando, discordando, acrescentando alguma informação ou até mesmo abandonando-o. Se não houver a compreensão, certamente o diálogo tão esperado entre o texto e o leitor também vai fracassar. Bakhtin (2014, p. 137) afirma que “a compreensão é uma forma de *diálogo*; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo”. O autor ainda afirma que o “processo de decodificação (compreensão) não deve, em nenhum caso, ser confundido com o processo de identificação. Trata-se de dois processos profundamente distintos”. (BAKHTIN, 2014, p. 93).

A compreensão não implica a aceitação do texto lido e do seu conteúdo, mas sim a atitude responsiva de demonstrar que houve, na leitura, o entendimento do que se leu e, assim, produzir a *contrapalavra*. A crítica pode ser um exemplo de compreensão, pois o leitor confronta seu posicionamento com o posicionamento do autor do texto e demonstra a sua opinião, ainda que oposta à do autor. Já a identificação seria a atitude de ajustar-se ao conteúdo do texto e concordar com aquilo que está sendo lido, endossando as ideias do autor, por meio da aceitação.

Por outro lado, podemos ainda pensar em outra possibilidade de compreensão que seria a não compreensão do texto. Nesse sentido, tomaríamos a não resposta àquilo que o texto nos pede. Ou seja, poderíamos atribuir um sentido que não seria o mais adequado para o texto, um sentido inesperado pelo autor, uma compreensão que foge àquilo que tinha sido programado como compreensão para o texto, mas que não deixa de ser uma forma de compreender o texto, uma resposta.

Em seus estudos, Bakhtin elucidava ainda mais a questão da compreensão e nos mostra que:

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão (BAKHTIN, 2014, p. 137).

O mesmo autor continua esclarecendo que “para a compreensão é ainda necessário sobretudo estabelecer limites essenciais e precisos do enunciado” (BAKHTIN, 2015, p. 317). Esses limites se estabelecem nos sujeitos do discurso e na sua capacidade de definir uma resposta. Por isso é preciso pensar na alternância desses sujeitos na enunciação. No processo de enunciação, os sujeitos não permanecem imutáveis em seus posicionamentos. Existe, por parte dos sujeitos, um princípio de responsividade na compreensão, denominado por Bakhtin de “a responsividade de princípio de qualquer compreensão” (2015, p. 317). O locutor tem que estar comprometido com o enunciado, ele precisa entender, não direta e explicitamente, mas, indiretamente e de forma natural, que ali convergem várias vozes em torno de um princípio e que ele, como leitor, tem uma responsabilidade com o texto e com o seu locutor.

Para esclarecer ainda mais a questão da responsividade na leitura de um texto, citamos aqui um texto de Bakhtin, em que ele mostra que a ação de compreender é um ato responsável, único e exclusivamente de cada indivíduo, é uma atitude singular e, portanto, não é possível transferir a sua responsividade para outro. O leitor, no desempenho da sua função, absorve a responsividade.

Compreender um objeto é compreender meu dever em relação a ele (atitude ou posição que devo tomar em relação a ele), isto é, compreendê-lo em relação a mim mesmo no Ser-vento único, e isso pressupõe minha participação responsável, e não uma abstração de mim mesmo. É apenas de dentro da minha participação que o Ser pode ser compreendido como um evento, mas esse momento de participação única não existe dentro do conteúdo, visto em abstração do ato como ação responsável (BAKHTIN, 1993, p. 35).

Visto que a responsividade é uma atitude do interlocutor na enunciação, Bakhtin entende a *contrapalavra* como uma atitude responsiva desse interlocutor. Para ele, “compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*” (BAKHTIN, 2014, p. 137). E o que seria então a *contrapalavra*? A *contrapalavra* pode ser entendida não como uma oposição ao que está sendo exposto em um texto, mas, como Geraldi (2002, p. 4) afirma, dialogando com Bakhtin, “a ideia que eu gostaria de trazer aqui é a de pensar a leitura como uma oferta de *contrapalavras* do leitor que, acompanhando os traços deixados no texto pelo autor faz esses traços renascerem pelas significações que o encontro das palavras produz”.

O texto pode ser o lugar de um início de *contrapalavras*, um momento em que o interlocutor ouve a si mesmo e o texto, e confronta o seu posicionamento com o do texto. Nele, o interlocutor se constitui como sujeito ativo no processo de enunciação. Geraldi ressalta que:

Como a palavra lida é sempre o momento e lugar da “startização” de muitas outras palavras do leitor, suas *contrapalavras*, a compreensão resulta não do reconhecimento da palavra aí impressa, aí ouvida, mas do encontro entre a palavra e suas *contrapalavras* (na metáfora bakhtiniana, na faísca produzida por este encontro). (GERALDI, 2002, p. 5)

O leitor vai posicionar-se diante das palavras do texto que, por sua vez, são palavras vindas de outras palavras que encontrarão as *contrapalavras* do leitor que, também, por sua vez, não são dele e que estão firmadas nas palavras do outro e que, assim, formam uma rede de significados que vão sendo resignificados ao longo da leitura de um texto. Para Geraldi, “estruturas linguísticas que inevitavelmente se reiteram também se alteram, a cada passo, em sua consistência significativa. Passado no presente, que se faz passado” (GERALDI, 2002, p. 4). E é justamente isso que ocorre no texto. Seu sentido se altera e reitera, dependendo do posicionamento do leitor diante daquilo que o texto representa para ele.

Koch (2003), também discorrendo sobre a questão da compreensão, afirma que a compreensão deixa de acontecer simplesmente como uma captação de uma representação mental ou como uma decodificação de uma mensagem emitida por alguém. A compreensão vai muito além do exercício de interpretar um código, ou de juntar letras para se formar uma palavra, ou de juntar palavras para se formar uma frase, ela extrapola tudo isso e passa a ser vista como

Uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia) e sua reconstrução no interior do evento comunicativo. (KOCH, 2003, p. 17)

Dessa forma, o sentido de um texto é construído na interação entre o texto e os sujeitos que atuam sobre ele, nunca antes disso. É no momento da interação que os sujeitos agem sobre o texto e constroem seus múltiplos sentidos, podendo, inclusive, rever seus posicionamentos por meio do uso das *contrapalavras*. “Por isso, um texto, uma vez nascido, passa a ter histórias que não são a reprodução de sentidos sempre idênticos a si mesmos” (GERALDI, 2002, p. 5). O texto será modificado sempre por seus interlocutores, em vários momentos e a cada leitura, porque tanto os momentos quanto as leituras são únicos e diferentes uns dos outros, povoados por condições distintas.

Bakhtin, ao analisar a compreensão e a avaliação, afirma que ambas andam sempre juntas, e uma depende da outra, elas se completam num movimento para o entendimento do enunciado, mas ele ressalta que compreensão não é sinônimo de avaliação e que, mesmo que andem juntas, ele aponta, em certa medida, um distanciamento entre elas quando encontram com um texto. Pois, segundo Bakhtin, todo texto sempre traz algo de novo. Esperar que um texto tenha um sentido único em momentos distintos seria negar a *contrapalavra* e a atitude responsiva do leitor em sua leitura.

O sujeito da compreensão enfoca a obra com uma visão de mundo já formada, de seu ponto de vista, de suas posições. Em certa medida, essas posições determinam a sua avaliação, mas neste caso elas mesmas não continuam imutáveis: sujeitam-se à ação da obra que sempre traz algo novo (BAKHTIN, 2015, p. 378).

Bakhtin nos apresenta a leitura como uma experiência singular. Não podemos afirmar, de forma alguma, que o mesmo texto lido repetidas vezes pelo mesmo leitor sempre trará o mesmo significado. O *eu/aqui/agora* se manifesta de formas diferentes em leituras aparentemente idênticas. A compreensão não é uma atitude única, é uma atitude pautada no contexto da leitura do *aqui/agora*. E o *aqui/agora* muda sempre, é uma instância da instabilidade discursiva. De acordo com Bakhtin (2015), a compreensão completa o texto, não o define nem o limita em momento algum, pois o texto sempre estará aberto às diversas significações e ressignificações.

Segundo Bakhtin, a compreensão exerce um papel importantíssimo na constituição do sentido do texto, que é fundamental para o diálogo travado entre texto e leitor. Nesse aspecto, a atitude responsiva se torna ainda mais efetiva nas práticas de leitura. Para diferentes momentos de leitura, sempre haverá uma resposta diferente que será modificada pelas *contrapalavras* trazidas pelo leitor para o texto. “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso);

toda compreensão é prenehe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2015, p. 271).

Nesse contexto, um exemplo mencionado por Bakhtin, em uma de suas obras, e que ilustra, com maior clareza, o que estamos discutindo neste ponto é o exemplo do homem pré-histórico:

O homem pré-histórico usava uma mesma e única palavra para designar manifestações muito diversas, que, do nosso ponto de vista, não apresentam nenhum elo entre si. Além disso, uma mesma e única palavra podia designar conceitos diametralmente opostos: o alto e o baixo, a terra e o céu, o bem e o mal, etc. (BAKHTIN, 2014, p. 135).

O autor afirma que, mesmo o homem pré-histórico utilizando-se de uma mesma palavra para designar coisas ou situações diferentes, a palavra não deixa de ser palavra, muito pelo contrário, ela se constitui palavra por causa da diversidade de significados que ela adquire frente às várias situações de enunciação às quais ela se submete. Se ocorresse o contrário, certamente, a palavra não seria uma palavra, mas um sinal que iria designar um objeto, uma situação, um fato, *etc.* Teríamos, na verdade, de acordo com Bakhtin, um sinal para cada coisa, não mais que isso.

Ao estudar o sinal, Bakhtin vai descrevê-lo como algo de conteúdo imutável, estático, que apenas designa objetos e que não possui nenhuma carga ideológica como a palavra. Sendo assim, ele descreve o sinal da seguinte maneira:

O Sinal é uma entidade de conteúdo imutável, ele não pode substituir, nem refletir, nem refratar nada; constitui apenas um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto (preciso e imutável) ou este ou aquele acontecimento (igualmente preciso e imutável). O sinal não pertence ao domínio da ideologia, ele faz parte do mundo dos objetos técnicos, dos instrumentos de produção no sentido do termo (BAKHTIN, 2014, p. 96-97).

Dessa forma, a afirmação de Bakhtin nos mostra que as palavras, mesmo sendo idênticas, são empregadas em situações diferentes para terem um significado. E isso é uma ocorrência comum na linguagem humana e que os interlocutores precisam assimilar no seu cotidiano, e principalmente, compreender. Uma mesma palavra tem significados distintos, dependendo da forma ou da situação de comunicação em que é empregada pelos falantes de uma língua. Essa variedade de sentidos só é possível na interação entre locutores e interlocutores. Portanto, se não houver a interação, não haverá a *contrapalavra* ou a responsividade do interlocutor com a palavra.

Ainda nesse sentido, a *contrapalavra* também emerge da interação com o texto, nessa diversidade de sentidos que as palavras possam carregar consigo. Ela insurge na compreensão

daquilo que o interlocutor percebe no enunciado. As percepções são diferentes, pois os locutores também são diferentes, a carga social e ideológica que cada um carrega é diferente. A memória discursiva de cada um está pautada em suas vivências que também são diferentes. A responsividade do interlocutor reside nesse movimento dialógico em que ele traz consigo suas palavras carregadas de outras palavras que não são suas, mas que se juntam às palavras do texto e formam um sentido para ele, naquele momento.

Como já dito, Geraldi, ressaltando a importância da *contrapalavra*, afirma que “um leitor que não oferece às palavras lidas as suas *contrapalavras*, recusa a experiência de leitura” (GERALDI, 2002, p. 6). Para esse leitor, o texto não será um texto, será apenas o “simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código, já que o texto, uma vez codificado, é totalmente explícito” (KOCH, 2003, p. 16). Esse leitor nega ao texto o diálogo, a troca e, enfim, a responsividade que ele poderia atribuir-lhe.

Ainda, refletindo sobre a *contrapalavra* de Bakhtin e a atividade responsiva sobre o texto, o que percebemos é que Bakhtin nos leva a entender que um texto não é somente um amontoado de palavras ou uma sequência das mesmas que precisa ser decifrado ou decodificado. Pensar dessa forma seria negar ao texto a sua autoria ou até mesmo ignorar o leitor. O texto, como endossa Koch as palavras de Bakhtin, é lugar de interação, de convivência com as ideias do texto, de embate, de enfrentamento, de concordância e de discordância. Exige-se, para isso, um leitor que tenha uma atitude responsiva, que dialogue com o texto e que traga para ele suas *contrapalavras*, numa perspectiva crítica e assumindo posições ideológicas que foram formadas no decorrer da sua trajetória de vida e de leitor.

No diálogo com texto, há um interlocutor que é um sujeito social, histórico e ideológico, que assume posições e as discute por meio das palavras e que, na voz do poeta, luta com as palavras e não se deixa vencer. Esse sujeito não faz simplesmente uma verificação do texto, mas navega por ele e por seus territórios já navegados por outros. Quando ele quer ou acha necessário, se assujeita, quando não quer ou não acha necessário, ele parte para o confronto entre as palavras. Mas o mais importante nisso tudo é que tem que haver um diálogo, uma interação, uma troca.

Na leitura dos hipertextos que figuram nas mídias digitais, certamente, todo esse movimento que apresentamos aqui, quando falamos da compreensão que envolve a *contrapalavra* e a responsividade vai ocorrer na interação do leitor com o texto. Para que isso ocorra, os hipertextos digitais, em sua constituição, vão trazer nós que permitam ao leitor a

compreensão do gesto de leitura neles para que a sua leitura possa ser realizada de forma que o interlocutor possa pensar a *contrapalavra* para, nesse movimento, dialogar com os hipertextos.

É constitutivo dos hipertextos nas mídias digitais que o movimento de leitura realizado pelos leitores, sobre eles, seja orientado pelas convenções na elaboração dos *sites*, mas que esses movimentos sejam uma ação voluntária do leitor sobre os hipertextos em uma página. O leitor deve notar o hipertexto e agir sobre ele, o hipertexto deve significar para ele um gesto de leitura projetado pelo autor. Tendo em vista o que foi discutido neste tópico, podemos pensar em como seriam registrados esses hipertextos nas mídias digitais. É justamente esse aspecto que vamos abordar no tópico a seguir.

3 HIPERTEXTUALIDADE

3.1 A Hipertextualidade nos Textos Digitais

Retomando Lévy (1993), que, em seus estudos sobre a tecnologia digital, analisa o impacto da *Internet* na sociedade, um dos aspectos discutidos e enfatizados por ele é a cibercultura e o impacto do hipertexto digital. Ele define, no seu livro *As tecnologias da inteligência*, que o hipertexto é um conjunto de nós que são ligados por conexões. Esse conceito criado por Lévy refere-se a qualquer hipertexto, pois o hipertexto não é marca exclusiva de textos digitais, muito pelo contrário, o hipertexto ocorre nos textos impressos muito antes de figurar nas mídias digitais.

Nos textos clássicos impressos como os livros, por exemplo, os nós mencionados por Lévy podem ser considerados, como nos aponta Bolter e Grusin (2004), elementos tais como o sumário, as notas de rodapé, as anotações do leitor nas bordas dos livros, *etc.* Segundo Bolter e Grusin, esses elementos remetem o leitor a uma leitura não linear, o faz navegar pelo texto, instiga-o a ir e vir no texto, desprendendo-se de um padrão e, ao mesmo tempo, estabelecendo um elo entre o que ele lê no momento e outras leituras já realizadas ou não.

Ainda, conforme os estudos de Bolter e Grusin (2004), o hipertexto existe, há séculos, na humanidade. Claro, que não com essa nomenclatura, pois ela é moderna, mas com as suas características atuais. Endossando o que afirmam Bolter e Grusin, Marcuschi (1999, p. 1) fala que o hipertexto, “a rigor, não é novo na concepção, pois sempre existiu como ideia na tradição ocidental”. Ele ainda completa afirmando que “a novidade está na tecnologia que permite uma nova forma de textualidade”, nos dias atuais.

A mediação feita pela tecnologia dos textos em mídia digital, segundo Maingueneau (2001), revolucionou a natureza dos textos e a sua forma de consumo. Surge, então, o que Maingueneau denomina de *mídium*. O *mídium* seria o que comanda o uso dos conteúdos na mídia digital, atribuindo-lhe certo tom. Ele não apenas transmite o conteúdo, mas modela o gênero do discurso. Essa tecnologia não surge como um simples suporte, mas muda socialmente a transmissão de um gênero discursivo. Um exemplo citado por Maingueneau é o discurso político. Segundo ao autor, nos dias de hoje, o discurso político não necessita mais de um público presente, pois é transmitido pelo rádio ou pela televisão, ou ainda poderia ser veiculado na *internet*. O público não precisa ir até o político para ouvi-lo pessoalmente, pois o discurso entra em sua casa, mesmo ele não querendo, basta clicar em um botão. Ou seja, a mediação é que vai modelar o discurso e atribuir-lhe certo tom.

A característica marcante no hipertexto, tanto impresso quanto digital, é o fato de ele remeter o leitor a outros textos. Como foi apontado anteriormente, isso já acontecia antes mesmo da invenção do computador, pois, nas leituras convencionais de um livro, era e continua sendo muito comum, por exemplo, as anotações do leitor nas bordas das páginas dos livros, ou a consulta ao dicionário “onde cada palavra de uma definição ou de um exemplo remete a uma palavra definida ao longo de um circuito errático e virtualmente sem fim” (LÉVY, 1993, p. 37). Tudo isso encaminha o leitor para outras leituras.

Braga (2010), em seus estudos sobre os hipertextos digitais, comparando-os aos textos impressos, também nos aponta características no texto impresso que já indicavam, há muito tempo, a presença do hipertexto neles. A autora nos diz que

A organização estrutural do hipertexto recupera e expande formas de relações inter e intratextuais já exploradas nos textos impressos, principalmente os de natureza acadêmica. Os recursos de escrita, as notas de rodapé, as referências feitas a outros textos ou as conexões explicitamente indicadas – que convidam o leitor a adiantar ou voltar atrás na leitura de um texto específico – desempenham uma função próxima daquela a ser preenchida pelos links digitais. (BRAGA, 2004, p. 178)

A partir das várias observações e análises dessas estratégias de leitura, que retomavam outros textos e que o texto impresso convencional oferecia ao leitor, Theodor Holm Nelson, um filósofo e sociólogo americano, pioneiro nos estudos da Tecnologia da Informação, cunhou o termo Hipertexto, em 1964, para designar uma escrita não sequencial e não linear que, como afirma Marcuschi (2001, p. 86), “se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas em tempo real”. O termo permaneceu anos a fio e chegou até os nossos dias designando esse processo de leitura e os novos desafios de leitura para o leitor da era moderna.

O hipertexto, atualmente, é um recurso constitutivo dos textos em geral, ele é comum tanto em textos impressos quanto digitais. É natural, nos textos impressos, a utilização de notas de rodapé em livros, artigos, *etc.*, de anotações feitas pelo leitor nas páginas, no decorrer de uma leitura que o levarão a outras leituras, como já afirmamos neste trabalho. Porém, no formato digital, ele se configura de forma diferente em sua composição visual. É formado, na sua essência, por *links* e veiculado pelo seu suporte, que é o computador, cuja invenção é datada da era moderna. Os *links* podem ser palavras, imagens, textos, dentre outros elementos, que permitem ao leitor percorrer vários caminhos e seguir com a sua leitura, fazendo suas escolhas de leitor, como nos indica Gomes (2011), de acordo com as suas afinidades com todo esse aparato tecnológico.

Lévy (1993), ao estudar o hipertexto em sua forma digital e a cultura digital desenvolvida pelo homem no decorrer da sua existência, nos aponta algumas características técnicas do hipertexto que o permitem se constituir um texto em um ambiente digital. O autor nos mostra a constituição do hipertexto e a forma como ele nos é apresentado hoje, no computador. E, por outro lado, nos indica também que a sua leitura nada tem de simples ou de convencional. Muito pelo contrário, “pode ser tão complicada quanto possível”.

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LÉVY, 1993, p. 33)

A partir dessa descrição de Lévy, é possível destacar alguns pontos importantes no hipertexto digital que nos mostra como ele se configura e se compõe nas mídias digitais. A distribuição gráfico-visual dos elementos citados por Lévy, que são constitutivos do hipertexto, está envolta em alguns aspectos intrínsecos ao hipertexto e que permitem a sua leitura. Esses aspectos foram determinados em nossa pesquisa como: a multimodalidade, a não-linearidade, a velocidade, o dinamismo e a interatividade, a imprevisibilidade, a multidimensionalidade e o direcionamento para um percurso de leitura. Tais aspectos são explicados a seguir.

3.1.1 Multimodalidade

A multimodalidade é um elemento importante no hipertexto. Para Lévy (2011, p. 44), “o hipertexto digital seria, portanto, definido como uma coleção de informações multimodais disposta em rede para a navegação rápida e ‘intuitiva’”. A multimodalidade do hipertexto permite ao leitor a atitude intuitiva sobre o texto, visto que o texto estará recoberto por elementos diferentes com os quais o leitor poderá interagir. Ou seja, a leitura do hipertexto permite ao seu leitor escolher o seu caminho de leitura, como afirma Lévy quando se referia a “desenhar um percurso”, pois os hipertextos aparecem em forma de gráficos, vídeos, figuras, *etc.* A intuição, nesse sentido, será tomada como um fator importante para uma boa navegação pelos hipertextos em uma página da *web*.

3.1.2 *Não linearidade*

O hipertexto rompeu com a tradição da leitura convencional praticada por longos anos na sociedade e intermediada pelo número sequencial de páginas, dando lugar ao que chamamos de não linearidade, outro ponto importante que caracteriza esse tipo de texto. Visto que a leitura do hipertexto não é linear e muito menos sequencial, o computador e os dispositivos móveis se tornaram, na sociedade moderna, o suporte ideal para sustentar esse texto. Não que o hipertexto seja exclusivamente um texto veiculado em meio digital, como já afirmamos anteriormente. Mas por ser mais dinâmico, o hipertexto se identifica com a tela do computador e dos dispositivos móveis que, em certa medida, também são ágeis, porque exigem maior atividade e interação do leitor.

3.1.3 *Velocidade*

A leitura do hipertexto, também, está relacionada à velocidade com que podemos conseguir as informações em um computador, o que é muito diferente de se conseguir informações em hipertextos manuscritos. Se por um lado a remissão para um glossário por meio de asterisco demorava algum tempo, que era o tempo da procura da página impressa; por outro, o hipertexto digital se manifesta em um clique no *mouse*. “A reação ao clique sobre um botão [...] leva menos de um segundo. A quase instantaneidade da passagem de um nó a outro permite generalizar e utilizar em toda a sua extensão o princípio da não linearidade” (LÉVY, 2013, p. 37). Essa passagem é muito rápida e pode escapar aos olhos de um leitor que não conhece a operacionalização de uma página da *web*.

A “pequena” característica denominada velocidade, como afirma Lévy (2013), desvia todo o agenciamento textual e leva o leitor a outra dimensão da leitura, outro domínio do seu uso com todos os seus limites ou problemas. É muito mais fácil para nós, leitores, nos perdermos em um hipertexto digital do que no uso de uma enciclopédia, por exemplo, que também tem a sua função hipertextual, mas que não apresenta propagandas que nos perseguem a todo tempo, nas suas laterais, ou palavras ou expressões de cores diferentes no seu texto nos chamando para um clique e, conseqüentemente, nos mostrando que podem ainda existir outras leituras naquela página.

3.1.4 *Dinamismo e interatividade*

O dinamismo e a interatividade, também, são elementos intrínsecos ao hipertexto, estudados por Rojo que, ao se engajar no estudo do hipertexto, nos afirma que, de forma geral, o hipertexto é um texto dinâmico e interativo, que permite a ação do leitor sobre ele, modificando-o de alguma forma (ROJO, 2012a). Essa noção também é defendida por Lévy que afirma que o hipertexto “permite todas as dobras imagináveis: dez mil signos ou somente cinquenta redobrados atrás de uma palavra ou ícone, encaixes complicados e variáveis, adaptáveis pelo leitor” (LÉVY, 2013, p. 41). E tudo isso exige um leitor atento não somente ao uso da máquina, mas à operacionalidade dessas tecnologias que transitam tão facilmente na sociedade e atrai, a cada dia mais, todas as pessoas, independentemente do sexo, da idade, do seu grau de instrução, *etc.*

Lévy (2009, p. 40) ainda afirma que “um hipertexto é uma matriz de textos potenciais, sendo que alguns deles vão se realizar sob o efeito da interação com um usuário”. Em outras palavras, é possível afirmar que os hipertextos são projetados para um público leitor, e o seu projetista, que se configura como autor do hipertexto, ao construí-lo, prevê um leitor para realizar sua leitura. O hipertexto não é uma construção aleatória, que segue apenas convenções pré-estabelecidas, ele prevê um leitor que é projetado para interagir com ele, manifestando suas atitudes de leitura sobre ele.

3.1.5 *Imprevisibilidade*

Mesmo com o autor projetando um leitor para o hipertexto, o hipertexto pode apresentar outra característica denominada imprevisibilidade, ou seja, se tornar imprevisível em sua leitura. Pois, segundo Eco (2003, s/p), o hipertexto “é uma rede multidimensional ou um labirinto em que cada ponto ou nó pode ser potencialmente ligado a qualquer outro nó”. Para ilustrar melhor a sua afirmação, Eco faz uma comparação pouco convencional, por um lado, mas bem lógica e coerente, por outro, e que revela as várias facetas do hipertexto. O autor compara o hipertexto a uma galáxia onde as estrelas podem se encontrar inesperadamente, a qualquer momento, e formar imagens celestiais diferentes em qualquer ponto do seu percurso. Eco afirma que

O produto da máquina não é mais linear: é uma explosão de fogos de artifício semióticos. Seu modelo é menos uma linha reta do que uma verdadeira galáxia, onde todos podem captar nexos inesperados entre estrelas diferentes para formar uma nova imagem celestial em qualquer novo ponto de navegação. (ECO, 2003, s/p)

3.1.6 *Multidimensionalidade*

Outro aspecto interessante do hipertexto está relacionado à sua dimensão. Gomes (2010, p. 23) afirma que “pode-se deduzir que o hipertexto é o texto multidimensional”. O autor conclui isso a partir da análise do termo *hipertexto* que, segundo ele, “remonta à ideia de espaço *hiperbólico* criado em 1704 e que foi utilizado, no século XIX, pelo matemático F. Klein para demonstrar um ramo da geometria dedicada ao hiperespaço, ou espaço de muitas dimensões” (GOMES, 2010, p. 23).

Nesse sentido, o hipertexto se apresenta como um texto de várias facetas e encruzilhadas que nos oferece, a todo tempo, também, vários caminhos. Suas dimensões podem nos conduzir a destinos que queremos chegar ou não. Mas um fator importante na leitura dos hipertextos e que merece ser ressaltado é o fato de se conhecer o suporte do hipertexto, o computador, que, de certa forma, exige que o seu usuário tenha um metachecimento do seu funcionamento e do que pode ser veiculado nele ou das atitudes que podem ser tomadas frente à leitura dos hipertextos.

3.1.7 *Direcionamento para um percurso de leitura*

Um ponto que nos chama a atenção, também, no hipertexto é o fato de ele direcionar o leitor para um percurso de leitura por uma página da *web*. Marcuschi endossa esse processo quando diz que “o interessante é que cada leitor faz suas escolhas e seus caminhos que no geral não são similares ao de outro leitor [...]” (MARCUSCHI, 2001, p. 83). A navegação pelos hipertextos vai depender das leituras feitas dos nós que os caracterizam, da percepção ou não desses nós, de um olhar atento às informações fornecidas em um *site* por meio dos *links* ali presentes. “Seria a simbiose completa de autor e leitor, tendo em vista se completarem nas escolhas e todas as leituras tornar-se-iam simultaneamente produções singulares” (MARCUSCHI, 2001, p. 82). O que permitiria ao leitor sua autoria também sobre o texto, porque lhe concede o direito de agir sobre ele traçando seu modo peculiar de lê-lo.

Todos esses pontos destacados por nós nos mostram que, por conceder ao leitor certa liberdade de escolha, a leitura do hipertexto torna-se perturbadora para muitos, porque rompe com a tradição clássica de linearidade do texto e permite ao leitor o acesso a escolhas de leitura. Escolhas, muitas vezes, penosas, principalmente para aqueles menos habituados ao uso do computador ou pela falta mesmo do hábito de lidar com as escolhas de leitura durante a vida. O leitor menos experiente pode tropeçar em alguns *links* ou mesmo ignorá-los, não

concretizando a leitura que deveria ter sido realizada do hipertexto ou se perdendo em meio a tantas informações fornecidas.

Um exemplo do que estamos discutindo é o *menu*, que sempre está presente em praticamente todos os *sites*. Se o leitor não tem noção ou simplesmente ignora os itens de um *menu* em um *site*, ele pode até navegar pela página, realizando a sua leitura, porém, com mais dificuldade que um leitor já habituado a navegar pela *internet* e fazer uso do *menu* para encontrar o que deseja em sua navegação pela página. O *menu* é um hipertexto que foi projetado pelo autor prevendo uma atitude de leitura do leitor sobre ele, pois ele se configura como um elemento que suscita gestos de leitura.

Diante do que foi exposto aqui, até o momento, podemos perceber que o hipertexto é construído por um autor que visa a projeção de um leitor, mas que é também “um espaço cognitivo que exige a revisão de nossas estratégias de lidar com o texto”, como afirma Marcuschi (2001, p. 82). O hipertexto transforma totalmente as relações entre as imagens, os sons e os textos, e o sentido atribuído pelo leitor, conforme aponta Chartier. Muda-se tudo, temos que aprender a lidar com o lado dinâmico do texto escrito que se mistura com as figuras, com os sons e outros elementos e a sua falta de limites. Não existem linhas, margens nem uma sequência numérica.

O hipertexto e a hiperleitura que ele permite e produz transformam as relações possíveis entre as imagens, os sons e os textos associados de maneira não linear, mediante conexões eletrônicas, assim como as ligações realizadas entre os textos fluidos em seus contornos e em número virtualmente ilimitado. Nesse mundo textual sem fronteiras, a noção essencial torna-se a do *elo* pensado como a operação que relaciona as unidades textuais recortadas para a leitura. (CHARTIER, 2002, p. 108-109)

A percepção dessas relações entre esses elementos pelo leitor tem a possibilidade de conduzi-lo a uma compreensão um pouco mais minuciosa, em que atribua novos sentidos utilizando esses recursos, ou a uma compreensão do texto com um foco específico, pois o mundo digital permite ao leitor múltiplas leituras e possibilidades de interpretação, ou até mesmo a uma não compreensão daquilo que é buscado por ele. Um caminho é traçado pelo leitor, como afirma Marcuschi (2001, p. 85), “esse caminho é uma construção penosa e cheia de curvas” e, muitas vezes, produz poucos resultados.

Marcuschi ainda mostra que o caminho para uma leitura proveitosa do hipertexto exige do leitor alguns conhecimentos prévios como a capacidade de associação de ideias, de fatos, de dados, *etc.* Há pessoas que têm maior facilidade em lidar com essas associações no meio digital devido à sua experiência na utilização da *internet*, outras já apresentam maior dificuldade pelo

fato de não serem usuários assíduos da *internet*. Por isso Coscarelli aponta que “o que é fácil para um usuário experiente pode ser extremamente difícil para um novato. Nem sempre as interfaces são amigáveis e fáceis de compreender” (COSCARELLI, 2012, p. 9). Isso é um fato que merece nossa atenção e cuidado.

E as interfaces dependem de um projetista, por isso o projetista deve fazer algumas escolhas ao construir um *site*. Ele precisa ter algumas informações tais como o público alvo, o objetivo do *site* a ser construído, *etc.*, para que ele defina como será a construção do *site*, a distribuição gráfico-visual dos hipertextos nos mesmos e crie uma interface adequada para a leitura dos hipertextos. Lévy (2011, p. 42) esclarece que “o leitor estabelece uma relação muito mais intensa com um programa de leitura e de navegação que com a tela”. A tela seria o aspecto visual e o programa de leitura é a ferramenta que organiza esse visual.

Coscarelli (2005, p. 115) afirma que “sem o estabelecimento de um propósito, é de se esperar que o leitor se sinta desorientado frente a um novo formato de organização de textos”. Como já assinalamos anteriormente, o autor tem um propósito ao construir os hipertextos e dispô-los em uma página, ele prevê um leitor. Então, é importante também, na leitura de um hipertexto, que o leitor levante hipóteses e faça previsões a respeito do conteúdo dos hipertextos que constituem as mídias digitais (DIAS, 2012). Ou seja, devemos pensar para onde seremos encaminhados ao manifestar nossa escolha sobre um hipertexto. “Navegar é preciso, mas se orientar é fundamental” (DIAS, 2012, p. 68).

Na leitura de um hipertexto, essas previsões orientam a escolha do caminho a seguir, são como rotas de navegação. O leitor selecionará um *link* se a hipótese sobre o seu conteúdo se adéqua a seus objetivos previamente estabelecidos. A desorientação é, muitas vezes, consequência de uma viagem mal planejada. (DIAS, 2012, p. 68)

Os gestos de leitura que serão projetados pelo autor nos hipertextos dispostos em uma página da *web* dependem da compreensão, por parte do leitor, dos seus objetivos. Se o leitor não conseguir compreender, por exemplo, que no canto superior esquerdo de um *site* está o nome do *site* e que, ao clicar nele, ele pode ser conduzido para outra página, ou até mesmo para outra parte da página onde ele se encontra, veremos que o objetivo do autor na disposição daquele hipertexto não foi totalmente atingido com aquele leitor.

Além disso, há algumas habilidades que são importantes para uma melhor interação com o ambiente digital, tais como: “Compreender os signos que compõem as interfaces gráficas dos computadores, de aparelhos celulares, de caixas eletrônicos, de *menus* interativos de DVDs, dominar o uso do *mouse* e do teclado e de outros dispositivos de interação, *etc.*” (NOVAIS,

2012, p. 12). Sem esses conhecimentos, é possível navegar pelos hipertextos, lendo-os, porém, com menos facilidade que um leitor que está habituado a lidar com esse aparato tecnológico. Dificilmente, um leitor desavisado vai clicar em um hipertexto que está localizado em uma região de uma página pensando que ele está ali intencionalmente.

Novais (2012) também relata que, em sua experiência de anos como professora de informática e lidando com um alunado bem variado de crianças, adolescentes, jovens, adultos, membros da terceira idade, *etc.*, não há uma regularidade na utilização do computador por essas pessoas, mas que certas experiências de letramento digital auxiliam “na identificação das ferramentas, das rotinas, das possibilidades de interação no ambiente virtual”. É mais fácil para uma pessoa que traz uma bagagem de experiência com mídias digitais navegar pelos hipertextos de uma página da *web*.

A autora ainda afirma que a grande maioria sempre tentou associar a experiência de outras situações ao uso do computador justamente por que cada usuário trazia consigo uma experiência única. Ou seja, experiências anteriores são válidas para essa leitura. Cada um deles tinha a sua forma peculiar de utilizar o computador. Uns tinham a experiência de utilizar as redes sociais, outros de utilizar o computador no trabalho, limitando-se a rotinas de serviço, outros de utilizar *chats*, e assim por diante. Existia um diálogo com outros textos.

A prática de leitura do hipertexto, apesar da sua não linearidade, não está apenas firmada no seu suporte, que é o computador ou nos dispositivos móveis, ou ainda nas convenções que regem a distribuição gráfico-visual dos hipertextos em uma página, mas também na experiência de leitura que o leitor traz consigo, que o leva a determinadas atitudes perante o texto tal como as tomadas de decisões, as escolhas, o conhecimento, as relações estabelecidas entre fatos, as interações sociais, *etc.* Todo esse aparato de leitura construído no decorrer da vida permite ao leitor realizar uma leitura mais eficiente ou menos eficiente, mais prática ou menos prática, mais subjetiva ou mais objetiva.

O texto que se apresenta diante do leitor vem dotado de múltiplas possibilidades de leitura, e o posicionamento do leitor diante dele é que vai determinar a sua leitura. É possível que o posicionamento assumido pelo leitor seja também o da vida real, das leituras de livros impressos ou, como foi falado anteriormente, das experiências do mundo real de se utilizar o computador. Isso não inviabiliza a leitura do hipertexto, muito pelo contrário, ajuda. O diálogo que o leitor estabelece com o hipertexto, embora seja, de alguma forma, uma tentativa do autor de projetar um leitor-modelo, por meio da distribuição gráfico-visual dos hipertextos em um *site*, não retira do leitor a possibilidade de romper com as convenções estipuladas pelo autor e estabelecer ele próprio suas relações com os hipertextos.

Tendo em vista o que estamos analisando aqui, não podemos tomar o leitor como um sujeito unicamente assujeitado e que vai seguir à risca as orientações de uma página da *web* para a sua leitura. Nem sempre ele vai seguir o *menu* que se apresenta ao lado da página, ou vai clicar naquilo que está em destaque em cores diferentes ou letras garrafais. O que deve ser considerado são as experiências de leitura que aquele leitor, daquela página, traz consigo, naquele momento, e como ele fará uso delas em suas escolhas, mesmo que as escolhas sejam momentâneas. É importante ressaltar que, aquele momento de leitura do hipertexto é único. Se o leitor abandonar aquela página e voltar a ela mais tarde, provavelmente, não fará a mesma leitura que fez em um momento anterior. Toda leitura é um evento discursivo singular.

Geraldi (2002) enfatiza essa “singularidade do momento discursivo”, quando discute e aponta que a singularidade faz parte da constituição da natureza do processo constitutivo da linguagem e dos sujeitos do discurso. O autor afirma que:

Evidentemente, os acontecimentos discursivos, precários, singulares, e densos de suas próprias condições de produção, fazem-se no tempo e constroem história. Estruturas linguísticas que inevitavelmente se reiteram também se alteram, a cada passo, em sua consistência significativa. Passado no presente, que se faz passado. (GERALDI, 2002, p. 4)

Braga (2004) afirma que todo texto pressupõe um leitor e que o uso do texto pressupõe um propósito, e o propósito é que motiva a leitura do texto, e isso não é diferente para o hipertexto. Então, “o hipertexto pressupõe um *aprendiz* ou alguém que o use para realizar alguma tarefa” (BRAGA, 2004, p. 25). E na realização dessa tarefa, ele pode construir relações que resgatam, em sua memória discursiva, eventos que o conduzem a agir sobre os hipertextos dessa ou daquela maneira. O que nos leva a pensar nas possíveis relações dialógicas que ele vai atualizar em sua leitura.

Independentemente de aparecer no formato impresso ou digital, o hipertexto é compreendido como uma estratégia que estabelece um caminho para a leitura utilizada, há séculos, pelos diversos leitores, numa tentativa de fazer associações entre o que estavam lendo, o que já tinha sido lido ou o que poderia vir a ser lido ainda, não importando o seu suporte. Sendo assim, o hipertexto, tomado como um conjunto de nós que permite vários desdobramentos, reflete no leitor as possibilidades de leitura construídas pelo autor. O que permite ao leitor agir sobre ele construindo um sentido vinculado àquilo que é projetado pelo seu autor.

3.2 A Leitura em Páginas da Web

Como já anunciamos no capítulo 2, a noção de leitura que orienta este estudo é cunhada no quadro do dialogismo, vista como uma atividade de *contrapalavra*. Dessa perspectiva, buscamos estabelecer um diálogo com estudiosos que se ocupam de pesquisas sobre a leitura em página da Web. Com esse propósito, abrimos esta seção com as reflexões de Nielsen sobre o tema.

De acordo com Nielsen (1997), que é chamado de ‘o pai da usabilidade’ e que realiza pesquisas em laboratórios para observar a maneira como os usuários navegam pelas páginas da *web* e para buscar formas para os projetistas de *sites* desenvolverem páginas mais fáceis de navegar, ou Krug (2013), potencial seguidor de Nielsen que baseia seus escritos nas pesquisas dele e endossa seus posicionamentos, tecnicamente, a leitura de páginas na *web* teria algumas particularidades que apresentaremos a seguir. Porém, o nosso grande questionamento é o se essas particularidades realmente seriam traços apenas da leitura na *web* ou seriam marcas de leitura em um texto impresso também.

Uma das características marcantes da leitura em páginas da *web*, retratada por Nielsen, é que os leitores não têm o hábito de ler todos os textos que eles encontram nos *sites*. Quando abrem uma página, eles não se preocupam em ler todas as palavras. Nielsen, ao relatar seus experimentos realizados com grupos distintos de pessoas usuárias do computador, em seus estudos sobre a usabilidade e a navegação, afirma que “raramente um usuário chega a ler todas as palavras de uma página da *web*; na verdade, ele pesquisa a página, selecionando palavras e frases específicas”⁵ (NIELSEN, 1997, s/p).

Mas, seria mesmo essa característica marcante somente na leitura nas mídias digitais? A leitura de jornais impressos, por exemplo, também não conduz o leitor a correr os olhos sobre as manchetes da primeira página e folhear as seções em busca de uma notícia que os interesse? Os sumários dos livros também não desempenham papel semelhante? O leitor não visita o sumário e corre os olhos pelo seu conteúdo tentando flagrar apenas o que mais lhe interessa? Se pensarmos nas práticas corriqueiras de leitura de impressos, observaremos que nós, leitores, fazemos isso com frequência. Então, é possível dizer que a leitura que realizamos das mídias digitais dialoga com alguma outra leitura que realizamos de um impresso.

Gomes (2010), ao realizar algumas comparações entre o texto impresso e o hipertexto, destaca que o texto impresso é organizado sequencialmente, porém, ele permite ao leitor

⁵ <http://www.nngroup.com/articles/>

“personalizar os caminhos de leitura” (p. 26). Posto isto, podemos dizer que o impresso, apesar de sua organização sequencial, não prende o leitor a uma leitura sequencial e linear, o leitor tem autonomia de “ir e vir” pelas páginas de um livro ou pelas seções de um jornal, privilegiando os seus interesses particulares.

Ribeiro (2013, p. 17 e 18), ao relatar seu experimento realizado com leitores já experientes de jornais impressos e digitais, mostrou, em suas observações, acompanhando esses leitores por algum tempo, que “os informantes trafegaram pelos ambientes impresso e digital de forma muito semelhante, nitidamente ancorando as leituras “na tela” na experiência de ler “no papel””. Os informantes, no caso os participantes da pesquisa, transferiram para a leitura no computador suas experiências de leitura no impresso.

Por ser um estudioso da área de usabilidade e, para aprofundar seus estudos, Nielsen sempre realiza vários testes e pesquisas com pessoas usuárias do computador. E ele afirma que, em um estudo recente, realizado por ele, foi descoberto que 79% dos usuários pesquisados sempre sondavam qualquer página que encontrassem pelo caminho em sua busca, mas que apenas 16% liam o texto inteiro dessas páginas, os outros apenas “corriam os olhos”.

Krug também é um pesquisador do assunto e se baseia nas pesquisas de Nielsen para descrever alguns aspectos da leitura na *internet*. Ele também afirma que “um dos poucos fatos bem documentados sobre o uso da *Web* é que as pessoas tendem a gastar muito pouco tempo lendo páginas *Web*. Em vez disso nós passamos por elas procurando palavras ou frases que nos chamem a atenção” (KRUG, 2013, p. 22). Segundo o autor, nós não lemos as páginas, apenas “damos uma olhada”. E isso ocorre pelos seguintes motivos: “geralmente estamos com pressa, sabemos que não precisamos ler tudo e somos bons nisso” (KRUG, 2013, p. 22).

Jouve (2002), em seus estudos sobre a leitura, em que ele a descreve, no que se refere ao suporte, de forma geral, nos apresenta a leitura, com base nos estudos de Gilles Thérien⁶, como um processo neurofisiológico e que não é possível sem o funcionamento do aparelho visual e de diferentes funções do cérebro. Ele diz que vários estudos mostram que os signos não são apreendidos um após o outro pelo olho, em uma sequência precisa, e destaca os estudos de François Richaudeau⁷. De acordo com Jouve, é um acontecimento frequente e comum pular

⁶ Gilles Thérien foi professor titular no Departamento de Estudos Literários da Universidade de Quebec-Montreal, participou da fundação do Programa de Doutorado em Semiologia, na mesma universidade. Sua pesquisa era centrada principalmente na relação da literatura com a imaginação e a memória.

⁷ Estudou o comportamento dos leitores de acordo com uso de tipografias, palavras, frases e estilos de textos de várias naturezas. Sua primeira pesquisa no laboratório sobre leituras tipográficas levou-o sucessivamente a estudar problemas de legibilidade linguística, depois de análises estilísticas quantitativas, em textos de grandes autores como Proust e Descartes, com descobertas originais sobre fatores psicanalíticos e estilísticos na base de todos os estilos.

certas palavras ou confundir os signos entre si na leitura de um texto, não o lendo em sua totalidade.

Krug (2013) ainda afirma que o que vemos quando abrimos uma página da *web* depende do que temos em mente, e o que temos em mente, geralmente, é uma fração da página, por isso vamos direto àquilo que estamos pensando porque procuramos por aquilo. Por isso que Krug ainda fala que a nossa tendência é focar em palavras ou expressões que se parecem com o que estamos procurando. Isso, para Bakhtin (2014), nada mais é do que a expressão organizando a atividade mental, modelando-a e determinando a sua orientação. Pois, para o autor, não é a atividade mental que organiza a expressão, mas o contrário.

Além disso, Krug diz que focamos também em palavras que têm algum efeito sobre o nosso sistema nervoso, como “grátis”, “venda”, “sexo”, *etc.*, e o nosso próprio nome. É a chamada linguagem promocional que “impõe um trabalho cognitivo aos usuários, os quais terão de desprender energia filtrando a hipérbole de modo a chegar aos fatos” (NIELSEN, 1997). Isso nos leva a refletir sobre o que Bakhtin (2014, p. 118) afirma sobre a expressão exterior, que ela “na maior parte dos casos, apenas prolonga e esclarece a orientação tomada pelo discurso interior, e as entoações que ele contém”. Tanto a atividade mental quanto a expressão exterior constituem-se um território social.

Nesse aspecto, Thérien (1990, p. 10), citado por Jouve (2002), referindo-se ao sentido da leitura para o leitor, afirma que “o sentido fixa no plano do imaginário de cada um, mas encontra, em virtude do caráter forçosamente coletivo de sua formação, outros imaginários existentes”, ou seja, ainda de acordo com Thérien, “o sentido no contexto de cada leitura é valorizado perante os outros objetos do mundo com os quais o leitor tem uma relação”. O imaginário coletivo se manifesta quando o leitor busca certas palavras em um *site* ou em um jornal impresso, que têm algum efeito sobre o sistema nervoso do leitor, como cita Nielsen. A própria linguagem promocional, também mencionada por Nielsen, é fruto do imaginário coletivo do leitor.

Segundo Krug (2013), as páginas que possuem conteúdos como notícias, relatórios ou descrições de produtos têm uma tendência maior de serem lidas, pois acumulam informações importantes para o usuário que as procura. Mas, de acordo com Krug (2013), mesmo nesses casos, se o documento for longo, existe uma tendência dos usuários em imprimi-las, porque a leitura fora da tela, em papel, para alguns, ainda é mais fácil e rápida. Todavia, isso não é uma regra que se aplica à grande maioria.

Esses dados advindos das pesquisas de Nielsen e que são endossados por Krug, nos conduz àquilo que Jouve (2002) fala sobre o pacto de leitura que há no texto entre o autor e o

leitor, independente do suporte do texto. Jouve (2002, p.69) afirma que “todo texto, de fato, inscreve-se numa linguagem, uma poética e um estilo, que são, para o leitor, sinais em seu trabalho de deciframento”. Portanto, independentemente de o texto ser veiculado em mídias impressas ou digitais, o pacto de leitura do autor com o leitor está lançado no formato em que o texto se apresenta. E esse formato é uma indicação do caminho de leitura que o leitor deve seguir.

Jouve (2002) nos mostra, no pacto de leitura, que “é propondo ao seu leitor um certo número de convenções que o texto programa sua recepção” (p. 67). Segundo o autor, “as primeiras linhas de um texto orientam a recepção de modo decisivo” (p. 68). A mesma coisa acontece em um *site*, por exemplo, a disposição gráfico-visual dos hipertextos serão um chamariz para o usuário/leitor. Ao abrir um *site*, a atitude do leitor é de observá-lo de forma geral, essas seriam as primeiras linhas do *site*.

Nielsen não apoia seus trabalhos nas teorias sobre a leitura, porque esse não é o seu foco, mas o que ele observa, em suas pesquisas, o mostra que é devido a esses aspectos da leitura em páginas da *web* - que, na verdade, não são particularidades da leitura de mídias digitais - que os *sites* precisam fazer uso de um texto pesquisável, no qual o leitor tenha vontade de explorar um pouco mais, de realmente permanecer na página por mais tempo. E, para o autor, um texto pesquisável é um texto que apresenta as seguintes características:

palavras-chave destacadas (os links de hipertexto servem como uma forma de destaque, as variações do tipo de letra e a cor são outras); subtítulos significativos (não "inteligentes"); listas com marcadores; uma ideia por parágrafo (os usuários ignorarão quaisquer ideias adicionais se não forem capturadas pelas primeiras palavras no parágrafo); o estilo pirâmide invertido, começando com a conclusão; metade da contagem de palavras (ou menos) do que a escrita convencional. (NIELSEN, 1997, s/p).

Ao observarmos os *sites* pelos quais navegamos na *internet*, vamos verificar que muitas dessas características apresentadas por Nielsen estão neles, justamente pelo fato de que tais características tornam o *site* mais atrativo para os leitores e também pelo fato de que isso se tornou um padrão nos *sites*. Dessa forma, o *site* que não segue alguns padrões já estudados e preestabelecidos, não terão os acessos dos usuários/leitores com tanta frequência ou, quando acessados, o leitor não permanece nele por muito tempo, pois vão fugir de um padrão com o qual as pessoas já estão acostumadas.

Tal padrão faz o uso de alguns artifícios que atraem o leitor para a navegação pela página. São os sons, as imagens, os *links*, as palavras destacadas e alguns outros aparatos que vão compor a página e chamar o leitor para a sua leitura. É essa multimodalidade das páginas

da *web*, ou seja, a utilização de diferentes recursos semióticos, que as tornam mais atrativas e convidam o leitor para a permanência nelas por mais tempo ou para retornarem às mesmas em outros momentos.

Vejamos, agora, a questão da multimodalidade e procuraremos articulá-la com a noção de multiletramentos.

3.3 Multimodalidade e Multiletramentos: Permitindo a Interatividade

Kress e Van Leeuwen (2001, p. 20) definem a multimodalidade “como o uso de muitos modos semióticos no *design* de um produto ou evento semiótico, junto com a maneira particular que esses modos são combinados [...]”. A partir do conceito dos autores, podemos deduzir que o texto, que pode ser entendido como um produto ou um evento com características semióticas, trará, na sua constituição, vários elementos que vão dar composição à sua estrutura e atribuir-lhe um sentido. Então, é perfeitamente possível afirmar que ele estará envolto na multimodalidade e que a multimodalidade vai contribuir com o seu sentido.

Os mesmos autores ainda afirmam que “todos os textos são multimodais. A língua sempre tem de ser realizada por meio de, e vem acompanhada de outros modos semióticos” (KRESS e VAN LEUWEEN, 1998, p. 186). Seguindo essa mesma perspectiva, Kress e Van Leeuwen (1992) também afirmam que consideram multimodal qualquer texto que utiliza mais de um recurso semiótico (verbal, visual, gestual, sonoro, entre outros). Portanto, em princípio, qualquer texto é multimodal, pois eles sempre utilizam mais de um recurso semiótico. Dessa forma, dificilmente encontraremos um texto cuja presença da multimodalidade se distancie da sua constituição.

Iedema (2003), citado por Gomes (2010), nos afirma que “o termo multimodalidade foi introduzido para realçar a importância de considerar os diferentes modos de representação: imagens, música, gestos, sons, *etc*, além dos elementos lexicais, nas análises de textos”. Nesse aspecto, é importante ressaltar que, no texto, a escrita é um elemento de fundamental importância para a estruturação do texto, porém ela se torna ainda mais relevante com a colaboração dos outros elementos da linguagem que vão caracterizar a multimodalidade no texto e contribuir, ainda mais, para a compreensão do mesmo. Se um texto se apresenta única e exclusivamente na forma escrita, sem, sequer, uma formatação adequada, provavelmente terá dificuldades em encontrar leitores.

Concordando com Kress e Van Leeuwen, atualmente, é quase impossível pensar em um texto sem os aspectos multimodais, principalmente em função do computador que se

multiplicou por todas as áreas da sociedade. Mas não somente por causa do computador. Os textos, em geral, se tornam, a cada dia, mais atrativos, porque o leitor busca textos que interajam mais com ele, e a atratividade estará justamente na interação. Textos mais dinâmicos, que contêm elementos tais como figuras ou algum tipo de animação, trazem consigo uma tendência maior de serem mais procurados para uma leitura e, conseqüentemente mais lidos. E essa atratividade desses textos advém também dos elementos que compõem a multimodalidade dentro deles.

Nos textos impressos com os quais temos contato, no nosso dia a dia, é possível observar a presença da multimodalidade. Boa parte desses textos impressos utilizam recursos tais como: a escrita, as figuras, os gráficos, as notas de rodapé, as citações, a própria disposição do texto no papel, ou seja, o seu *design*, etc. Todos esses artefatos do texto podem ser combinados, fazendo com que o texto se torne multimodal. Chartier (2001, p. 219) afirma que “qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor”. E, nesse aspecto, podemos pensar no texto digital, cujo suporte, muito diferente do papel, abre novas práticas de leitura para o leitor dos tempos atuais.

Por isso, a afirmação de Chartier também é válida para os textos digitais. O autor não define um suporte específico, quando se refere ao texto. Se atentarmos para os textos cujo suporte é o computador, ou seja, os textos digitais, vamos encontrar a multimodalidade de forma ainda mais intensa e de forma efetiva. Os textos digitais são cobertos de hipertextos que podem aparecer no formato de *links*, sons, figuras, palavras destacadas, etc. Esses elementos que chamamos de hipertexto, como já foi afirmado anteriormente, constitui a multimodalidade no texto digital. Dificilmente encontraremos uma página da *web* que não venha permeada de hipertextos, pois os hipertextos são constitutivos dos ambientes digitais. Porém, “as modalidades ou semioses que podem comparecer na composição de um texto em um gênero dependem, de certa maneira, das mídias em que esse texto foi produzido e circula” (ROJO e BARBOSA, 2015, p. 111).

Tendo em vista que as mídias são o conjunto dos diversos meios de comunicação, que têm por finalidade a transmissão de informações e conteúdos variados, os textos que circularão por elas também terão uma multimodalidade diversificada. Tomemos como exemplo uma reportagem em um jornal transmitido pela TV em que um repórter entrevista pessoas. Vamos ter ali um relato de um repórter com a participação de pessoas que estão em determinado local. Tal acontecimento terá características próprias daquela mídia, ou seja, entrevistas ao vivo, com perguntas elaboradas no momento da entrevista e respostas espontâneas dos participantes. O que seria diferente de um jornal para ser lido *online*, como um portal que traria várias notícias

em sua página e que o leitor pudesse escolher uma dessas notícias que poderiam aparecer na forma de vídeos ou em um texto escrito. São mídias diferentes que utilizam modalidades de textos diferentes para a compreensão do leitor daquela mídia.

Uma importante contribuição que temos nesse sentido é de Ribeiro (2013). A pesquisadora enfatiza que, se, de um lado, temos textos que se preocupam com a forma textual e gráfica, por outro lado, temos que nos preocupar, também, com a leitura desses textos. Eis aqui uma questão para uma importante reflexão. É preciso pensar em como esses textos serão lidos, na sua receptividade pelo leitor. E não podemos pensar que serão lidos de forma aleatória e sem um propósito. Pensar dessa forma seria desmerecer o leitor e ignorar a sua formação leitora.

Para a leitura dos textos que circulam na sociedade, é necessária a compreensão dos mesmos. Compreendê-los como textos carregados de significados, atribuir-lhe sentido e interagir com eles é uma atividade que nos leva a entendê-los nos variados contextos em que podem ser empregados. Se o leitor espera compreender o texto, o texto, tomado em uma concepção de que a palavra é a ponte entre ele e o seu interlocutor, como pondera Bakhtin, também espera ser compreendido pelo leitor. Isso é uma operação natural. É necessário, nesse movimento, e considerando a leitura numa perspectiva dialógica, que o leitor dialogue com o texto. E tal diálogo só será possível se o leitor tomar a consciência de que o que está nas mãos dele é um texto que precisa da sua intervenção para adquirir um significado. Um texto que não tem sentido para quem o lê não alcançou a categoria de texto no sentido de suscitar uma compreensão por parte de quem o lê e não concluiu seu objetivo. Ou seja, o leitor não conseguiu agir sobre ele de forma responsiva para suscitar a *contrapalavra*.

Seguindo essa lógica, Rojo (2012b) aponta para os multiletramentos. A autora nos mostra dois tipos específicos de multiplicidade que estão presentes em nossa sociedade e que devem ser considerados quando nos engajamos no propósito de adentrar no terreno do multiletramento. O primeiro tipo é a multiplicidade cultural das populações, e o segundo é a multiplicidade semiótica que constitui os textos. Não devemos desprezar nem uma nem outra quando analisamos questões relacionadas ao multiletramento, pois ambas fazem parte da produção textual de uma sociedade.

Segundo Rojo (2012b, p. 13), a multiplicidade de cultura que se manifesta à nossa volta “são produções culturais letradas em efetiva circulação social, como um conjunto de textos híbridos de diferentes letramentos e de diferentes campos”. Os textos se originam de letramentos vernaculares e dominantes, e podem, também, ser textos populares, de massa, eruditos, mas, “desde sempre, híbridos, caracterizados por um processo de escolha pessoal e

política e de hibridização de produções de diferentes ‘coleções’” (ROJO, 2012b, p. 13). Isso nos coloca diante de textos que têm fundamento em outros textos e que, por sua vez, foram influenciados, também, por outros textos.

Os textos que nos rodeiam e que chegam até nós, leitores, são textos construídos a partir de uma leitura de vários outros textos. Dentro de um texto, há tantos outros textos “lidos”, durante a vida, pelo seu autor, tantas experiências de leitura e mesmo de vida que chegam até nós de formas diferentes por meio dos “novos” textos que, na verdade, são novos porque estão sendo escritos naquele momento, mas que já têm, na sua composição, uma experiência de outros textos passados.

Como já discutimos, sob a perspectiva dialógica adotada nesta pesquisa, os textos trazem, na sua constituição, outros textos. Posição análoga a essa, pensada sob um ponto de vista discursivo, encontramos no momento em que enxergamos que o sentido do texto não existe nele mesmo, “mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico em que as palavras são produzidas” (ORLANDI, 1999, p. 58). Por isso, podemos afirmar que o texto, em sua constituição e sob o ponto de vista ideológico, não é homogêneo, ele será formado por tantos outros textos quantos o atravessarem. É preciso considerar “o contexto histórico-social, ideológico, a situação, os interlocutores e o objeto do discurso, de tal forma que aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação aos outros discursos e *etc*”. (ORLANDI, 1999, p.85)

Retomando Rojo, sem dúvida, a multiplicidade semiótica constitutiva da linguagem nos textos ocorre tanto em textos impressos quanto digitais. A autora aponta que “as imagens e o arranjo de diagramação impregnam e fazem significar os textos contemporâneos – quase tanto ou mais que os escritos ou a letra” (ROJO, 2012b, p. 19). Mais uma vez, temos presente aqui, na afirmação de Rojo, a multimodalidade, ou seja, “os textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar” (ROJO, 2012b, p. 19).

Os multiletramentos constituem um fator indissociável, da multimodalidade. Perceber e entender os vários textos que estão dentro de um texto e como eles operam entre eles para atingir o leitor e provocar um sentido para o mesmo é importante para o desenvolvimento de uma leitura com um significado. Textos multimodais continuarão a existir e vamos encontrá-los todos os dias, e não é uma questão de escolha, escolhendo ou não, eles estarão presentes no nosso dia a dia do trabalho, da escola, da igreja, da academia, *etc*. Caso não passemos pelos multiletramentos para conhecer as várias modalidades dentro do texto, teremos sim dificuldade

na leitura do texto e no uso da *contrapalavra* de Bakhtin para dialogar com o texto e assumir uma postura responsiva diante dele.

Ribeiro (2010, p. 22) afirma que “nesse sentido, o letramento é uma questão que se impõe. Participar das práticas sociais na cultura letrada é uma aproximação com a leitura e a escrita”. A autora afirma que “letramento é, aqui, prática social”. E, no momento em que vivemos, em que as tecnologias digitais invadiram a nossa “paisagem comunicacional” (KRESS, 2003), elas trouxeram também uma diversidade maior às nossas práticas na cultura escrita, criando novas modulações, muitas vezes ligadas ao prestígio da língua, e fez com que isso circulasse.

Segundo Rojo (2012 b), o melhor lugar para existirem os multiletramentos é “nas nuvens”, principalmente devido à característica mais relevante deles que é a interatividade. Existe, nesse espaço, “nas nuvens”, a interatividade em vários níveis, “na interface, das ferramentas, nos espaços em rede dos hipertextos e das ferramentas, nas redes sociais, etc.” (ROJO, 2012b, p. 23). De acordo com a autora, a interatividade permitiu não somente a interação, mas a produção colaborativa de textos, que constitui algo muito novo para a sociedade. Nos dias de hoje, é possível a produção de textos com outra pessoa que não esteja assentada do seu lado, mas em outro lugar, diante de um computador. O próprio ato de comentar um *post* em uma rede social é uma produção colaborativa. Existe uma troca de opiniões sobre aquele tema.

Para compreendermos um pouco mais a evolução dessa interatividade até chegarmos ao ponto em que estamos da produção colaborativa de textos na *web*, é importante discorrer algumas linhas sobre o avanço tecnológico que norteou a *internet* e que permitiu toda essa interação dos usuários com o computador. O avanço da *web* foi e é um fator essencial para a produção textual que temos hoje na *internet* e para a transformação do leitor de textos impressos para leitor de textos digitais.

Nos dias de hoje, temos uma *internet* dinâmica, colaborativa e muito rápida. Mas nem sempre as coisas aconteceram dessa maneira. A *internet* outrora não permitia aos seus usuários a utilização de tantos recursos como permite hoje. Escrever comentários, curtir uma postagem, apagar o que se escreveu, inserir figuras, *etc.* são recursos relativamente novos que surgiram com a *Web 2.0*. Antes da *Web 2.0* isso não era possível, vivíamos uma época em que só se visualizavam os textos para uma leitura, sem a participação do leitor de forma mais efetiva e dinâmica.

A primeira geração da *internet*, a chamada *Web 1.0*, fornecia, principalmente, informação unidirecional, ou seja, de um para muitos, igual a uma cultura de massa (ROJO,

2015). Era uma *internet* estática, que não permitia a colaboração do usuário e oferecia para as pessoas uma interação mais restrita. Segundo Deitel, Deitel e Steinbuhler (2004, p. 5), a *Web 1.0* “permitia aos usuários de computador localizar e ver documentos multimídia (documentos com texto, gráficos, animações, áudio e/ou vídeos) sobre qualquer assunto”, mas não permitia ao usuário interagir com eles, era bem limitada em seus recursos.

Com a chegada da *Web 2.0*, o cenário da *internet* mudou muito. De acordo com Primo, a *Web 2.0* foi criada para “potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo” (PRIMO, 2007, p. 1). Além disso, o mesmo autor afirma que ela “tem repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações” (PRIMO, 2007, p. 1). Tudo isso permite, hoje, que usuários do computador se comuniquem por meio dos textos e que haja a troca de informações nos textos com esse caráter colaborativo.

Essa evolução da *internet* nos trouxe grandes benefícios e alguns percalços, claro. A partir da *Web 2.0* é que foi possível evoluir para o ponto que estamos, nos dias de hoje, em termos de *internet*. Sem essa evolução, não estaríamos pensando, agora, com mais veemência e com uma responsabilidade maior ainda, nesse leitor que precisa passar pelos multiletramentos, ou que precisa ler os textos multimodais e encontrar neles um sentido. Mas, por outro lado, por deficiência do nosso sistema, muitos ainda são excluídos desse processo de letramento e, conseqüentemente, não conseguem perceber em um texto mais que as palavras. O que dificulta, para boa parte da população leitora, uma compreensão do texto mais apurada.

É importante pensar a multimodalidade e a semiose nos textos, mas também é importante pensar na leitura desses textos multimodais e semióticos. Nesse sentido, enfatizamos o autor que terá que pensar o texto prevendo um leitor e, dessa forma, planejar o texto. Orlandi (1999, p. 77) descreve o autor da seguinte forma:

Diríamos que o autor é a função que o eu assume enquanto produtor de linguagem. Sendo a dimensão discursiva do sujeito que está mais determinada pela relação com a exterioridade (contexto sócio histórico), ela está mais submetida às regras das instituições. Nela são mais visíveis os processos disciplinares. (ORLANDI, 1999, p. 77)

Esse movimento que o autor tem que fazer para construir o seu texto é mais sofisticado e exige um conhecimento mais apurado de alguns pressupostos que regem a leitura, ou pelo menos, a leitura daquele tipo de texto, é um conhecimento mais institucionalizado, apegado às regras. Portanto, nos dias de hoje, quando um profissional da área da tecnologia da informação

pensa na construção de uma página da *web*, ele precisa pensar também em como ela será lida. Na verdade, ele projeta um leitor para a página que ele está construindo, e essa projeção é feita a partir da organização dos hipertextos na página como um gesto de leitura. E é essa a nossa discussão do próximo tópico.

3.4 Os Gestos de Interpretação

Ao lidarmos com os textos digitais, lidamos também com um novo olhar, um novo suporte e uma nova estrutura textual, a estrutura dos hipertextos digitais, estruturas dinâmicas e bem interativas, que exigem do leitor algumas ações antes não exigidas na leitura de um texto impresso. Essa estrutura nos abre muitas possibilidades de leitura, pois não existe mais uma sequência linear de um livro. São textos espalhados por uma página que se tornam uma rede de sentidos quando o leitor estabelece para eles uma sequência ou uma conexão. Devido a particularidades como essas, ler textos digitais não implica apenas em criar novas maneiras de leitura ou usar a criatividade, como pensam muitas pessoas, mas em colocar em prática gestos de leitura/interpretação que vão permitir ao leitor agir sobre o texto e mostrar que, naquele gesto, está a compreensão.

Pêcheux (1994), ao falar do arquivo, nos apresenta a leitura como um trabalho social que tinha suas divisões. Nessa perspectiva, o autor mostra que há duas tradições de trabalho de arquivo, uma literária e outra científica. Ele salienta que tradicionalmente os literatos são os profissionais de leitura de arquivo e os cientistas são os fabricantes das novas tecnologias e sustentadores das leituras dos literatos. Então, considerando essas duas tradições, na concepção do autor, a leitura apresenta-se como uma reorganização social do trabalho intelectual. Pensar a leitura em termos de gestos de interpretação nos mostra sua função social e o seu funcionamento nos textos digitais. Vai muito além de conceber a leitura como uma decodificação ou identificação de um hipertexto.

Os cientistas aos quais Pecheux se refere seriam aqueles que chamamos de técnicos, nos dias de hoje, e que são responsáveis pela organização e disposição dos hipertextos nas páginas da *web*. São eles os projetistas que, ao pensarem um *site*, também pensam na ação e na reação do usuário/leitor ao encontrar com os hipertextos, tentando, dessa forma, projetar alguns gestos de leitura nos hipertextos que guiarão os leitores. Sendo assim, distribuem, nas páginas que criam, os hipertextos, conforme convenções já preestabelecidas que visam atrair a atenção do usuário/leitor para a navegação por eles, no intuito de obterem um clique, que seria o sinônimo da sua leitura e da sua compreensão.

Quando dedicamos, neste trabalho, um tópico à leitura em páginas da *web*, enumeramos alguns pontos importantes que são tomados como base para um projetista criar um *site* e dispor os hipertextos nele de forma a provocar a leitura. Entretanto, esclarecemos que esses pontos não são específicos para hipertextos digitais, pois são perfeitamente aplicáveis às leituras dos textos impressos também. Nesse ponto, o que difere a leitura do hipertexto digital e do texto impresso é que o hipertexto digital é projetado pelo autor para ser um gesto de leitura para o leitor. Por isso ele segue convenções em sua composição gráfico-visual pelos *sites* que vão orientar o leitor a clicar neles para descobrirem outras leituras que há por trás daquele hipertexto.

Nessa mesma perspectiva, Orlandi (2012) retoma o que Barthes já afirmava, que a leitura implica em uma inclinação do olhar. Segundo Orlandi, (2012, p. 63) “o olhar inclina-se sobre o texto. Diante do texto o olhar ‘bate’ em pontos diversos, mas pela sua inclinação, há uma disciplina que faz com que o olhar dirija-se a esse e não àquele ponto”. Isso nada mais é do que a manifestação de um gesto de leitura do leitor sobre a materialidade discursiva do texto. Existe nesse movimento uma relação que Orlandi chama de “relação do sujeito-autor com a textualização do discurso”. A forma composicional do texto nos permite essa inclinação do olhar.

Os pesquisadores da área técnica, como Nielsen, por exemplo, não nos propõem algo diferente do que afirma Orlandi. Eles ponderam que, ao olharmos para uma página da *web*, não enxergamos todo o seu conteúdo, mas somente aquilo que nos interessa. E o que nos interessa, segundo eles, é o mínimo da página, ou seja, são as letras maiores, as cores mais marcantes, as figuras ou palavras que nos chamam a atenção de alguma forma. Não enxergamos o texto em letras miúdas, nos pequenos detalhes, nosso olhar é guiado para os pontos destacados não somente pelo autor, mas pela nossa atenção.

Pêcheux (1969) afirma que gestos são atos no nível simbólico. Então, Orlandi (2010), apoiando-se no que diz Pêcheux, pondera que, quando se junta gestos à interpretação, abarca-se mais do que afirmava Pêcheux quando se referia aos gestos, pois ele os pensava como ações, como, por exemplo, assobiar. Orlandi afirma que “No modo como tomo a questão do gesto e o ligo a interpretação, estou dizendo que, na prática simbólica, produzimos gestos de interpretação, sendo estes, modos de interferir no mundo, através da prática simbólica que é a interpretação (ORLANDI, 2010, p. 10). Olhamos para um objeto e, nele, manifestamos um gesto de leitura/interpretação quando o interpretamos segundo o nosso conhecimento das coisas ou do mundo.

E a questão do gesto de leitura no hipertexto envolve justamente o que a autora afirma. Os hipertextos digitais são elaborados para projetarem para o leitor gestos de leitura. E esses gestos estão imbricados na interpretação. A compreensão, por parte do leitor, sobre o hipertexto digital posicionado em determinado lugar em uma página é que conduz esse leitor a clicar sobre aquele hipertexto e fazer dele um gesto de leitura e desvendar aquele nó que o conduzirá a outros textos que vão esclarecer ainda mais aquele hipertexto inicial, formando uma rede de sentidos.

Os gestos de leitura, também tomados como gestos de interpretação, como bem pondera Orlandi (1996), estão vinculados à ideologia, “pois é no trabalho da interpretação, que podemos apreciar os efeitos da ideologia funcionando” (ORLANDI, 2013, p. 4). Só haverá, por parte do leitor, um gesto de leitura sobre um hipertexto se houver uma identificação ideológica com o mesmo. Retomamos, em nossa memória, algo que nos relaciona àquele texto. A questão ideológica, nesse ponto, torna-se fundamental para provocar um gesto, pois há uma pluralidade dos gestos de leitura que passeia neste espaço de constituição de memórias. E, como leitores, podemos nos apossar desses gestos no momento da leitura dos hipertextos, tornando-os textos compreensíveis para nós mesmos.

Orlandi (1999, p. 9) aponta que a leitura é produzida “[...] não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modo de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade”. Não há gesto de leitura sem sentido, alheio aos hipertextos de uma página da *web*, porque as páginas são configuradas por seus projetistas pensando nos gestos do leitor sobre os hipertextos. Há todo um aparato tecnológico e linguístico que prepara o hipertexto como um gesto de leitura e, ao mesmo tempo, para provocar, no leitor, um gesto de leitura.

Jouve (2002, p. 67) afirma que existe um “pacto de leitura” firmado entre o autor e o leitor que se configura da seguinte forma: “É propondo a seu leitor um certo número de convenções que o texto programa sua recepção”. Os textos seguem normas e definem o modo como serão recebidos pelo leitor, ou seja, como serão lidos por eles. Um exemplo, que ilustra bem essa questão, é o gênero, que remete o texto para convenções tácitas e orienta as expectativas do leitor.

Nesse aspecto, os gestos de leitura se tornam verdadeiras relações dialógicas na leitura dos hipertextos digitais, que são constitutivamente recobertos por convenções que regem a sua configuração nas páginas da *web* e que suscitam sentidos na sua leitura. O posicionamento dos nós, em uma página, são predominantemente estruturados de forma a respeitar convenções já estabelecidas anteriormente para isso. Essa estratégia já indica uma tentativa de direcionamento

da leitura que, na maior parte das vezes, funciona e conduz o leitor em sua navegação pela página.

Todo esse jogo de convenções, de normas estabelecidas para a recepção do texto pelo leitor desencadeia a formação de um leitor já pensado lá no início da constituição do texto como tal. Surge, nesse entremeio, o leitor modelo, assim denominado por Humberto Eco, que se torna alvo das projeções textuais criadas pelo autor do texto, para uma melhor recepção do seu texto. É por isso que abrimos um espaço para falar sobre esse leitor, que será retratado no tópico seguinte.

3.5 O Leitor Modelo

Analisar a constituição dos hipertextos dispostos em uma página da *web* nos leva a crer que a sua distribuição pela página nada mais é do que uma modelagem realizada pelo autor para instruir o leitor para uma leitura direcionada. Para que esse evento ocorra, o autor utiliza de estratégias as quais serão discutidas neste trabalho e que mostram o constante exercício do autor em projetar no leitor uma leitura dos hipertextos digitais. Mas para endossar esse esforço do autor, neste tópico, faremos uma abordagem das estratégias de projeção da leitura do autor sobre o leitor, sob o enfoque de Humberto Eco, quando ele aponta para o leitor-modelo como alvo do texto produzido pelo autor.

Para Eco (2017, p. 35), “um texto representa uma cadeia de artifícios de expressão que devem ser atualizados pelo destinatário” e é considerado incompleto pelo autor por duas razões apresentadas por ele. A primeira delas diz respeito não somente aos objetos linguísticos que nos rodeiam e propusemos a considerar como texto, mas a tudo o que se refere a mensagens, a frases e a termos isolados, que também serão considerados textos. Por isso o texto prevê um destinatário que, como aponta Eco, está disposto ao abrir o dicionário para qualquer palavra. Ou melhor dizendo, sob uma perspectiva dialógica, como é assumida neste trabalho, que procura entender o sentido do texto, em uma atitude responsiva, para se emitir uma *contrapalavra*.

Eco postula, porém, que um texto se difere de outros tipos de expressões pela sua complexidade. E a sua complexidade se manifesta naquilo que Ducrot (1972) já chamava de “não-dito”. O não-dito seria aquilo que não se manifesta na superfície do texto, o que não é palpável, mas que conta com a atualização do leitor no nível do conteúdo, ou seja, do seu conhecimento. E para que isso se efetive, “requer movimentos cooperativos, conscientes e ativos da parte do leitor” (ECO, 2017, p. 36). O leitor não pode se apresentar passivo diante do

texto. Então, ele deve atualizar a sua enciclopédia para compreender certas proposições que não estão visíveis no texto.

Seguindo essa posição, Eco (2017) diz que:

O texto está, pois, entremado de espaços brancos, de interstícios a serem preenchidos, e quem o emitiu previa que esses espaços e interstícios seriam preenchidos e os deixou brancos por duas razões. Antes de tudo porque um texto é um mecanismo preguiçoso (ou econômico) que vive da valorização de sentido que o destinatário ali introduziu; e somente em casos de extremo formalismo, de extrema preocupação didática ou de extrema repressividade o texto se complica com redundâncias e especificações ulteriores — até o limite em que se violam as regras normais de conversação. Em segundo lugar, porque à medida que passa da função didática para a estética, o texto quer deixar ao leitor a iniciativa interpretativa, embora costume ser interpretado com uma margem suficiente de univocidade. Todo texto quer que alguém o ajude a funcionar. (ECO, 2017, p. 37)

O que queremos dizer com isso é que um texto prevê um destinatário como uma condição indispensável para que ele (o texto) possa ser interpretado. O texto é emitido por alguém que o atualiza e destina-se a alguém que tenha além das competências linguísticas de “decodificação” a capacidade de desencadear pressuposições que estão além do texto. O autor do texto deve prever uma série de competências que confirmem conteúdo ao que ele escreve, e deve perceber que o leitor-modelo para o qual ele escreve deverá ter essas mesmas competências para atualizar o seu texto. Caso contrário, a interpretação ou não acontecerá ou acontecerá com maior dificuldade.

“Podemos dizer melhor que o texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do próprio mecanismo gerativo. Gerar um texto significa executar uma estratégia de que fazem parte as previsões dos movimentos de outros — como, aliás, em qualquer estratégia” (ECO, 2017, p. 39). A construção de um texto não se resume no ato de escrever, mas de pensar adiante, naquele que será o destinatário do texto.

Por isso, o autor, na produção do seu texto, faz uma seleção do leitor-modelo que ele pretende atingir. E várias são as formas de escolhas, segundo Eco (2017, p. 40). “A escolha de uma língua (que exclui obviamente quem não a fala), a escolha de um tipo de enciclopédia (se começo um texto com |como está claramente explicado na primeira Crítica... |, já reduzi, e bastante corporativamente, a imagem do meu Leitor-Modelo), a escolha de um dado patrimônio lexical e estilístico...”. Então, em algum momento, o leitor enciclopedicamente carente será apanhado de surpresa.

O que podemos observar é que, de um lado, o autor pressupõe a competência do leitor-modelo, mas, de outro, ele a institui. “Portanto, prever o próprio Leitor-Modelo não significa somente “esperar” que exista, mas significa também mover o texto de modo a construí-lo. O

texto não apenas repousa numa competência, mas contribui para produzi-la” (ECO, 2017, p. 40). Ou seja, se o leitor-modelo não tem a competência projetada pelo autor, ele poderá adquiri-la a partir da sua iniciativa de leitura, da sua ação sobre o texto. É por isso que encontramos vários leitores que, ao acessarem uma página, já sabem como farão a leitura da mesma, pois já as conhecem pelo fato de navegarem sempre por páginas da *web* e já terem percebido as semelhanças ou diferenças existentes entre elas.

Na análise realizada nos *sites* escolhidos para esta pesquisa, verificamos que a forma composicional dos hipertextos nesses *sites* ocorre de forma semelhante. Há algumas variações, mas, em sua maioria, as semelhanças se sobressaem. Isso nos mostra, mais uma vez, o que já afirmamos anteriormente e voltamos a afirmar, agora, baseados na nossa pesquisa, que quanto mais o leitor navega por páginas da *web*, mais a sua competência leitora de *sites* se aprimora, se atualiza, pois a semelhança entre a disposição gráfico-visual dos hipertextos nas páginas da *web*, possivelmente, forma um leitor que, ao abrir uma página, já faz uma previsão daquilo que ele pode encontrar.

Eco (2017, p. 45) ressalta, com muita clareza, em seus textos, que “toda vez que usarmos termos como Autor e Leitor-Modelo, sempre entenderemos, em ambos os casos, tipos de estratégia textual. O Leitor-Modelo constitui um conjunto de condições de êxito, textualmente estabelecidas, que devem ser satisfeitas para que um texto seja plenamente atualizado no seu conteúdo potencial”. Então, o leitor-modelo não pode ser tomado como uma pessoa, mas como a capacidade intelectual de compartilhar um determinado estilo, conhecimento, técnica, *etc.*, cooperando para a atualização do texto.

Visto que o autor e o leitor constituem duas estratégias textuais e, conseqüentemente, discursivas, como afirmamos neste trabalho, de um lado, teremos um autor empírico que deduz um leitor-modelo sobre o qual projeta o seu texto e espera uma resposta às suas investidas; de outro, teremos um leitor empírico capaz, também, de deduzir um autor para o texto que lê a partir dos dados da estratégia textual utilizada pelo autor. O que podemos observar é que ambos, autor e leitor, andam alinhados em suas estratégias. Os dois farão previsões um sobre o outro.

Porém, para Eco, parece mais seguro pensar na hipótese que o leitor empírico formula acerca do Autor-Modelo do que o contrário, pois, “com efeito, o segundo deve postular algo que atualmente ainda não existe e realizá-lo como série de operações textuais; o primeiro, ao invés, deduz uma imagem-tipo de algo que se verificou anteriormente como ato de enunciação e está textualmente presente como enunciado” (ECO, 2017, p. 46). Mas o fato é que ambos precisam se encontrar, e esse encontro é parte constitutiva do processo de leitura.

Podemos perceber que existe uma cooperação textual entre ambos, mas “como cooperação textual não se deve entender a atualização das intenções do sujeito empírico da enunciação, mas as intenções virtualmente contidas no enunciado [...] a cooperação textual é fenômeno que se realiza, repetimo-lo, entre duas estratégias discursivas e não entre dois sujeitos individuais” (ECO, 2017, p. 46). Nesse sentido, não podemos tomar, então, os sujeitos da enunciação, na sua forma de indivíduos, recobertos por seus diversos sentimentos, mas seus discursos orientados pela sua ideologia que permanece em sua memória discursiva.

Diante do exposto, podemos concluir que, como o próprio Eco afirma, “para realizar-se como Leitor-Modelo, o leitor empírico tem naturalmente deveres "filológicos", ou seja, tem o dever de recuperar, com a máxima aproximação possível, os códigos do emitente” (ECO, 2017, p. 47). Como espelho daquilo que o autor espera encontrar, o leitor corresponde às expectativas do autor e consolida aquilo que se espera de um texto, ou seja, a sua leitura e compreensão, que podemos assim dizer que é a *contrapalavra*. E é nesse movimento que se concretiza a enunciação.

4 SOBRE A PESQUISA E SEUS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, dedicado aos procedimentos metodológicos, procuramos descrever o caminho que percorremos para realizar este estudo. Pormenorizamos o universo da pesquisa, enfatizando a sua importância e a sua contribuição para a leitura nas mídias digitais; discorremos sobre a coleta dos dados, detalhando como ela foi realizada; explicamos o porquê de ela ter sido realizada da maneira proposta; e ressaltamos a relevância da sua constituição para o *corpus* do nosso trabalho.

4.1 O Universo da Pesquisa

Como já foi assinalado neste trabalho, em seus objetivos e reforçado em alguns outros pontos, esta pesquisa tem como finalidade realizar uma análise do fenômeno do hipertexto em termos de um ‘gesto de leitura’ que é projetado pelo autor modelo no processo de composição de textos produzidos em mídia digital, ou seja, nos hipertextos digitais. Para alcançarmos tal objetivo e realizarmos uma pesquisa que realmente contemplasse o que pretendemos comprovar, percorremos todo um caminho que nos permitiu concluir a pesquisa e que será descrito nas linhas a seguir.

Tendo em vista o objetivo principal da nossa pesquisa e a natureza de seu objeto de estudo, nossa investigação é caracteristicamente alinhada a um estudo de base qualitativo e interpretativo. Para melhor precisar a noção de pesquisa qualitativa, parece-nos oportuno trazer as palavras de Gerhardt e Silveira (2009, p. 31), que afirmam que a pesquisa qualitativa “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão” de um fenômeno. O nosso trabalho não foi desenvolvido a partir de um *corpus* extenso que considerava a quantidade, muito pelo contrário, visava ao entendimento de um fenômeno observado, que focaliza a qualidade do estudo. Por isso, não nos preocupamos em inflar o nosso *corpus*, mas em garantir uma amostra representativa que ilustra de forma adequada o que pesquisamos.

Aliado ao caráter qualitativo, podemos considerar, também, este estudo uma pesquisa de natureza explicativa, porque, como ainda postula os mesmos autores citados acima, Gerhardt e Silveira (2009, p. 35), ela “explica o porquê das coisas através dos resultados oferecidos”. Além disso, ela “visa identificar os fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos ou variáveis que afetam o processo” (JUNG, 2004, p. 153). Nisso consiste o trabalho de natureza explicativa. Então, metodologicamente falando, teremos aqui uma pesquisa de índole

qualitativa no que se refere aos procedimentos utilizados para a sua realização e, também, uma pesquisa de caráter explicativo, no que diz respeito aos seus objetivos.

Sob esse enquadre, a proposta metodológica para o trabalho se desenvolve partindo-se, inicialmente, de uma pesquisa exploratória realizada na *internet* para se conhecer uma série de páginas da *web*, de categorias diferentes, em busca de compreender como os hipertextos se desenham, se apresentam, se constituem nos textos que integram essas páginas. Para realizarmos essa etapa da pesquisa, acessamos vários *sites*. No início, isso foi realizado aleatoriamente, sem um critério específico de escolha. Mas, depois, seguimos alguns pré-requisitos, devido ao fato de percebermos que existiam entre as páginas analisadas exploratoriamente alguns elementos comuns, que serão detalhados mais à frente neste trabalho. Dessas várias páginas, selecionamos um total de 20, que foram escolhidas a partir de alguns domínios sociais pré-determinados. Esses domínios sociais decorrem do processo de discussão dos estudos teóricos que nos dão base para a elaboração deste trabalho.

A partir do reconhecimento geral desses hipertextos nas páginas acessadas, passamos a uma análise mais detida desse objeto de estudo, à luz dos fundamentos teóricos que constituem este trabalho. Nesse momento, nos foi possível observar, com a percepção de um analista, que os hipertextos são constituídos por uma gama de recursos semióticos: *links*, imagens, gráficos, vídeos, sons, *etc.*, conforme já descrevia Lévy (1993). Neste momento, a pesquisa aos *sites* somente endossou o que a literatura afirma. Observamos, também, para que tipo de outros textos (artigos, outros *sites*) os hipertextos constitutivos das páginas conduzem o leitor e, finalmente, apuramos como são a sua configuração gráfico-visual em uma página, se havia um padrão já estabelecido por meio de normas para essa configuração ou se cada projetista realizaria a disposição dos hipertextos de acordo com a sua própria percepção do leitor que terá acesso à página.

Após a observação e análise dos hipertextos nas 20 páginas, foram selecionados para uma discussão detalhada nesta apresentação da tese cinco *sites* para constituírem o *corpus* do trabalho. Caso não selecionássemos essa quantidade de páginas, o trabalho se tornaria deveras extenso, o que não era a nossa pretensão devido ao próprio cunho do trabalho que objetiva muito mais entender um fenômeno e explicá-lo do que simplesmente explorá-lo quantitativamente. Os *sites* foram analisados à luz da base teórica deste estudo que compreende os fundamentos necessários para entender o fenômeno do hipertexto em termos de gesto de leitura/interpretação projetado pelo autor modelo no processo de composição de textos produzidos em mídia digital.

4.2 A Coleta dos Dados

A coleta dos dados foi desenvolvida, sistematicamente, no decorrer de um período de três semanas, em que pesquisávamos vários *sites* de categorias diferentes, diariamente, e os comparávamos entre si. Para a constituição do *corpus* a ser analisado, dois pontos principais foram considerados: a forma composicional dos hipertextos nos *sites*, ou seja, a sua distribuição gráfico-visual pela página (em colunas, agrupados em dada posição, um ao lado do outro, *etc.*) e sua configuração em termos de materialidade (*links*, vídeos, imagens, palavras em cores diferentes ou sublinhadas, gráficos, sons).

Tais pontos tornaram-se critérios de seleção dos *sites* a serem analisados devido ao fato de que, na busca por peças⁸ para compor o *corpus* da pesquisa, observando as relações entre os elementos citados no parágrafo anterior, encontrou-se muita semelhança na configuração gráfico-visual e estética dos hipertextos, pelos *sites*. Nesse sentido, foi constatado, por exemplo, que um dado hipertexto, na maioria dos *sites*, aparecia no canto superior esquerdo da página. Então, a partir da constatação da ocorrência constante de hipertextos, nessa configuração, decidimos por analisar esse aspecto, por sua relevância e destaque, em nosso processo de observação.

Quanto à materialidade dos “nós”, denominados hipertextos, a ocorrência dos mesmos nas páginas também se repete com muita frequência, não há uma variação significativa e relevante que nos levasse a analisar as diferenças como um ponto a ser destacado. Por isso, optamos, também, por estudar o que é comum entre os *sites*, porque nos pareceu, em nossas buscas, que há um modelo pré-determinado ou normas pré-estabelecidas, entre os profissionais que trabalham projetando *sites*, para a sua construção. E isso nos chamou a atenção em nossa procura por dados para a pesquisa.

Na procura por *sites* que comporiam a nossa análise, realizamos uma busca extensa, em que tivemos que acessar vários *sites* e observar, de forma categórica, a sua composição. Dentre tantos *sites* visitados e observados, escolhemos 20, dos quais selecionamos inicialmente as peças⁹ para a nossa análise, e separamos pelos seguintes domínios sociais em que se inscrevem os *sites*: instituições de ensino superior, jornalismo corporativo e “independente”, comércio varejista, portais governamentais e entretenimento.

Esses domínios sociais foram selecionados devido ao fato de serem *sites* que, particularmente, apareciam com frequência, em forma de propagandas, em outros *sites*

⁸ Neste trabalho, as peças são tomadas como partes que compõem um *site*, tal como a página inicial de um *site*.

⁹ Todas as peças observadas na pesquisa são apresentadas neste trabalho, no Anexo A.

acessados por nós diariamente tais como: *e-mails*, redes sociais, jornais *online*, *etc.* Então, eles nos chamaram a atenção e resolvemos acessá-los para analisar a sua estrutura e, posteriormente, foram escolhidos como *corpus* para este trabalho por apresentarem as características que procurávamos e que são comuns na grande maioria dos *sites*.

Tentamos selecionar o mesmo número de páginas por domínio social, porém, não foi possível devido ao fato de alguns domínios sociais se destacarem mais do que outras no que se refere ao número de páginas na *internet*. Um exemplo disso são os portais governamentais, eles são um número bem menor em relação ao comércio varejista, por exemplo. O comércio varejista é uma categoria cuja quantidade de *sites* é muito superior às demais. Mas, mesmo assim, tentamos equilibrar esse número para não ocorrer uma discrepância muito grande no momento em que realizássemos a nossa análise.

A seguir, apresentamos o Quadro 1, que mostra os domínios sociais e as respectivas páginas visitadas e analisadas em cada uma das categorias.

Quadro 1: Páginas acessadas para a realização da pesquisa

TIPOS DE SITES	SITES
Instituição de ensino superior	<ul style="list-style-type: none"> • Faculdade Anhanguera • Centro Universitário UNA • Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais • Faculdade FAMINAS
Jornalismo corporativo e ‘independente’	<ul style="list-style-type: none"> • Jornal O Tempo • Jornal Estado de Minas • Jornal Folha de São Paulo • <i>Blog</i> da Renata • <i>Blog</i> do Ricardo Amorim
Comércio varejista	<ul style="list-style-type: none"> • Lojas Americanas • Ricardo Eletro • Portal de moda Posthaus • Epa <i>Plus</i> • Super Nosso
Portal governamental	<ul style="list-style-type: none"> • Portal do Servidor do Estado de Minas Gerais • Portal do Ministério da Educação e Cultura • Portal da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais
Entretenimento	<ul style="list-style-type: none"> • Blog ‘Aqui na Cozinha’ • Revista Marie Claire (jornalismo?) • Click Jogos (jogos <i>online</i>)

Fonte: Elaborado pela autora

Na busca pela comprovação da nossa hipótese de que os hipertextos digitais são gestos de leitura projetados pelo autor, procuramos selecionar *sites* conhecidos e reconhecidos pelo público, pois, por serem apreciados, recebem vários acessos dos usuários da *internet*, e isso tende a mostrar não somente a aceitação do seu conteúdo, mas também do seu *design* gráfico, conforme nos aponta Nielsen quando se refere à usabilidade e à navegação pelos *sites*. *Sites* cujo *design* é mais limpo, mais simples, acabam se tornando mais fáceis de acessar, têm maior aceitação do público leitor. Além disso, selecionamos *sites* que têm um alcance local, ou seja, que alcançam um público dentro da cidade de Belo Horizonte, de alcance estadual (no estado de Minas Gerais) e de alcance nacional (no Brasil).

Entre os 20 *sites*¹⁰ analisados, foram escolhidos cinco de diferentes domínios sociais para a nossa investigação, são eles: um portal¹¹ de uma instituição de ensino superior, um *blog*¹² de culinária, uma loja virtual, um jornal *online* e um portal governamental. Todos eles, assim como os demais *sites* pesquisados, são páginas da *web* que seguem uma convenção na sua composição e que direcionam o leitor na sua leitura e navegação por elas.

A escolha dos *sites* de diferentes domínios sociais ocorreu para que fosse observada a composição dos hipertextos em suas páginas cujos temas e objetivos são distintos e, também, para verificar a plausibilidade da hipótese levantada neste estudo. Hipótese esta que está pautada na possibilidade de que o hipertexto se configura, constitutivamente, em termos de uma estratégia sociodiscursiva, imbricada na encenação de um leitor modelo, que, potencialmente, protagoniza percursos de leitura previsíveis.

O Quadro 2, a seguir, mostra os cinco *sites* escolhidos para a análise e suas respectivas categorias.

Quadro 2: *Sites* selecionados para constituir o *corpus* da pesquisa

TIPOS DE SITES	SITES
Instituição de ensino superior	<ul style="list-style-type: none"> • Centro Universitário UNA
Jornalismo corporativo e ‘independente’	<ul style="list-style-type: none"> • Jornal O Tempo
Comércio varejista	<ul style="list-style-type: none"> • Lojas Americanas
Portal governamental	<ul style="list-style-type: none"> • Portal do Servidor do Estado de Minas Gerais
Entretenimento	<ul style="list-style-type: none"> • Blog Aqui na Cozinha

Fonte: Elaborado pela autora

¹⁰ “Qualquer projeto na web é um site, a palavra site vem da variação da palavra sítio que é utilizada no português de Portugal para referenciar os espaços na web”. (BASÍLIO, 2013, s/p)

¹¹ “ (...) portais são sites que possuem várias “portas”, para diferentes tipos de conteúdos de diferentes assuntos, sendo assim podemos classificar os portais como espaços que aglomeram e distribuem conteúdos variados”. (BASÍLIO, 2013, s/p)

¹² “Basicamente um blog tem as mesmas funções de um site, porém sua dinamicidade é muito maior. E a linguagem usada é um pouco menos formal”. (BASÍLIO, 2013, s/p)

Logo em seguida à definição dos *sites* para a análise, escolhemos o recorte que iria ser realizado de cada um dos *sites* e optamos por recortar a página inicial de cada *site* pelo fato de nela conter um número maior de hipertextos, que nos forneceria mais subsídios para uma comparação e uma análise de elementos hipertextuais diferentes. Como em nossa análise será realizada uma comparação entre os recortes para mostrar como os hipertextos são distribuídos em *sites* que tratam de assuntos diferentes, as páginas iniciais seriam mais adequadas devido à característica que apresentamos anteriormente, de terem um número maior de hipertextos distribuídos por ela.

4.3 O Processo de Constituição dos Dados

Os dados foram constituídos, em um primeiro momento, a partir da observação da configuração dos hipertextos nos recortes escolhidos. Para isso, foi observada a configuração gráfico-visual dos hipertextos nas páginas. Nesse sentido, foram observados: i) se esses ocupam uma posição de destaque na configuração gráfico-visual da página; ii) se apresentam elementos que lhes garantam algum destaque, ou se é uma posição secundária, como, por exemplo, se estão inscritos nas páginas em letras maiores ou em cores diferentes, ou ainda se estão próximos de algum item que atraia a atenção do leitor para eles, ou se são apenas *links* comuns que precisam ser encontrados pelo leitor.

A partir dessa primeira observação, foi possível identificar semelhanças na disposição dos elementos nas páginas escolhidas, o que nos conduziu a projetar um possível leitor que realiza alguns movimentos de leitura, provavelmente semelhantes, previamente projetados pelo projetista do *site* para se navegar pelos hipertextos das páginas. Então, baseando-nos nisso, passamos a analisar os gestos de leitura/interpretação que são realizados por esse leitor que é projetado pelo autor da página. Esses gestos de leitura são constituídos pelos possíveis movimentos que o projetista do *site* prevê que o leitor realize sobre os hipertextos, na leitura da página.

Um exemplo desse movimento, é o *menu* que sempre aparece na mesma posição em todos os *sites* escolhidos e na grande maioria dos *sites* pesquisados por nós. A hipótese é a de que esse *menu* é estrategicamente colocado na página, em uma mesma posição, em todos ou em quase todos os *sites*. Essa estratégia é para que o leitor, tendo um conhecimento prévio de que o *menu* sempre vai aparecer naquela mesma disposição e que ele é um elemento que facilita as buscas nas páginas, automaticamente, já o procure para a sua navegação.

Nos Quadros 3, 4 e 5, a seguir, apresentamos uma síntese dos hipertextos observados nas páginas selecionadas. Na primeira coluna, colocamos o nome do hipertexto. Ao se observarem esses quadros, pode-se perceber que os hipertextos podem ser o nome do *site*, o campo de busca textual ou o *menu*; na segunda, colocamos a localização dos hipertextos na composição gráfico-visual da página e, na terceira, em quantos *sites* esse hipertexto aparece na localização especificada.

Em nossa pesquisa, verificamos que, nos *sites* escolhidos, há três localizações mais comuns para o hipertexto ‘nome do *site*’, em uma página. Ele pode aparecer no topo da página, à esquerda, que é o convencional; pode aparecer no topo da página, centralizado, ou pode aparecer abaixo do *menu*. É claro que há outras possíveis localizações, porém, não são muito utilizadas.

O Quadro 3, a seguir, mostra como isso ocorre na pesquisa que realizamos. Podemos observar que, na grande maioria dos *sites* analisados, ou seja, em 16 *sites*, opta-se pelo modelo convencional, o mais utilizado, que é colocar o nome do *site* no topo da página, à esquerda e em destaque.

Quadro 3: Localização do “nome do *site*” nas páginas examinadas

HIPERTEXTO	LOCALIZAÇÃO	QUANTIDADE DE SITES
Nome do <i>site</i>	No topo da página à esquerda	16
	No topo da página centralizado	1
	Abaixo do <i>menu</i>	3

Fonte: Elaborado pela autora

O quadro 4, a seguir, trata do hipertexto ‘campo de busca textual’, pesquisado neste trabalho. Ele mostra que o campo de busca textual pode figurar ao lado do nome do *site*, que é o convencional; em alguns casos, pode figurar no topo da página centralizado; pode figurar também no topo da página à direita ou no topo da página à esquerda, conforme escolha do projetista. A grande maioria dos *sites* (quatorze) apresenta o campo de busca textual ao lado do hipertexto ‘nome do *site*’. Vamos observar, ainda no Quadro 4, que apresentamos um total de 17 *sites* que preferem utilizar o campo de busca textual nessas posições apresentadas anteriormente, sendo que pesquisamos 20 *sites*. Chegamos ao número de 17 *sites* devido ao fato de três páginas não apresentarem, na sua configuração gráfico-visual, o hipertexto campo de busca textual.

Quadro 4: Localização do “campo de busca textual” nas páginas examinadas

HIPERTEXTO	LOCALIZAÇÃO	QUANTIDADE DE SITES
Campo de busca textual	Ao lado do nome do <i>site</i>	14
	No topo da página centralizado	1
	No topo da página à direita	1
	No topo da página à esquerda	1

Fonte: Elaborado pela autora

O Quadro 5, a seguir, apresenta os dados da pesquisa relativos ao hipertexto ‘*menu horizontal*’, ele nos mostra que o *menu horizontal* pode aparecer em 3 posições diferentes em um *site*. O *menu horizontal* pode ficar disposto abaixo do nome do *site*, que é o convencional e mais utilizado pelos projetistas; pode aparecer também entre o campo de busca e o nome do *site*, posição pouco utilizada; ou, ainda, acima do nome do *site*, o que ocorre em alguns poucos casos. Como mostra o Quadro 5, na grande maioria dos *sites*, o *menu horizontal* aparece abaixo do nome do *site*. Pesquisamos 20 *sites*, desses 20 *sites*, em 15, o *menu horizontal* aparece nessa posição. Nos outros 5 *sites*, 1 tinha o *menu horizontal* entre o campo de busca e o nome do *site*, 3 tinham o *menu horizontal* acima do nome do *site* e 1 não tinha o *menu horizontal*.

Quadro 5: Localização do “*menu horizontal*” nas páginas examinadas

HIPERTEXTO	LOCALIZAÇÃO	QUANTIDADE DE SITES
<i>Menu horizontal</i>	Abaixo do nome do <i>site</i>	15
	Entre o campo de busca e o nome do <i>site</i>	1
	Acima do nome do <i>site</i>	3

Fonte: Elaborado pela autora

Retomando o exemplo do *menu horizontal*, ainda para ilustrar o que estamos expondo, constitutivamente, o fato de ele figurar sempre na mesma posição, nos *sites* selecionados, revela a atualização de uma relação dialógica, que pode ser tomada como específica, pelo menos em dado momento, que vai conduzir o leitor ao *menu*, sempre que ele entrar no *site*, para saber mais informações sobre o seu conteúdo. A identificação do *menu*, em uma mesma posição na página digital, assume a função de um direcionamento para o leitor. Assim, ele sabe, espera ou infere que pode contar com o *menu* como recurso para orientá-lo a localizar informações no *site*. Isso não é diferente com os demais tipos de hipertextos que não sofrem variações consideráveis em sua disposição na página digital. No processo de análise, será possível

observar que o mesmo ocorre com os outros dois hipertextos que escolhemos para a nossa análise.

Esses elementos hipertextuais, cuja disposição, no *site*, se assemelha, na grande maioria dos *sites*, são marcas para o leitor, que vão guiá-lo em sua leitura. Sendo assim, eles merecem um estudo que aprofunde a sua funcionalidade como hipertexto portador de gestos de leitura que serão manifestados por meio da ação do leitor sobre eles. Há de se considerar que o fato de determinados hipertextos estarem sempre na mesma posição gráfico-visual em um *site* lhes confere certa estabilidade, que também é encontrada nos gêneros do discurso.

Após a observação da disposição dos hipertextos nos *sites*, passamos a analisar as possíveis relações dialógicas que esses hipertextos permitem ao leitor atualizar no momento da leitura dos mesmos, ou seja, nos gestos de interpretação e de leitura do leitor que já estão, de alguma forma, projetados nos hipertextos. Para isso, foram observadas as relações dialógicas que seriam mais recorrentes nesses gestos. Tais relações dialógicas foram percebidas a partir, também e, principalmente, da constituição gráfico-visual dos hipertextos nos *sites*. Pois, retomando o objetivo geral deste trabalho, defendemos a tese de que essas relações dialógicas estão intrínsecas aos gestos de leitura/interpretação imbricados no hipertexto.

A seguir, apresentamos, no Quadro 6, os hipertextos que foram analisados e as possíveis relações dialógicas que podem ser atualizadas quando os leitores encontram esses hipertextos nas páginas que acessam e são conduzidos a manifestar um gesto de leitura sobre eles. Obviamente, essas relações podem sofrer variações em outros *sites* que não apresentam a estrutura aqui estudada por nós ou pelo próprio leitor, na sua navegação pelo *site*.

Quadro 6: Possíveis relações dialógicas atualizadas nos hipertextos

HIPERTEXTO	RELAÇÃO DIALÓGICA
Nome do <i>site</i>	Relação dialógica de identificação
Campo de busca textual	Relação dialógica de dependência
	Relação dialógica de apoio
<i>Menu</i> horizontal	Relação dialógica de direcionamento

Fonte: Elaborado pela autora

É possível compreender que as relações dialógicas não são categorias definidas ou fixas que ocorrem sempre e de uma forma definida nos textos, elas emergem do texto a partir do encontro entre o leitor e o texto, por meio dos sentidos atribuídos ao texto lido, ou, como este estudo procura mostrar, elas também podem ser projetadas pelo autor do texto para um leitor

modelo. E isso não é diferente para as categorias que determinamos no Quadro 6. As relações dialógicas definidas neste estudo para análise são possíveis relações dialógicas pensadas pelo autor ao projetar os *sites*.

A relação dialógica de identificação se estabelece como uma referência para o leitor quando ele busca algo e quer encontrar, ou seja, ele tem algo em mente e o identifica no momento em que ele avista o nome do *site*, por exemplo. Já a relação dialógica de dependência ou de apoio, encontrada no campo de busca textual, ela se verifica no momento em que o leitor encontra no texto algum elemento que possa ajudá-lo a achar o que ele deseja. No caso do hipertexto digital, o campo de busca textual é único, pois ele se apresenta como um recurso discursivo-tecnológico. A relação dialógica de direcionamento se manifesta quando o leitor aciona algum dispositivo que pode ajudá-lo a organizar sua leitura ou encontrar o que ele procura. Esse dispositivo pode ser um sumário, uma nota de rodapé, no caso de um texto impresso, ou um *menu*, no caso dos textos em mídias digitais.

Para ilustrar melhor o que apresentamos no Quadro 6, trazemos aqui a Figura 1 que apresenta os três hipertextos selecionados para a nossa análise nos *sites*. Na figura, eles estão circulos de verde.

Figura 1: Hipertextos escolhidos para a análise



Fonte: Autoria própria

Ao abrir um *site*, o leitor procura a sua identificação principal, que seria o nome do *site*. Ele precisa saber se está no *site* que procura ou, se não procura nenhum *site*, ele precisa saber

em qual *site* está. Portanto, podemos perceber uma relação de identificação nesse hipertexto, ou seja, o nome do *site* localiza o leitor, ele é a referência para o leitor saber se realmente acessou o *site* desejado.

O campo de busca textual suscitaria a relação de dependência daquele leitor já habituado a utilizá-lo com esse elemento hipertextual, ou poderia funcionar, também, como um apoio para outro tipo de leitor, aquele que não o utiliza com frequência, mas que somente o utiliza quando não encontra algo no *site*. O campo de busca se tornaria, nesse sentido, um elemento hipertextual auxiliar.

Já, o *menu* horizontal nos apresenta uma possível relação de direcionamento, tendo em vista que ele tenta orientar a busca que o leitor realiza pelo *site*, por meio das opções que são apontadas nele, que são os itens que direcionam o leitor para uma escolha mais adequada para ele, naquele momento.

A partir das considerações apresentadas neste capítulo em que detalhamos os passos a serem trilhados pela nossa pesquisa, passamos, no capítulo seguinte, para a análise proposta neste estudo que mostra, de uma forma mais ilustrativa, o que apresentamos, nesta parte do trabalho, que denominamos de procedimentos metodológicos.

5 OS GESTOS DE LEITURA PROJETADOS NOS TEXTOS EM MÍDIAS DIGITAIS

5.1 O *Corpus*

Para realizar a análise proposta neste estudo, foram escolhidos alguns recortes de *sites*, com conteúdos diferentes, mas que continham vários hipertextos, visto que há alguns *sites* que apresentam um número pequeno de hipertextos em sua composição. Muitos desses hipertextos distribuídos, estruturalmente nos *sites*, apresentam uma configuração gráfico-visual bem semelhante. E isso é uma característica marcante, que nos chamou a atenção. A opção por recortes que apresentam tal característica é devido à nossa observação de que a grande maioria dos *sites* apresentam um *design* muito parecido, independentemente dos seus conteúdos e do público ao qual se direciona.

É possível perceber que, como em um livro que apresenta um sumário direcionando os capítulos e suas respectivas páginas, em um *site*, a estratégia não é diferente, o que muda é apenas o suporte, ou seja, o suporte do livro é o papel, e o do *site*, é o computador que apresenta ao leitor páginas mais dinâmicas que permitem a ação do leitor sobre elas. No livro, vamos ao sumário para encontrar algum item que procuramos. No *site*, há um procedimento semelhante ao do livro, que seria a disposição gráfico-visual dos hipertextos funcionando como um sumário, ou seja, de forma estável. Poucos são aqueles *sites* que se diferem de um padrão já pré-estabelecido pelas normas e convenções da usabilidade.

Então, passemos agora a observar alguns aspectos importantes das convenções. Krug (2008) nos aponta algumas orientações básicas que todo projetista deve observar na construção de um *site*. O autor nos aponta que seguir convenções torna mais fácil e rápido percorrer, por exemplo, um jornal para encontrar aquilo que queremos. Dessa forma, o projetista de um *site* também deve seguir as convenções *Web* para atingir o seu leitor da forma como ele, o projetista, deseja. Segundo Krug (2008, p. 35), “as convenções permitem aos usuários descobrirem muito sobre uma página *Web*, mesmo se eles não entenderam uma palavra nela”.

Dessa forma, o autor enumera, de forma sucinta e bem rápida, três convenções *Web* que devem ser observadas pelos projetistas, ao construírem um *site*. A primeira convenção é a divisão das páginas em áreas claramente definidas, pois, de acordo com Krug (2008, p. 36), essa divisão “permite aos usuários decidirem rapidamente quais áreas da página focar e quais podem ser ignoradas sem perdas”. A segunda é deixar óbvio o que pode ser clicado, porque, para Krug (2008, p. 37), “quando você obriga os usuários a pensar em algo que deve ser simples como o que pode ser clicado, está desperdiçando o estoque limitado de paciência e boa vontade

que cada usuário traz para um *site* novo”. A terceira e última convenção apresentada por Krug diz que um projetista deve manter a confusão visual de uma página no menor nível possível. Segundo o autor (2008, p. 39), “os usuários têm tolerâncias variadas a complexidade e distrações. Algumas pessoas não têm problema com páginas cheias e confusão em segundo plano, mas muitas sim”.

Essas convenções poderão ser facilmente observadas nos *sites* que escolhemos para o *corpus* desta pesquisa. Conforme já foi mencionado anteriormente neste trabalho, esse *corpus* foi fruto de muita análise e observação não somente das convenções que regem a construção de *sites* mas também de aspectos discursivos. Portanto, passaremos agora para a apresentação do nosso *corpus* e caracterização do mesmo.

O primeiro *site* selecionado é um portal de uma instituição de ensino superior privada; o segundo é de um *blog* de culinária; o terceiro é de uma loja virtual; o quarto é de um jornal *online* e o quinto é de um portal governamental. Passaremos agora para a apresentação dos cinco *sites* selecionados.

A Figura 2 mostra o *site* de uma instituição de ensino superior privada, o Centro Universitário UNA, que tem várias unidades espalhadas pela cidade de Belo Horizonte e em cidades do interior de Minas Gerais. Por ser uma instituição conhecida na região de Belo Horizonte e no estado de Minas Gerais, seu portal, conseqüentemente, é muito visitado por alunos e por novos candidatos a alunos, em busca de informações gerais sobre a instituição.

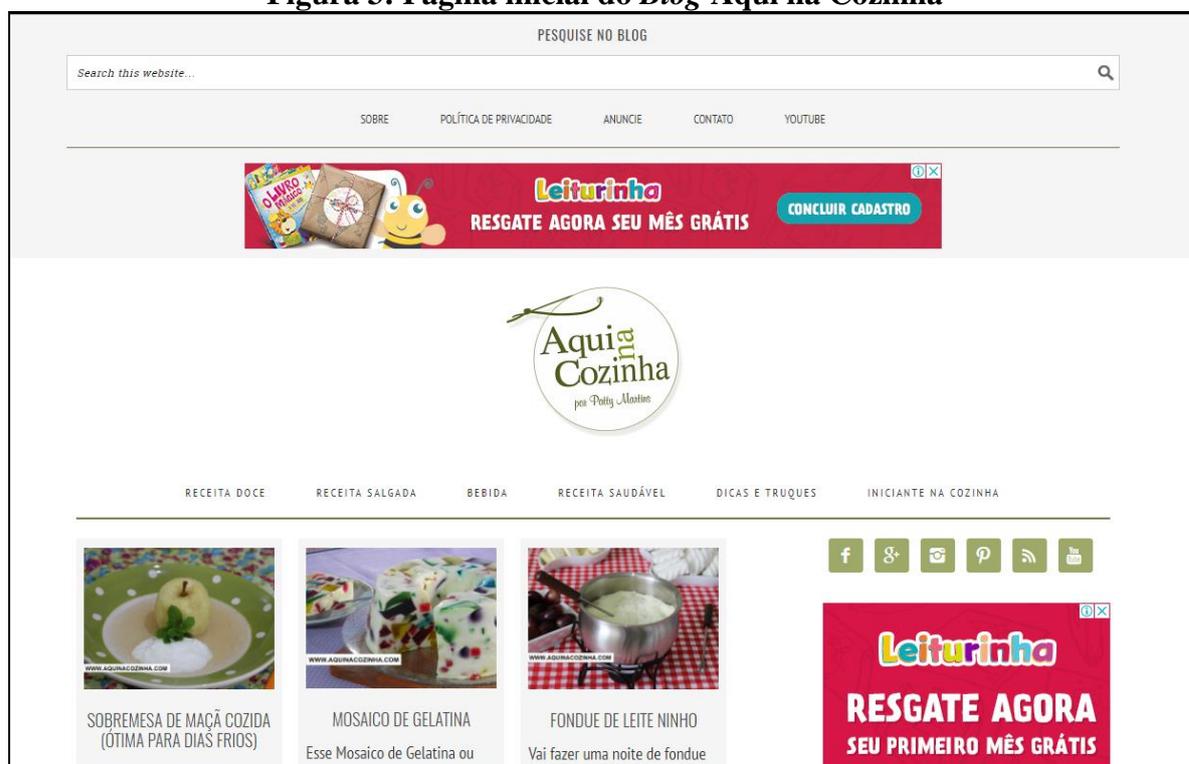
Figura 2: Página inicial do Centro Universitário UNA



Fonte: Portal da UNA

A Figura 3 apresenta um *blog* de culinária denominado de *Aqui na Cozinha*. Ele foi escolhido para este estudo, após algumas pesquisas em páginas da *internet* em busca de uma página de culinária, por ter sido indicado, por algumas revistas e jornais de circulação nacional, como um bom *blog* de culinária (um dos 30 melhores indicados pela revista Casa e Jardim, da Editora Globo) e, por isso, é bem conhecido do público que aprecia receitas culinárias. Na busca que realizamos por um *blog* desse gênero, observamos que ele tem um grande número de acessos e de seguidores em redes sociais como o *Facebook*.

Figura 3: Página inicial do Blog Aqui na Cozinha



Fonte: Página do *blog*

A seguir, temos a Figura 4. Ela apresenta um *site* de uma loja virtual muito conhecida no Brasil, a Lojas Americanas. A Lojas Americanas S.A. é uma das maiores e mais tradicionais redes de varejo do país. Com 87 anos de vida, a empresa conta com mais de 1.300 lojas com presença em todo o território nacional e com quatro centros de distribuição, em São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Uberlândia, atuando também no comércio eletrônico, representado pela B2W – Companhia Digital. A rede comercializa mais de 60.000 itens de 2.000 fornecedores diferentes, o que faz com que a Lojas Americanas detenha uma grande participação do comércio brasileiro de brinquedos, *bombonière*, *lingerie*, CDs e DVDs, jogos,

higiene, beleza e utilidades domésticas¹³. Certamente, é um *site* com um grande número de acessos no Brasil inteiro.

Figura 4: Página inicial da Lojas Americanas



Fonte: Americanas.com

Na Figura 5, apresentamos um *site* que, na verdade, é um portal governamental. Os portais têm uma característica própria, que é a de apresentar informações voltadas para um público específico (MEDRADO, 2010). O portal que escolhemos é o portal dos servidores públicos do estado de Minas Gerais. Nele estão todas as informações que interessam ao seu público-alvo, que são os servidores do estado, sobre a sua vida funcional. Portanto, é um portal que recebe muitos acessos. “Por meio desse Portal, os servidores públicos estaduais podem consultar seus dados pessoais, funcionais e financeiros, além de terem acesso às informações úteis sobre seus benefícios, direitos e deveres, de uma forma simplificada e com total segurança¹⁴”

¹³ Informações retiradas do *site* das Lojas Americanas.

¹⁴ <https://www.portaldoservidor.mg.gov.br/index.php/sobre-o-portal>

Figura 5: Página inicial Portal do servidor do estado de Minas Gerais

Acessibilidade | Fonte | Contraste

Busca

Portal do Servidor

Informações e Serviços para os Servidores do Estado de Minas Gerais

Sobre o Portal Perguntas Frequentes Transparência RH Responde Mapa do Site

Submeta sua DEMANDA AQUI!

CONSULTE AQUI

TRAMITAÇÃO DE SEU EXPEDIENTE

Acesso rápido

- Emissão de Contracheque
- Férias Regulamentares
- Licença para Tratar de Interesses Particulares - LIP
- Afastamento do trabalho – servidor não efetivo
- Validação de Contracheque
- Concessão de Férias Prêmio

Serviços

- Todos os serviços
- Requerimento virtual de Certidão de Tempo de Contribuição/Averbação junto ao INSS - Lei 100 / 2007
- Senha de Acesso
- Dados Funcionais
- Emissão de Contracheque
- Validação de Contracheque

Cronograma Rotinas Sistema ConsigWeb-MG
Folhas de pagamento 08/2017 e 09/2017

I. 07/08/2017 2ª feira, a partir das 16:00 - SEF: - Suspensão do acesso a Lançamentos e Importação Arquivos, para consolidação das averbações realizadas no período de 10/07/2017 a 07/08/2017, p/ a FI. 08/2017.

II. 08/08/2017 3ª feira, a partir das 09:00 - SEF: - Liberação de acesso a Lançamentos: Cancelamentos, exclusões, parcelamentos, reduções nº/qte. parcelas ou reduções valores parcelas, das consignações averbadas até 07/08/2017 serão processados para a FI. 08/2017. As consignações averbadas a partir desta data serão processadas para a FI. 09/2017.

III. 17/08/2017 5ª feira, a partir de 16:00 - SEF: - Suspensão do acesso para as opções: cancelamentos, exclusões, parcelamentos, reduções nº/qte. parcelas ou reduções valores parcelas, das consignações averbadas até 07/08/2017 para processamento da FI. 08/2017. As inclusões continuam normalmente para processamento da FI 09/2017 referente ao período de 08/08/2017 a 06/09/2017.

Fonte: Página do Portal do servidor

A figura 6 nos mostra um *site* de um jornal que circula também no estado de Minas Gerais, o jornal O Tempo, que apresenta notícias locais, nacionais e internacionais. O jornal foi fundado em 1996 e circula nas cidades de Belo Horizonte, Contagem e Betim, ou seja, ele circula em Belo Horizonte e em duas cidades próximas. Ele tem algumas informações diferentes para cada uma das cidades mencionadas, mas a configuração é a mesma. É um jornal que tem um alcance relativamente grande nessas cidades, pois é conhecido e, portanto, recebe muito acessos.

Figura 6: Primeira página do Jornal O Tempo online



Fonte: Site do jornal O Tempo

Para a verificação da plausibilidade das hipóteses levantadas neste estudo, tomamos os cinco recortes apresentados anteriormente para a realização da nossa análise. Nesses recortes, foram selecionados alguns itens que serão estudados e analisados, os quais são denominados, por sua constituição, de hipertextos. Foram selecionados o nome do *site*, o campo de busca textual e o *menu* horizontal. Todos esses elementos fazem parte da estrutura composicional do gênero *site*, são fatores marcantes e relativamente estáveis em páginas da *web* que colaboram para que elas se materializem como um gênero do discurso.

Esses elementos constitutivos dos *sites* compõem o todo do enunciado em páginas da *web*, mostram como o gênero *site* é organizado na sociedade, textualizado e como ele pode ser concebido e reconhecido como tal. Como os gêneros do discurso são formas relativamente estáveis, haverá certo controle exercido na sua forma composicional, ou seja, alguns elementos como o *menu*, o campo de busca textual, o nome do *site* e alguns outros não escolhidos para esta pesquisa, como os *banners* que aparecem com frequência nos *sites*, se materializam em uma configuração gráfico-visual pré-estabelecida, em uma página, de tal forma que se mantenha certo controle sobre ela para que seja reconhecida como um *site*.

A forma composicional foi o ponto de partida para a análise realizada neste estudo, uma vez que o primeiro aspecto que analisamos foi a distribuição gráfico-visual dos hipertextos nos *sites*. Em sua forma composicional, destacando os elementos nome do *site*, *menu* horizontal e

campo de busca textual, vamos observar que, em sua maioria, os *sites* são constituídos da seguinte forma composicional: o nome do *site* no canto superior esquerdo da página (destacado de vermelho na Figura 7); o campo de busca ao lado do nome, mais voltado para a direita (destacado de verde na Figura 7); e o *menu* horizontal abaixo do nome e do campo de busca (destacado de amarelo na figura 7), conforme são apresentados na Figura 7. Essa organização é uma ocorrência comum, que se tornou uma convenção entre as páginas da *web*, porém, há *sites* que não acompanham esse modelo, mas ainda assim, mantêm as características do gênero *site* como, por exemplo, o nome do *site* destacado em letras maiores e em um formato diferenciado das demais letras. Considerando esses elementos estruturais que materializam o *site*, conseguimos identificar o objeto material que denominamos *site*.

Figura 7: Página inicial do *site* do Jornal O Tempo



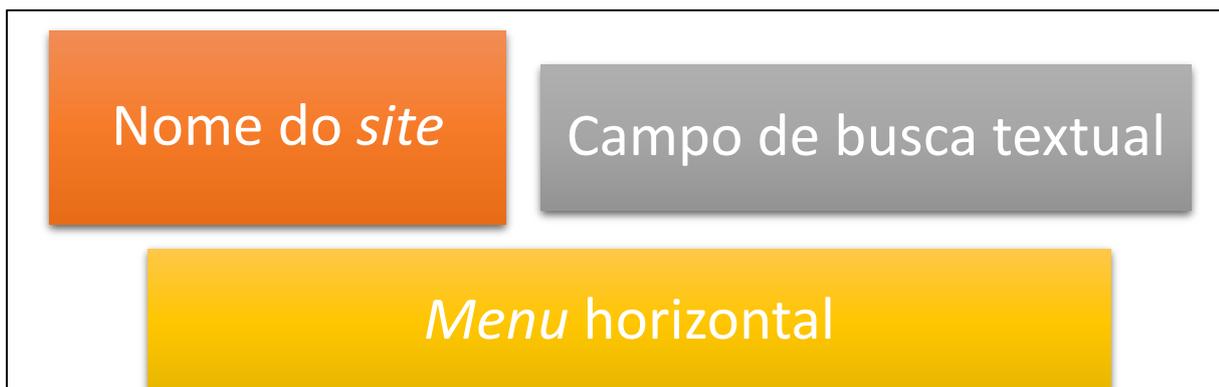
Fonte: *Site* do Jornal O Tempo

Em síntese, para uma visão mais precisa e esclarecedora da maneira como se estruturam os *sites*, considerando os estudos nos quais nos empenhamos para a realização de toda esta análise e a forma composicional do gênero do discurso denominado *site*, tomado no seu âmbito geral, podemos dizer que os três elementos hipertextuais (nome do *site*, *menu* horizontal e campo de busca textual), os quais são o foco nesta pesquisa, são organizados, em uma página da *web*, da maneira como são apresentados na Figura 8 a seguir.

O nome do *site* tem um destaque maior na disposição gráfico-visual devido à sua visibilidade, ou seja, ele é a referência marcante para o leitor. Ao seu lado direito, está o campo de busca textual, que também é importante, mas que, por ser um mecanismo auxiliar na busca

de conteúdos, e não ser a identificação do *site*, não supera a importância do nome do *site*, na página. E, logo abaixo, temos o *menu* horizontal que funciona como um hipertexto de grande importância, também, na composição da página e que merece o nosso destaque na figura, no intuito de mostrar que o mesmo se sobrepõe ao campo de busca textual.

Figura 8: Disposição gráfico-visual dos três hipertextos selecionados para a pesquisa



Fonte: Autoria própria

Os elementos mencionados anteriormente e destacados, na Figura 6, foram escolhidos para análise pelos motivos que vamos expor a seguir.

- a) O nome do *site* foi escolhido devido ao fato de ser o destaque da página e, talvez, o primeiro hipertexto que o leitor perceba ou busque. Nesse sentido, podemos afirmar que é uma tendência, e não apenas uma possibilidade. Por isso, ele sempre aparece em tamanho maior, em cores mais marcantes, bem destacado, para que todas as atenções converjam para ele.
- b) O campo de busca textual foi escolhido por ser um espaço em que o gesto de leitura do leitor se manifesta de forma bem efetiva, a partir do momento em que o leitor não encontra o que procura na página principal. Nesse campo, o leitor pode ser bem específico sobre aquilo que procura e digitar uma palavra ou expressão que reflete seu desejo de busca. E essa palavra ou expressão vai transportá-lo para outra página do *site*, mostrando, dessa forma, o caráter hipertextual do campo de busca.
- c) O *menu* horizontal foi selecionado pelo fato de nele aparecerem, de forma organizada, as indicações dos principais conteúdos englobados nos *sites* e por ser um elemento elaborado para direcionar o leitor de forma mais apurada, pensando nas necessidades do leitor ao navegar pelo *site*.

5.1.1 Descrição da Localização nos Sites dos Campos que Serão Analisados

Nos cinco *sites* escolhidos para a nossa análise e selecionados para serem o *corpus* preliminar desta pesquisa, observamos que a composição gráfico-visual de alguns hipertextos, pelo decorrer dos *sites*, se assemelham. Essa composição gráfico-visual organizada e planejada, de acordo com os nossos estudos, permite ao leitor, de certa forma, construir relações dialógicas quando ele abre uma página para navegar por ela e realizar a sua leitura da mesma. Ele vai observar que alguns itens podem ser encontrados na mesma disposição gráfico-visual em que estão em outras páginas nas quais ele já visitou. Isso não demonstra que ali vão existir relações dialógicas pré-determinadas pelo projetista, mas mostra que há uma estrutura que pode conduzi-lo a atualizar algumas relações dialógicas.

De acordo com Whitton (2015, s/p), referindo-se aos *menus*, “os usuários esperam encontrar elementos UI¹⁵ onde eles já os viram antes em outros *sites* ou aplicativos (por exemplo, trilho esquerdo, topo da tela)”. Sendo assim, essa disposição semelhante desses hipertextos, por um *site*, facilitaria a sua navegação, principalmente, em se tratando de usuários já habituados com a navegação pela *internet*. No caso de usuários que não têm o hábito de navegar pela *internet* ou são iniciantes nesse processo, seria um fio condutor para a navegação pelas páginas.

Quando começamos a observar mais detalhadamente o nosso *corpus*, verificamos que nos *sites* da instituição de ensino superior UNA, da Lojas Americanas e do Jornal O Tempo, o nome da instituição é colocado no canto superior da página, à esquerda e em destaque. Logo ao lado, voltado um pouco mais para a direita, e no caso específico da UNA, totalmente à direita, aparece o campo para a busca textual por algum produto ou serviço, como mostram os círculos pretos nas Figuras 9, 10 e 11, a seguir.

¹⁵ O *User Interface* – ou interface do usuário – é tudo aquilo que é perceptível visualmente em alguma plataforma e leva o usuário a uma interação positiva. Pode ser um botão, um menu diferente ou até mesmo um som.

Figura 9: Destaque para o nome da instituição e para o campo de busca



Fonte: Portal da UNA

Figura 10: Destaque para o nome da loja e para o campo de busca



Fonte: Americanas

Figura 11: Destaque para o nome do jornal e para o campo de busca



Fonte: Site do jornal O Tempo

Os outros dois *sites* diferem um pouco dos três apresentados anteriormente, nas Figuras 9, 10 e 11, no que diz respeito à disposição dos hipertextos. O Portal do Servidor do Estado de Minas Gerais apresenta quase a mesma disposição, porém, o que o difere dos outros três já mencionados é somente o posicionamento do campo de busca textual, que se localiza um pouco acima do nome do *site*, não na mesma direção, como ocorre com os outros três, conforme mostra a Figura 12, a seguir. O nome do *site* fica na mesma posição dos demais, ou seja, à esquerda, destacado em letras maiores.

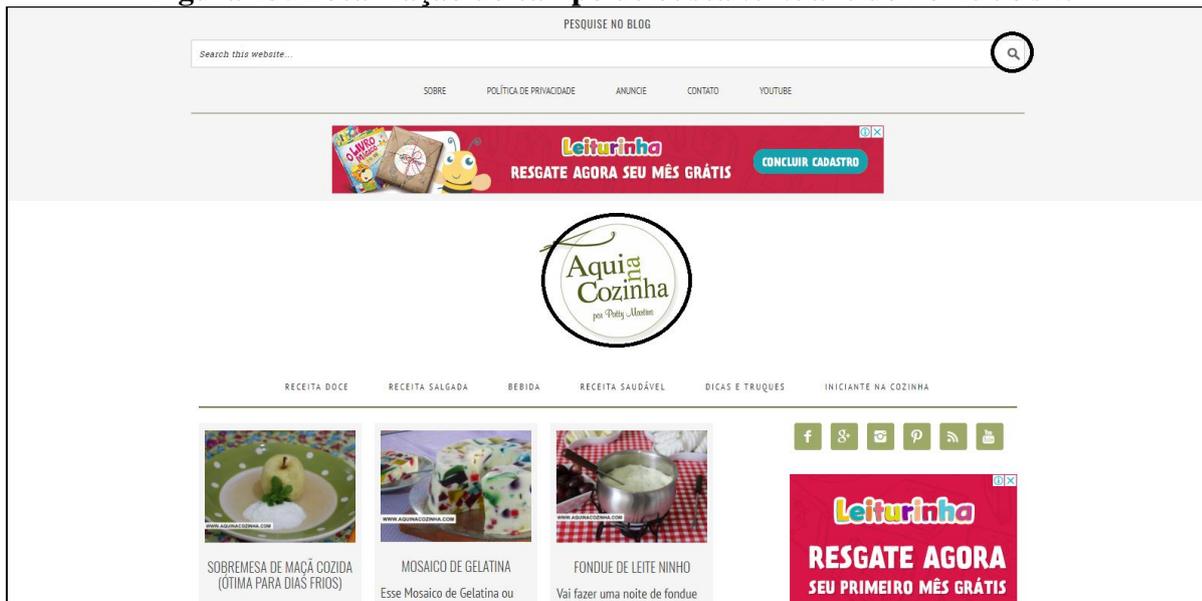
Figura 12: Destaque para o campo de busca textual



Fonte: Portal do servidor do estado de Minas Gerais

Já no *blog* Aqui na Cozinha, o nome do *site* e o campo de busca textual não ocupam a mesma posição dos nomes dos demais *sites* destacados, é totalmente diferente. O campo de busca é o primeiro item do *site*, ele fica no topo da página, e o seu nome fica abaixo do *menu* e centralizado, diferindo categoricamente dos demais, como mostra os círculos pretos na Figura 13, a seguir.

Figura 13: Localização do campo de busca textual e do nome do *site*



Fonte: Página do *blog*

Outro ponto que pode ser observado nos *sites* da instituição de ensino superior UNA, das Lojas Americanas e do Jornal O Tempo é a disposição do *menu*. O que podemos verificar é que o *menu* está no mesmo local nessas páginas, ou seja, logo abaixo do nome do *site* e do campo reservado para a busca textual, como é possível visualizar, na parte destacada de vermelho, dentro do retângulo, no exemplo da Figura 14, a seguir.

Figura 14: Destaque para a disposição do *menu* no *site* do Jornal O Tempo



Fonte: *Site* do Jornal O Tempo

No Portal do Servidor do Estado de Minas Gerais, há um *menu* que também permanece nessa mesma posição, no *site*, ou seja, logo abaixo do nome do *site* e do campo reservado para a busca textual. Ele aponta para informações mais gerais. Porém, nas laterais, tanto da direita quanto da esquerda, há dois *menus* que delimitam um pouco mais os assuntos e direcionam o leitor do *site* para assuntos mais específicos. Um dos *menus* recebe o título de *Serviços* e o outro de *Acessos Rápidos*, como mostra a Figura 15, a seguir.

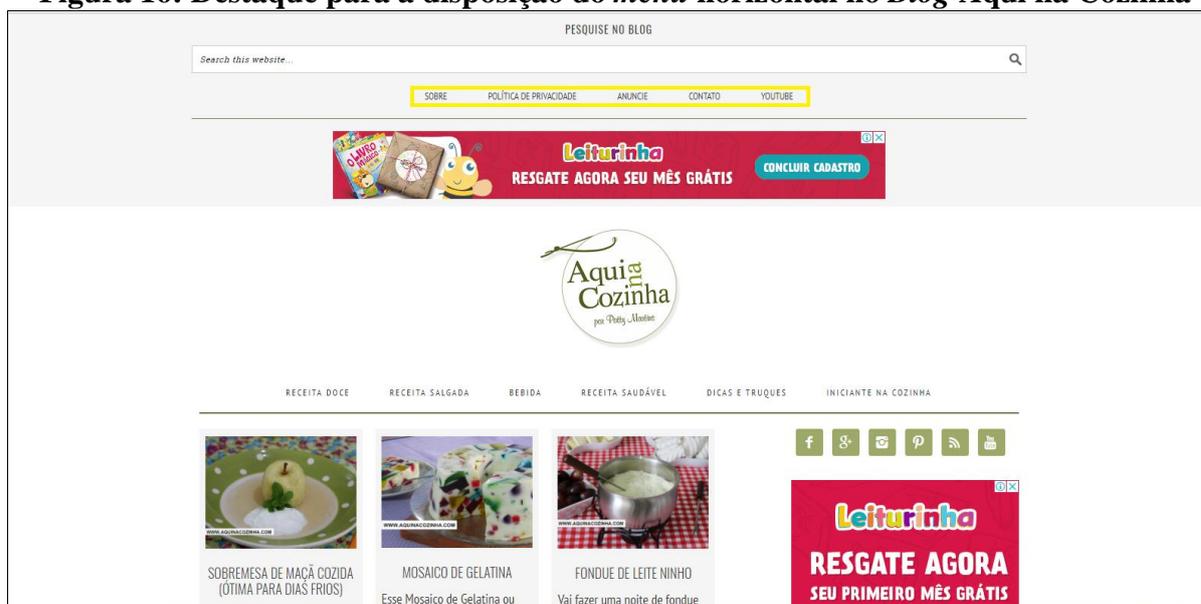
Figura 15: Destaque para a disposição do *menu* horizontal no Portal do Servidor



Fonte: Portal do servidor do estado de Minas Gerais

No *blog* *Aqui na Cozinha*, o *menu* também aparece na mesma disposição e no mesmo local dos outros *sites*, todavia, não vem cercado de tantos aparatos visuais como nos outros *sites*. Isso pode ser observado na Figura 16, em que destacamos o *menu* no retângulo amarelo. Ao seu redor não há cores chamativas nem elementos visuais destacados.

Figura 16: Destaque para a disposição do menu horizontal no *Blog Aqui na Cozinha*



Fonte: Página do *blog*

Descrita a localização, nas páginas, dos hipertextos que selecionamos para a nossa análise, no item a seguir, vamos realizar um estudo mais detalhado da distribuição gráfico-visual desses hipertextos, procurando focalizar a sua forma composicional, os gestos de leitura/interpretação projetados pelo autor nos hipertextos e as relações dialógicas atualizadas nesses gestos.

5.1.2 A Análise dos Hipertextos Selecionados

Como já foi exposto e discutido neste trabalho, as relações dialógicas se atualizam no movimento que realizamos de atribuir um dado sentido aos eventos que nos rodeiam. Dessa forma, ao estudarmos os hipertextos digitais, observamos que a leitura do hipertexto também se configura como um evento, visto que existe a necessidade da sua interpretação. Por ser “um conjunto de nós ligados por conexões”, conforme afirma Lévy (1993, p. 33), o hipertexto necessita de um sentido que só será atribuído por meio da ação do leitor sobre ele. Aliás, o que já mostramos aqui é que o hipertexto, nas mídias digitais, carrega em si um gesto de leitura ao instigar o leitor a clicar nele.

Seguindo esse raciocínio, conforme, também, já relatamos neste estudo, são as relações dialógicas que vão nos inclinar a tomar alguma atitude sobre o texto. Ao atualizamos as relações dialógicas na leitura do texto, agimos. Essa ação pode nos levar a permanecer na leitura do hipertexto, navegando por uma página ou pode nos conduzir a desistir da leitura, se

observarmos que a página pela qual pretendíamos navegar não nos oferece o conteúdo que esperávamos encontrar ou um conteúdo que não nos interessa.

Então, nesse espaço, entram em cena os gestos de leitura/interpretação que, nada mais são do que essas atitudes do leitor. Tais gestos estarão impregnados de ideologia, ou seja, de sentidos que são coerentes para o leitor que age sobre o texto. Logo, clicar em um hipertexto é um gesto de leitura significativo para um sujeito que navega em uma página da *web*. Certamente, ele viu, naquele hipertexto escolhido para um clique, um sentido que o interessa e que provocou nele uma atitude que se transformou em um gesto de leitura que já estava projetado no hipertexto.

Orlandi (2013) confirma o que afirmamos no parágrafo anterior, que cada gesto de leitura/interpretação está vinculado à ideologia, ou seja, ao sentido. Portanto, há a identificação ou não com os hipertextos distribuídos nas mídias digitais. O clique não é simplesmente um gesto vazio, alheio, mas uma forma de o leitor dizer que entendeu para que serve aquele nó. Ele sabe que clicando ali será encaminhado para outra página ou para outro momento de leitura. Ou mesmo não sabendo disso, ao observar o hipertexto na página e compreendendo-o, ele já atualizou, nessa atitude, algum sentido, ou seja, alguma relação dialógica.

Nos recortes selecionados para a análise deste estudo, é possível perceber os movimentos de leitura que o leitor, potencialmente, pode realizar sobre os hipertextos. Tais movimentos são projetados pelo autor e projetados nos hipertextos de maneira que o leitor encontre neles um caminho de leitura em sua navegação pelo *site*. A organização dos hipertextos em uma página está envolta em uma série de decisões já pré-estabelecidas por convenções que, segundo as pesquisas e as análises realizadas por nós, na busca pelos *sites* para serem investigados para este estudo e na literatura, tomada como técnica, que aborda a usabilidade, a localização dos *links*, figuras, vídeos, gráficos, *etc.* ocorre de forma intencional para orientar o leitor.

Lévy (2011, p. 42) afirma que “o hipertexto não se deduz logicamente do texto fonte. Ele resulta de uma série de decisões: regulagem do tamanho dos nós ou dos módulos elementares, agenciamento das conexões, estrutura da interface de navegação, *etc.*”. Esses elementos são estabelecidos ou pela máquina, quando se utiliza algum programa para planejar a disposição gráfico-visual dos hipertextos, ou pelo autor, o projetista do *site*, que elabora todo um planejamento da forma composicional dos hipertextos na página. São esses dois atores, o computador e o projetista, que vão estruturar um possível caminho de leitura que pode vir ou não a ser percorrido pelo leitor. Mas, de certa forma, ambos acreditam que serão. Então, tendo

em vista esses aspectos, passemos para a análise dos hipertextos que compõem os *sites* selecionados.

5.1.2.1 O nome do site

Conforme descrito anteriormente, das cinco páginas selecionadas como recorte para este estudo, quatro apresentam o nome do *site* à esquerda, no alto da página e em destaque, grafado em letra maior e em cor diferente, diferindo dos demais hipertextos da página. Pela análise realizada, vimos uma recorrência desse recurso não somente nos *sites* escolhidos, mas em todos os outros examinados por nós, na busca pelas páginas que seriam alvo da nossa pesquisa. Se retomarmos o Quadro 3, observaremos que das 20 páginas pesquisadas, no início, para este estudo, apenas quatro não apresentam o nome do *site* com essa configuração. Então, esse recurso, em sua medida, nos pareceu, a princípio, uma estratégia utilizada pelos profissionais que constroem essas páginas para atrair o leitor para o nome do *site*. Posteriormente, essa estratégia veio a ser comprovada por meio das pesquisas que realizamos

Tecnicamente falando, Krug (2008), como pesquisador da área da usabilidade e da navegação, veio confirmar essa nossa hipótese quando declara, em seus estudos, que o nome de um *site* é como o nome de uma loja física que avistamos logo na entrada. Então, como o autor pondera, se precisamos ver o nome da loja no alto do prédio, em sua entrada, precisamos ver o nome do *site* no topo da página também. O que nos mostra que essa posição do nome é uma convenção, respaldada pela literatura da área técnica. E é ali, nessa posição, que o usuário/leitor, quando acessa um *site* e navega por ele, espera encontrar esse nome, porque, convencionalmente, na maioria das páginas da *web*, ele é colocado no topo da página, à esquerda, em letras maiores, para destacá-lo.

A atitude do projetista de, na maioria das vezes, colocar o nome do *site* nessa posição, reflete a sua preocupação com o sentido que o hipertexto que denominamos de “o nome do *site*” vai projetar sobre o leitor. O leitor acostumado com o computador pode, automaticamente, já ter assimilado esse gesto de leitura projetado pelo autor do *site* que vai conduzi-lo a abrir a página e olhar para a sua parte superior esquerda e identificar o nome do *site*. O leitor menos habituado com a utilização do computador pode não ter desenvolvida essa habilidade, então, ao abrir a página, o hipertexto do “nome do *site*” estará destacado para que ele imediatamente o identifique, como sendo o que ele procura ou não, dentre outras informações hipertextuais existentes naquela página.

É importante ressaltar, também, que o nome do *site* é um hipertexto que aparece em todas as páginas de um *site* e nos remete sempre à página inicial do *site*. Ao acessarmos um *site* e navegarmos por ele, realizamos movimentos de leitura, ou seja, mudamos de página, retornamos à página anterior, *etc.*, como se estivéssemos folheando um livro impresso. Porém, quando queremos retornar à página inicial do *site*, o nome do *site* é um hipertexto que vai nos conduzir a ela. Clicar sobre o nome do *site* vai nos levar à *home page* do *site*. Observa-se nesse movimento um gesto pré-definido.

Temos, em torno de tudo isso, uma situação de enunciação que envolve certos movimentos de leitura da parte do leitor. Para que esses movimentos ocorram, é construído todo esse aparato tecnológico e que, conseqüentemente, se transforma em um aparato linguístico. Na verdade, tudo isso é um gesto de leitura intencionalmente planejado pelo autor para alcançar o seu provável leitor empírico e não permitir que ele se perca na sua leitura. É uma forma de cercar o leitor e conduzi-lo, pensando nele como um potencial leitor já idealizado para aquela leitura. E essa idealização é pensada em termos de uma trajetória anterior de leitura daquele leitor. Ou seja, o leitor traz consigo experiências de leitura em textos impressos ou digitais que o habilitam a interpretar o que está sendo posto no hipertexto “nome do *site*” para merecer um clique. Parece-nos, nesse sentido, que o autor (projetista da página), verdadeiramente, considera as experiências de leitura do leitor em páginas da *web* para tomar essa atitude de projetar o hipertexto.

É interessante observar também o que Krug (2008, p. 23) alega sobre o que enxergamos em um *web site*. O autor diz que “o que vemos quando olhamos uma página Web depende do que temos em mente, mas geralmente é apenas uma fração do que está na página”. E ele não afirma que essa atitude é de um usuário mais ou menos habituado a utilizar a *internet*, a navegar por ela, é uma atitude mental, que não se aplica somente a leituras de hipertextos digitais, como já discutimos anteriormente neste trabalho. Nesse sentido, o nome da página é um dos itens que faz parte dessa fração¹⁶, pois, como já foi apresentado anteriormente, neste estudo, ele sempre aparece destacado. Dessa forma, o destaque dispensado a ele não é uma atitude aleatória, mas intencional.

Para demonstrar o que está sendo exposto neste ponto do trabalho, apresentamos uma ilustração de Krug, nas Figuras 17, 18 e 19, em que o autor mostra como todo esse processo acontece.

¹⁶ Essa informação pode ser averiguada na Figura 17.

Figura 17: O que os projetistas criam

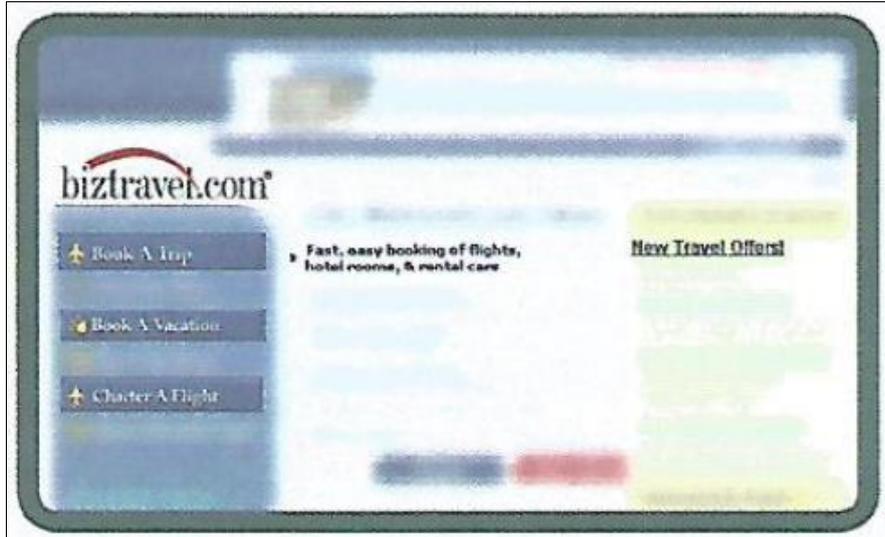


Fonte: KRUG, 2008, p. 23

A Figura 17 nos mostra que, ao construir um *site*, o seu projetista cria uma página completa, com várias informações e itens para serem clicados e acessados. Ele projeta, no *site*, tudo aquilo que ele julga necessário para que o usuário/leitor obtenha as informações que procura. Porém, a Figura 18 e 19 vai nos mostrar que aquilo que o leitor vê não é diferente daquilo que o autor do *site* projetou, mas o leitor vê em proporções menores, pois enxerga exatamente o que lhe interessa, ele é guiado pelas suas vontades, seus desejos, suas emoções e seus interesses. Isso acontece, também, na leitura dos impressos, como já foi discutido neste trabalho, quando folheamos um livro, por exemplo, em busca do seu sumário, para verificarmos o conteúdo dos seus capítulos. Sendo assim, essas informações, um tanto quanto mais técnicas, só endossam a nossa crença de que a leitura dos hipertextos digitais não se difere radicalmente da leitura dos clássicos impressos, ou seja, dos livros, das revistas, dos jornais, *etc.*

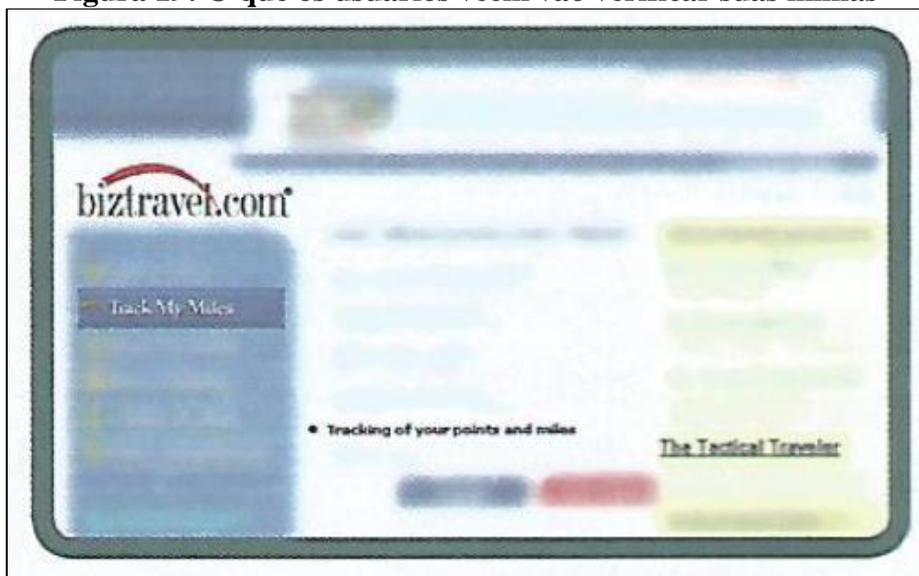
Na Figura 18, o autor nos mostra que o leitor, ao comprar uma passagem, fixa a sua atenção nos elementos que são mais relevantes para a compra da passagem, como, por exemplo, os três que estão na coluna, à esquerda da página. Já, no caso da verificação da sua milhagem no *site*, como apresenta a Figura 19, ele fixa-se nos itens que estão relacionados às milhas, ou seja, somente três itens espalhados pela página.

Figura 18: O que os usuários veem quando querem comprar uma passagem



Fonte: KRUG, 2008, p. 23

Figura 19: O que os usuários veem vão verificar suas milhas



Fonte: KRUG, 2008, p. 23

O que o autor procura nos mostrar é que a nossa tendência, como leitores, é focar em palavras ou expressões que se assemelham à tarefa na qual estamos executando, ou seja, observamos nossos interesses pessoais ou alguma palavra que, de alguma forma, tem algum efeito sobre nosso sistema nervoso, nos atingindo psicologicamente, e provocando, em nós, alguma atitude de leitura. Então, considerando-se essas ponderações, podemos enxergar, na posição do nome do *site* em uma página, uma estratégia para atrair o leitor e chamar-lhe a atenção para aquele hipertexto (nome do *site*). O que seria, de fato, o acionamento da memória discursiva em torno daquilo que o leitor procura, que o remeteria a atualizar algum tipo de

relação dialógica que o permite identificar imediatamente se aquele *site* seria o *site* procurado por ele ou não.

O que temos aqui é uma sintonia, um encontro entre o leitor e o nome do *site*, ou seja, há uma relação de identificação imediata do leitor com o nome do *site*, ele se identificou porque encontrou o *site* que procurava, e isso se evidencia pelo hipertexto principal, que é o nome do *site*. O leitor encontrou, naquele hipertexto, o seu objetivo realizado, ou seja, o *site* que procurava. Uma vez observado o nome do *site* e concluído que ele satisfaz às suas expectativas, está posta, pelo leitor, a relação dialógica que vamos chamar aqui de relação dialógica de identificação. Esse gesto é que será responsável por realizar todo esse movimento e projetar no leitor uma atitude de leitura/interpretação, clicando sobre dado hipertexto e estabelecendo algum tipo de relação dialógica. As relações dialógicas atualizam o sentido do texto, para o leitor, no momento em que o leitor identifica no hipertexto o sentido projetado pelo autor.

5.1.2.2 *O campo de busca textual*

O campo de busca textual é também um elemento comum em todos os *sites*, não somente nos pesquisados por nós, neste trabalho. De acordo com a pesquisa que realizamos, poucas são as páginas que não têm esse elemento na sua composição. É por meio dele que conseguimos encontrar um produto, um serviço ou uma informação que não estão anunciados, de forma clara, no *menu* ou em alguma outra parte do *site*. Ou podemos utilizá-lo, ainda, antes mesmo de realizar uma navegação mais minuciosa pelo *site*, quando estamos buscando algo que queremos encontrar com maior rapidez. Digitamos uma palavra-chave, alguma expressão ou uma frase, o sistema realiza uma pesquisa de busca e nos apresenta os elementos relacionados àquela palavra. Esses elementos vão aparecer em forma de hipertextos.

Nas cinco páginas escolhidas para comporem o recorte da nossa pesquisa, o campo de busca textual está sempre localizado ao lado do nome do *site*. Há somente uma exceção, que é o *blog* Aqui na Cozinha, cujo posicionamento do campo de busca textual está acima do nome da página. Isso vai ocorrer, também, em alguns outros *sites*, mas eles não representam uma maioria. No Portal do Servidor, a posição do campo de busca textual é quase a mesma do *site* do *blog* Aqui na cozinha, somente modifica um pouco por estar ao lado do nome do *site*, porém, não da forma convencional, que seria bem ao lado do nome, mas um pouco mais acima.

A busca textual, segundo Krug (2008), é essencial para alguns usuários. O autor afirma que existem pessoas que procuram uma caixa de busca textual como se procurassem o funcionário mais próximo quando entrassem em uma loja. O autor ainda afirma que essas

peças têm essa atitude assim que entram em um *site* para não perderem tempo ou porque não querem ficar navegando pelo mesmo, ou seja, realizando uma leitura de todos os hipertextos que o *site* oferece. Outros usuários, de acordo com o autor, só vão utilizar a caixa de busca quando já tiverem esgotado os *links*, pois preferem os *links* ao campo de busca, preferem navegar pelo *site*, fazendo a sua leitura, à procura daquilo que lhes interessa. De certa forma, se assim podemos afirmar, veem algum atrativo na navegação.

A identificação do campo de busca textual é importante tanto para os leitores que o utilizam como único recurso, no momento da sua busca, quanto para aqueles que primeiro vão aos *links* para depois procurar o campo de busca textual. Para aqueles que costumam utilizá-lo, com frequência, como ferramenta de pesquisa, ele se apresenta em uma relação essencial entre o leitor e o texto, ou seja, o leitor não encontra o texto sem essa ferramenta de busca. O que cria nesse leitor uma identificação com o campo e um apoio maior com esse item, capaz de conduzi-lo para onde ele quer. Há, nesse aspecto, uma relação de dependência que foi criada por esse usuário/leitor, ou seja, se aquele campo não existir no *site*, o usuário/leitor não consegue ir a lugar algum. Ou, se consegue, será com maior dificuldade. Diferentemente daquele leitor que utiliza o campo de busca textual somente em último caso.

São gestos de leitura diferentes e relações de sentido diferentes também. Por um lado, existe um leitor que construiu uma dependência com um item no *site*; por outro, existe outro leitor que, simplesmente, enxerga o campo de busca como apoio, caso não haja outro recurso que possa atendê-lo antes do campo de busca textual. As relações dialógicas se manifestam no mesmo texto de formas diferentes, de acordo com o leitor que navega pela página. A dependência ou o apoio do campo de busca são relações dialógicas que vão se atualizar para o leitor conforme a sua visão desse campo. Ou seja, há aquele leitor que, ao abrir o *site*, irá direto na busca textual e há aquele que vai utilizá-lo somente no momento em que o *menu* ou outros hipertextos não o satisfizerem. Todavia, de uma forma ou de outra, o campo de busca textual será utilizado sempre como um elemento que remete àquilo que procuramos.

Para aquele leitor dependente do campo de busca, certamente, ao entrar em uma página da *web*, o que ele terá em mente será aquilo que ele procura (um produto ou um serviço) e o campo de busca textual, é que será o elemento hipertextual fundamental para a sua navegação pela página. Talvez, e em certa medida, a leitura desse leitor seja diferente da leitura daquele que navega antes pela página. Mas, independentemente dessa questão, nesse movimento, o campo de busca textual se realiza como o gesto de leitura estruturado anteriormente pelo projetista da página, visando esse leitor dependente dele. É um gesto de leitura bem palpável,

que se materializa quando exige do leitor uma atitude concreta de digitar uma palavra e de se clicar na lupa para ser encaminhado para outras leituras.

Porém, independentemente do sentido que o campo de busca textual provoca no leitor, ele é uma referência, dentro do *site* para esse leitor. Ele foi criado e configurado pelo autor, no *site*, para que o leitor o percebesse e reconhecesse a sua funcionalidade para buscar aquilo que ele quer encontrar. O gesto de leitura que é projetado no campo de busca textual e idealizado pelo autor prevê um leitor que saiba o que ele vai procurar utilizando palavras ou expressões associadas ao campo de conhecimento daquilo que ele pretende encontrar. Em uma busca textual, o leitor precisa retomar, em sua memória discursiva, recursos que o permitam escrever algo na caixa de busca que o remeta àquilo que ele esteja rastreando.

Portanto, o campo de busca textual se apresenta como um recurso capaz de provocar, no leitor, a atualização de várias relações dialógicas, visto que elas serão atualizadas de acordo com aquilo que o leitor tem em mente, o que ele quer encontrar, em dada página, usando aquele hipertexto. É um hipertexto que pode conduzir o leitor a tantos textos quantos forem imaginados por ele, em um movimento sustentado pelas suas expectativas. Em um diálogo com o texto, o leitor imprime no campo de busca, talvez, o seu gesto de leitura mais caro, pois é pensado e planejado, no sentido de ele ter que buscar em sua memória discursiva algum aporte discursivo que o remeta àquilo que ele procura no *site*. É um gesto de leitura imbricado em uma série de movimentos ideológicos realizados pelo leitor. Esse campo é uma estratégia discursivo-tecnológica que reserva ao leitor a possibilidade de construir, de forma protagonista, os próprios hipertextos.

Entretanto, o que queremos destacar, aqui, são as relações dialógicas imediatas que o hipertexto ‘campo de busca textual’ provocam no leitor ao abrir uma página da *web*. Nesse sentido, seriam, primordialmente, as relações dialógicas de dependência e de apoio, como já apontamos, no Quadro 6, deste trabalho, e estamos descrevendo neste item. As demais relações dialógicas, que podem ser várias e que serão atualizadas ao se digitar alguma palavra ou expressão nesse campo, podem se tornar alvo de outro estudo justamente devido ao fato de serem várias e de tornar este estudo muito extenso.

5.1.2.3 O menu horizontal

Tecnicamente, Whitton, pesquisador do mesmo grupo de Nielsen, que também empenha seus estudos nas pesquisas sobre a usabilidade, ao avaliar o *menu*, o define da seguinte forma: “Os *menus* de navegação são listas de categorias ou recursos de conteúdo, tipicamente

apresentados como um conjunto de *links* ou ícones agrupados em estilo visual distinto do resto do projeto” (WHITATON, 2015, s/p). No *menu*, estão organizadas as principais e mais relevantes informações da página, na concepção do projetista do *site*.

O *menu* horizontal é uma ferramenta para a leitura dos hipertextos digitais da qual o leitor pode se apropriar, quando vai explorar uma página da *web*, navegando por ela, em uma atitude de leitura, para encontrar os itens que está procurando, de uma forma mais prática e mais organizada, não de uma forma rápida como acontece quando se utiliza o campo de busca textual. Por isso, na navegação por um *site*, é necessário que o leitor atente para cada item que o *menu* apresenta, a fim de compreender para onde ele o direciona.

O *menu*, talvez, dada a sua funcionalidade de conduzir o leitor por uma página da *web*, seja o hipertexto mais procurado, pelo leitor que acessa uma página, na configuração gráfico-visual de um *site*, pois é nele que podemos obter quase todas as informações que procuramos em uma página da *web*¹⁷. Nele estão as seções principais da página, o que Krug (2008) chama de “navegação primária” ou “nível mais superior da hierarquia do *site*”. Krug também aponta o *menu* como uma convenção *web*, ou seja, uma especificação da aparência e da localização dos elementos de navegação. Ao clicarmos em algum item do *menu*, abrirá, à nossa frente, uma série de opções que poderemos escolher dentre elas a que mais nos apraz.

O *menu*, assim como o ‘campo de busca textual’, é um recurso hipertextual que nos apresenta várias possibilidades para estabelecermos as mais variadas relações de sentido com o texto. O que o difere do ‘campo de busca textual’ é que as opções de relações de sentido já estão sugeridas nele, em uma lista. Justamente o contrário do ‘campo de busca textual’. No ‘campo de busca textual’, o leitor é quem cria as relações dialógicas por meio do acionamento da memória discursiva, e digita alguma palavra que remeta àquilo que ele procura, como apresentamos no item anterior.

Um ponto interessante do *menu* é que ele pode acionar várias relações dialógicas ao mesmo tempo. Ao clicarmos em um tópico do *menu*, abrem-se algumas opções de busca dentro daquele tópico, como é apresentado na Figura 20, 21, 22 e 23. Isso mostra ao leitor as várias possibilidades de relações dialógicas que surgem simultaneamente diante dele e sobre as quais ele deve agir em busca daquilo que, obviamente, precisa encontrar.

Além disso, como mostramos anteriormente, em todos os *sites* escolhidos para compor o *corpus*, o *menu* horizontal se localiza no mesmo lugar, no sentido horizontal, e com itens

¹⁷ Não realizamos pesquisas que comprovassem que o *menu* fosse o hipertexto mais procurado pelos leitores. Essa colocação originou-se das nossas observações realizadas na pesquisa. Por isso, optamos por utilizar uma expressão que denotasse dúvida.

dispostos um ao lado do outro, com exceção do Portal do Servidor que, além de ter um *menu* horizontal, tem também dois *menus* laterais, na posição vertical, que contêm informações diferentes das que se encontram no *menu* horizontal.

Nas figuras a seguir, Figuras 20, 21, 22 e 23, vamos apresentar dois exemplos diferentes do *menu* horizontal em dois *sites* distintos e as formas diferenciadas dos hipertextos aparecerem neles. A Figura 20 destaca o *menu* horizontal no Portal do Servidor do Estado de Minas Gerais. Nas figuras seguintes à figura 20, veremos as opções de hipertextos que aparecem para o leitor, após ele clicar na seção RH responde, no *menu* horizontal.

Figura 20: Destaque para o menu horizontal



Fonte: Portal do servidor do estado de Minas Gerais

A Figura 21 mostra a página que abre quando clicamos no item RH Responde do *menu* horizontal do Portal do Servidor. É possível observar que abre uma página em que aparecem outros hipertextos e, um deles se apresenta bem destacado, em letras garrafais e maiores indicando ‘clique aqui’. Nessa perspectiva, podemos observar a função do hipertexto como um gesto, um movimento de leitura. O ‘clique aqui’ bem destacado conduz o leitor a realmente clicar nele, pois mostra a sua importância dentro daquela página.

Figura 21: Página que aparece quando clicamos no item RH Responde



Fonte: Portal do servidor do estado de Minas Gerais

A Figura 22 nos mostra outro movimento de leitura que se manifesta, quando clicamos no hipertexto ‘clique aqui’ apresentado na Figura 21. Ao clicarmos nesse hipertexto, somos conduzidos para um formulário que pode ser preenchido pelo leitor do portal, com suas dúvidas, e enviado para o RH.

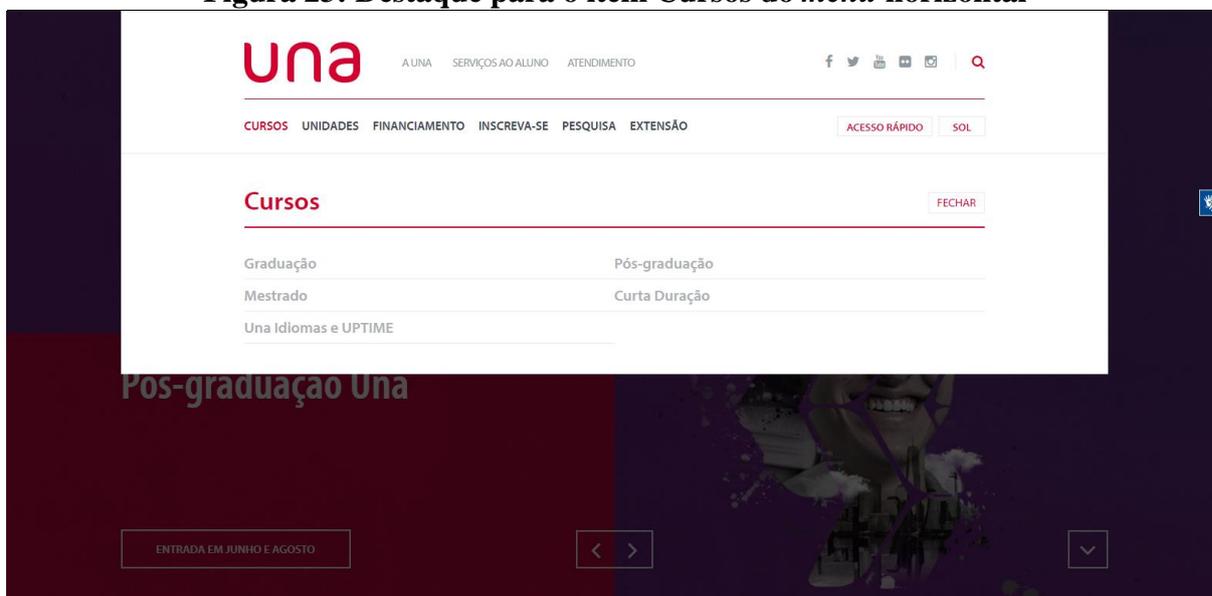
Figura 22: Hipertexto que aparece após clicarmos em ‘clique aqui’

Fonte: Site da revista Marie Claire

Na Figura 23, apresentamos outro *site*, de uma categoria diferente do anterior. Nele, é possível observar que aparece uma forma diferente de *menu* horizontal do *site* da figura anterior

(Figura 22), que é mais convencional. Nele, o *menu* horizontal no conduz a atualizar várias relações dialógicas propostas por ele. Ao clicar no item ‘Cursos’, abre, na vertical, algumas opções que, provavelmente, sob a ótica do projetista, o leitor estaria procurando.

Figura 23: Destaque para o item Cursos do *menu* horizontal



Fonte: Portal do Centro Universitário UNA

Os *menus* horizontais podem direcionar o leitor de diferentes formas, mas a sua constituição inicial, que se refere a sua constituição gráfico-visual, em uma página, é a mesma. E essa localização do *menu* na página, sem dúvida, direciona o leitor em sua busca. Ao abrir o *site*, o leitor encontra com facilidade o *menu*, pois sabe que, na grande maioria dos *sites*, o *menu* se localiza no mesmo lugar, como já foi apontado por Whitaton (2015), em seus estudos, e também citado neste. Existe, nesse aspecto, uma previsão, por parte do autor do *site*, daquilo que será procurado pelo leitor para a sua leitura, ele projeta no leitor uma possibilidade de leitura e espera que o leitor a siga por meio do *menu*.

Nesse caso, o autor espera que o leitor concorde com as opções que o *menu* abrirá para ele no momento em que ele optar por clicar em um hipertexto, que é um item do *menu*. É possível, nesse momento da leitura, que o leitor atualize a relação dialógica de direcionamento, considerando os itens apresentados no *menu*, caso ele encontre algo que o encaminhe para o que ele procura. Aliás, o fato de ele optar por clicar em um dos hipertextos do *menu* já mostra que, nesse gesto, estabeleceu-se o direcionamento, mesmo que ele, logo em seguida, desista daquele caminho de leitura.

O que está sendo projetado pelo autor para resultar em um gesto de leitura do leitor sobre os hipertextos do *menu* são ações constitutivas da prática do autor. O autor estrutura um

site pensando na forma mais eficaz de se construir um *menu* que manifeste gestos de leitura que serão projetados no leitor, para que ele não se sinta perdido. Para isso, existem normas que regem a constituição desse *menu*, e essas normas são aplicadas em, praticamente, todos os *sites*, um ou outro podem fugir a essas regras, mas considerando-se o todo estruturado de uma página da *web*, podemos afirmar que é convenção seguir tais normas.

6 CONCLUSÃO

Após todo esse trajeto percorrido para a realização deste estudo, podemos concluir que as relações dialógicas são, ainda, um campo fértil de pesquisa e, provavelmente, inesgotável. Verificamos que há muito o que se pesquisar sobre essas relações. Aliadas aos gestos de leitura e ao hipertexto como projeção das relações dialógicas, elas se tornam muito mais ricas para serem estudadas. Isso nos leva a acreditar que há, ainda, campo para um trabalho fértil de pesquisa que precisa ser realizado sobre o seu funcionamento nos hipertextos.

Neste trabalho, unimos nossos esforços para mostrar como o hipertexto, enquanto gesto de leitura, atualiza relações dialógicas para o leitor. No percurso do nosso estudo, tivemos a oportunidade de observar que, enquanto gesto de leitura projetado pelo autor, o hipertexto se manifesta como um campo vasto de interpretações e de sentidos que vai depender do leitor, das suas experiências adquiridas durante a vida, que remetem a sua memória discursiva, e das suas expectativas ante aos hipertextos.

Os gestos de leitura/interpretação sobre o hipertexto estarão pautados em uma identificação do leitor. Agir sobre os hipertextos e atribuir-lhes sentido é tarefa do leitor que perceberá neles algum atrativo que os compõem, estabelecendo relações dialógicas. Porém, o gesto realizado pelo leitor é uma projeção do autor que, visando a provocação da leitura, utiliza de convenções e normas para distribuir os hipertextos, em sua forma gráfico-visual, em uma página.

A disposição gráfico-visual dos hipertextos em uma *site* é baseada em uma série de regras que vão reger a construção de *sites*, ou seja, as páginas da *web* seguem algumas normas que padronizam a distribuição dos hipertextos em locais específicos da página. Isso nos mostra que existe nessa atitude a tentativa de fazer com que o leitor leia os hipertextos e os utilize como referência para a leitura considerada adequada, que é projetada pelo autor modelo sobre o leitor modelo a fim de atingir o seu objetivo.

Essa configuração do hipertexto nos diversos *sites* faz parte da sua forma composicional que está imbricada nos gêneros do discurso. Atribuir a um *site* a categoria de gênero do discurso implica em seguir algumas convenções que serão reguladas por esse gênero. Dessa forma, o *site* se apresenta, em certa medida, como um texto estável e que pode ser identificado pelos leitores como tal. Sendo assim, o autor do *site*, ou seja, o projetista, consegue projetar no seu texto um provável leitor.

A projeção de um leitor pelo autor da página torna-se visível aos nossos olhos quando se analisa a distribuição gráfico-visual dos hipertextos. Por isso, analisamos, nesta pesquisa os

seguintes hipertextos: nome do *site*, *menu* horizontal e campo de busca textual. Leitores que não conseguem enxergar nesses hipertextos possibilidades de condução do seu trabalho de navegação e leitura pelo *site* enfrentarão dificuldades em lê-los e atualizar relações dialógicas neles. Mas isso não quer dizer que não conseguirão realizar uma leitura. Portanto, a familiaridade com esses hipertextos em um *site*, certamente, auxilia o trabalho do leitor na leitura dos mesmos.

O objetivo principal deste trabalho, conforme foi apresentado na sua introdução, aponta que o que pretendemos com toda essa análise é mostrar que o fenômeno do hipertexto em termos de um ‘gesto de leitura’ está projetado pelo autor modelo no processo de composição de textos produzidos em mídia digital. E todo esse processo está apoiado nas relações dialógicas que se atualizam no exato momento da leitura do hipertexto. A projeção de um leitor modelo pelo autor já nos apresentam alguns indícios de uma leitura guiada e, conseqüentemente, a previsão de determinadas relações dialógicas nos hipertextos.

Ao analisar um número considerável de páginas da *web* para realizar a nossa investigação, verificamos que a grande maioria das páginas optam por um padrão em que os elementos hipertextuais são dispostos de forma gráfica e visual semelhante, permitindo ao leitor identificar o gênero discursivo *site* facilmente e agir sobre os seus hipertextos. Essa informação pode ser averiguada, neste trabalho, nos Quadros 3, 4 e 5, do capítulo denominado Procedimentos Metodológicos. Conforme já foi exposto neste trabalho, o que o autor espera que o leitor encontre é alguma semelhança entre as páginas que visita.

Essa semelhança que o leitor vai encontrar nos *sites* pelos quais navega na *internet* é que garante a elas a estabilidade como gênero do discurso e que permite ao autor do texto projetar nos hipertextos um leitor modelo. Sendo assim, encarados como um gesto de leitura projetado pelo autor, os hipertextos vão possibilitar ao leitor modelo a atualização de relações dialógicas neles. Essa atitude conduzirá o leitor modelo a optar por esse ou aquele hipertexto em uma página, vai variar de acordo com aquilo que ele tem em mente sobre o assunto que deseja pesquisar.

Após a nossa investigação, levantamos algumas possíveis relações dialógicas que poderiam ser atualizadas pelo leitor em sua navegação, pelos elementos hipertextuais que selecionamos para analisar, ou seja, o nome do *site*, o campo de busca textual e o *menu* horizontal, conforme podemos verificar no Quadro 6 deste trabalho. Quando pensamos nessas relações dialógicas, pensamos naquilo que era mais provável, não definitivo e categoricamente determinado. Portanto, enfatizamos que essas relações dialógicas vão sofrer influência do leitor

e da sua história de leitura, juntamente com todo o contexto que o cerca no presente e que o cercou no passado, pois o leitor é um sujeito histórico.

Nesse sentido, o autor projeta um gesto de leitura no hipertexto para que o leitor atribua-lhe um sentido. No entanto, não existe uma garantia que isso aconteça. Se considerarmos o gênero do discurso sob o ponto de vista da estabilidade apenas, certamente, a atitude do autor funcionaria perfeitamente e sem margem de erros. Mas, se os gêneros do discurso, mesmo sendo dotados de certa estabilidade ainda podem sofrer variações pelo toque individual daqueles que colocam a língua em funcionamento, consideraremos que pode existir uma margem de erro em nossas previsões, no que se refere tanto ao leitor que navega muito bem pela *internet* quanto ao leitor que apresenta suas limitações na navegação.

Depois de todo este estudo empenhado em dissecar as teorias que nos serviriam de base e de analisar o *corpus* escolhido para a realização deste trabalho, e retomando os objetivos apresentados na introdução desta tese, observamos que conseguimos avançar na análise do fenômeno do hipertexto em termos de um ‘gesto de leitura’ projetado pelo autor modelo no processo de composição de textos produzidos em mídia digital, à medida em que analisamos esses gestos e apontamos neles possíveis relações dialógicas que podem ser atualizadas pelo leitor modelo.

Além disso, na nossa abordagem teórica, mostramos que os gestos de leitura sobre os hipertextos são atividades dialógicas projetadas pelo autor quando, em peças retiradas de alguns *sites*, conseguimos demonstrar como o autor projeta um leitor modelo nos textos em mídias digitais, partindo de uma configuração gráfico-visual pré-estabelecida por convenções que regem o mundo virtual, gerando assim certa estabilidade no gênero discursivo *site* e, dessa forma, projetando um leitor modelo para a leitura desses hipertextos.

Porém, apesar de toda a estabilidade promovida pelo gênero discursivo *site* e pela certa previsão que há no gesto de leitura que o projetista de uma página da *web* projeta para o leitor, ainda encontramos, nas páginas visitadas e analisadas por nós, um fator que permite ao leitor escapar de toda a previsão de leitura que é realizada na organização da forma composicional dos hipertextos em um *site*, em um *blog*, *etc.* Esse fator se chama ‘propaganda’. E, conforme observações realizadas por nós, é um fator desestabilizador no sentido de não estar previsto, pelo autor, no gênero discursivo *site*, mas que, certamente, é um caminho para outras leituras que podem ser provocadas pelo hipertexto.

Pela análise realizada por nós, percebemos que essas propagandas não aparecem em todas as páginas, apenas em algumas. Nos *sites* institucionais ou nos portais governamentais, por exemplo, elas não se apresentaram para novamente em outros *sites*. O mais comum, pelas nossas observações, é de que elas apareçam em páginas como os *blogs*, mas isso também não pode ser tomado como uma regra, pois as vimos em *sites* de jornais de grande circulação também, como o Jornal Estado de Minas, que circula em todo o estado e até fora dele.

O que podemos deduzir é que há algum tipo de bloqueio, no *site*, que as impede de figurar em algumas páginas. Mas não sabemos que tipo de bloqueio é esse, pois isso não é o alvo do nosso estudo neste momento. Porém, nas páginas em que elas aparecem, tornam-se um grande atrativo para que o leitor deixe a leitura que estava realizando e vá visitar os *sites* que as propagandas oferecem, principalmente pelo fato de elas serem propagandas de algum produto ou serviço pelo qual o leitor procurava na *internet* em um momento anterior. Se o leitor ainda não tiver adquirido o produto ou serviço procurado anteriormente, ou se gostar muito do que a propaganda lhe oferece, ele pode realmente desviar a sua atenção, em dado momento, para optar em ler as propagandas.

Não temos como objetivo, neste trabalho, discutir esse dado, que para nós se apresentou como novo, nem aprofundá-lo. Todavia, não poderíamos deixar de destacá-lo, neste espaço, como um elemento que, de certa forma, desestabiliza aquela leitura projetada pelo autor que pensa no possível leitor e que, de alguma maneira, interfere na forma composicional do gênero discursivo denominado *site*. Esse dado nos reporta para uma discussão que pode ser realizada em outro trabalho posterior a este, pois é algo que foge um pouco daquilo que pesquisamos neste estudo. Neste trabalho focamos naquilo que mantém a estabilidade do gênero do discurso que denominamos *site* não em elementos surpresa que, de certa forma o desestabilizam.

Com esta pesquisa que procurou tratar o tema dos hipertextos como gestos de leitura projetados pelo autor, tivemos a oportunidade de observar que novas vertentes para o estudo dos gestos de leitura e das relações dialógicas estão abertas para outros trabalhos de pesquisa e que este estudo é apenas um início para que novas frentes sejam exploradas no sentido de se atentar um pouco mais e com mais ênfase para a leitura nas mídias digitais que, atualmente, já invadiram a nossa sociedade, pois até aqueles que mantinham certa resistência a elas, em boa parte, já se entregaram a sua leitura. Por isso é importante e urgente que essas leituras realizadas por esses leitores sejam analisadas e que se busquem estratégias para se compreender melhor o ato de leitura dos hipertextos nas mídias digitais.

REFERÊNCIAS

- ABREU-TARDELLI, Lília Santos; LOUSADA, Eliane; MACHADO, Anna Rachel (Org.). **Planejar gêneros acadêmicos**. São Paulo: Parábola, 2005.
- Americanas.com**. Disponível em: <<https://www.americanas.com.br/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.
- Anhanguera**. Disponível em: <<http://anhanguera.com/home/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.
- Aqui na cozinha**. Disponível em: <<http://www.aquinacozinha.com/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. 2. Tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Austin: University of Texas. Press, 1993. Disponível em: <<https://petletrasufsc.files.wordpress.com/2016/10/bakhtin-para-uma-filosofia-do-ato.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. The problem of the text in linguistics, philology, and the human sciences: an experiment in philosophical analysis. In: BAKHTIN, Mikhail. (1986). **Speech genres & other late essays**. Editado por Caryl Emerson and Michael Holquist. Traduzido por Vern W. McGee. Austin: University Texas Press, 1986. P. 103-131.
- BARTHES, Roland. Aula. São Paulo: Cultrix, 1987.
- BARTHES, Roland. **Œuvres complètes (1966-1973)**. Tome II. Paris: Seuil, 1994.
- BASÍLIO, Juliana. **Blogs, sites, portais**. Disponível em: <<https://www.portalgsti.com.br/2013/07/blog-site-portal.html>>. Acesso em: 29 mai. 2018.
- Biografia de François Richaudeau**. Disponível em: <<http://www.bibliotheque-pedagogique-richaudeau.org/Francois-richaudeau-biographie.html>>. Acesso em: 16 jan. 2017.
- Blog da Renata**. Disponível em: <<http://www.blogdarenatamg.com/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.
- BOLTER, Jay; GRUSIN, Richard. **Remediation**. Understanding new media. USA: MIT Press, 2004.

BRAGA, Denise Bértoli. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.). **Hipertextos e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BRAGA, Robson Aurélio Adelino. **Roland Barthes e a escritura**: um olhar poético sobre o signo fotográfico. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/19/04.html?studium=2.html>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

MACHADO, Irene de Araújo. Os gêneros e o corpo do acabamento estético. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção de sentido. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. P. 131-148.

Centro Universitário UNA. Disponível em: <<https://www.una.br/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

CHARTIER, Roger. **As aventuras do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 24, n. 69, p. 7-30, 2010.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CLARKE, Margaret Anne. Julia Kristeva: para além do simbólico. **Revista Mulheres e Literatura** – vol. 3 – 1999. Disponível em: <<http://litcult.net/julia-kristeva-para-alem-do-simbolico/>>. Acesso em: 16 jul. 2017.

Click jogos on line. Disponível em: <<http://www.clickjogos.com.br/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

COSCARELLI, Viana Carla (Org.). **Hipertextos na teoria e na prática**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

COSCARELLI, Carla Viana. NOVAIS, Ana Elisa. Leitura: um processo cada vez mais complexo. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 35-42, jul./set. 2010.

COSCARELLI, Viana Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

COSCARELLI, Carla Viana. **Textos e hipertextos: procurando o Equilíbrio**. Linguagem em (Dis)curso, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 549-564, set./dez. 2009.

DEITEL, Harvey; DEITEL, Paul; STEINBUHLER, Kate. **E-business e e-commerce para administradores**. São Paulo: Makron Books, 2004.

DIAS, Marcelo Cafieiro. Rotas de navegação: a importância das hipóteses para a compreensão de hipertextos. In: COSCARELLI, Viana Carla (Org.). **Hipertextos na teoria e na prática**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. São Paulo: Pontes, 1987.

ECO, Umberto. Muito além da *internet*. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 dez. 2003. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=16>. Acesso em: 8 jan. 2017.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva. 2. ed. 2017.

em.com.br. Disponível em: <<https://www.em.com.br/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

EMERSON, Caryl. **Os cem primeiros anos de Mikhail Bakhtin**. Tradução de Pedro Jorgensen Júnior. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

Epa. Disponível em: <<http://www.epa.com.br/mg/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

FACHINETTO, Eliane Arbusti. O hipertexto e as práticas de leitura. **Revista Letra Magna**, Ano 02, n. 03, 2005.

FAMINAS-BH. Disponível em: <<http://www.faminasbh.edu.br/principal>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012. 269 p. **Bakhtiniana**, São Paulo, 7 (2): 181-187, Jul./Dez. 2012.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e Intertextualidade. In: **Bakhtin**: Outros conceitos-chaves. Beth Brait (Org.). São Paulo: Contexto, 2010.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2002.

Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GERALDI, João Wanderley. Leitura: uma oferta de contrapalavras. **Educar**, Curitiba, nº 20, p. 77-85. Editora UFPR, 2002.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVERIA, Desise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Gilles Thérien. Disponível em: <<http://www.puq.ca/auteurs/aurele-saint-yves-144.html>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

GOMES, Luiz Fernando. **Hipertextos multimodais:** leitura e escrita na era digital. Jundiaí: Paco Editorial, 2010.

GOMES, Luiz Fernando. **Hipertexto no cotidiano escolar.** São Paulo: Cortez Editora, 2011.

IEDEMA, Rick. Multimodality, resemiotization/; extending the analysis of discourses as multi-semiotic practice. **Visual Communication.** Stanford, v. 2, n. 1, p. 29-57, 2003.

JOUVE, Vincent Jouve. **A leitura.** Tradução Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

JUNG, Carlos Fernando. **Metodologia para pesquisa e desenvolvimento:** aplicada a novas tecnologias, produtos e processos. Rio de Janeiro: Axel Books, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KRESS, Gunter; VAN LEEUWEN, Theo. Front Pages: (The critical) analysis of newspaper layout. In: BELL, Allan; GARRET, Peter. (Eds.) **Approaches to media discourse.** Blackwell Publishing, 1998. P. 186-219.

KRESS, Gunther. **Literacy in the new media age.** London: Routledge, 2003.

KRESS, Gunter; VAN LEEUWEN, Theo. Structures of visual representation. In: ESTON, T. (Ed.). **Beihefte zu textcon text.** Heidelberg: Julius Groos Verlag, 1992.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise.** Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.

KRUG, Steve. **Não me faça pensar.** Tradução de Acauan Pereira Fernandes. Rio de Janeiro: Alta Books, 2013.

LEMKE, Jay. **Letramento metamidiático:** transformando significados e mídias. *Trab.Ling.Aplic.*, Campinas, 49(2), Jul./Dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010318132010000200009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 17 dez. 2017.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** 2. ed. 1. Reimpressão. O futuro do pensamento na era da informática. Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?.** Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: 34, 2011.

MACHADO, Flávia Sílvia. **Hipertextualidade:** uma abordagem bakhtiniana sobre relações dialógicas entre enunciados em rede. 2012. 235 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. **Linguagem & Ensino**, Pernambuco, Vol. 4, No. 1, 2001 (79-111).

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Linearização, cognição e referência**: o desafio do hipertexto. 1999. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/~fontes/ln2sem2006/17Marcus.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

Marie Claire. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

MEDRADO, Júlia. **Qual a diferença entre site, blog, portal e hotsite?**. Disponível em: <<http://tradstar.info/blog/qual-diferenca-entre-site-blog-portal-e-hotsite/>>. Acesso em: 2 jan. 2018.

MERRIAM, Sharan. **Case study research in education**: a qualitative approach. San Francisco: Jossey Bass, 1988.

Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

NIELSEN, Jacob. **Como os usuários leem na web**. 1997. Tradução de José Manuel da Silva. Disponível em: <<http://www.nngroup.com/articles/>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

NOVAIS, Ana Elisa. **Compreendendo a sintaxe das interfaces**. In: COSCARELLI, Viana Carla. Hipertextos na teoria e na prática. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

O que é refutar?. Disponível em: <<https://oquee.com/refutar/>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade. RUA [online]. 2010, no. 16. Volume 2 – ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – **Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade**.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital** [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 4. ed. Campinas: Cortez, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

O Tempo. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

PÊCHEUX, Michel. **Analyse automatique du discours**. Paris: Dunod, 1969.

PECHEUX, Michel. Ler o Arquivo Hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **Gestos de Leitura**. Campinas: Unicamp, 1994. P. 55-66.

Polícia Militar de Minas Gerais. Disponível em: <<https://www.policiamilitar.mg.gov.br/portal-pm/principal.action>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. **Orientações para a elaboração de trabalhos técnicos e científicos**: projetos de pesquisa, teses, dissertações, monografias, relatórios entre outros trabalhos acadêmicos, conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). 2. Ed. Elaboração: Roziane do Amparo Araújo Michielini. Belo Horizonte, 2016.

Portal do servidor. Disponível em: <<https://www.portaldoservidor.mg.gov.br/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

Posthaus. Disponível em: <<https://www.posthaus.com.br/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E- Compós** (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

PUC MINAS. Disponível em: <<https://www.pucminas.br/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

RIBEIRO, Ana Elisa. Multimodalidade e produção de textos: questões para o letramento na atualidade. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 21-34, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

Ricardo Amorim. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/ricardo-amorim/>>. Acesso em: 02 de nov. 2017.

Ricardo Eletro. Disponível em: <<http://www.ricardoeletro.com.br/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

ROJO, Roxane. **Diversidade cultural e de linguagens na escola**. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola, 2012a.

ROJO, Roxane. **Gêneros do discurso**. In: Glossário Ceale. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/generos-do-discurso>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

ROJO, Roxane; BARBOSA Jaqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012b.

SANTELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. Editora Brasiliense: São Paulo, 2003.

SOBRAL, Adail. Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em ciências humanas. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: Conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007. P. 103-121.

Super Nosso. Disponível em: <<https://www.supernossoemcasa.com.br/e-commerce/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

STAKE, Robert. Case Studies. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **Handbook of qualitative research**. London: SAGE Publications, 1994. P. 236-247.

THÉRIEN, Gilles. **Pour une sémiotique de la lecture**. Protée, v. 2-3, 1990. Disponível em: <<https://www.erudit.org/fr/revues/hphi/1991-v1-n2-hphi3173/800871ar/>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaievitch. **Discurso na vida e discurso na arte**: sobre poética sociológica. 1926. Tradução Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Disponível em <<http://www.uesb.br/ppgcel/Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2016.

WHITATON, Kathryn. **Design de menu**: lista de ajuda de verificação de 15 diretrizes UX para usuários (2015). Disponível em: <<https://www.nngroup.com/articles/menu-design/?lm=jakobs-law-internet-ux&pt=youtubevideo>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

YUNES, Eliana (Org.). **Pensar a leitura**: Complexidade. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002. (Coleção Teologia e ciências humanas).

ANEXO A: Ilustração da página inicial das 20 páginas da *web* acessadas para realizar a nossa pesquisa

The screenshot shows the homepage of Anhanguera. At the top, there's a navigation bar with links for 'Portal do Professor' and 'Portal do Aluno'. Below that, a main navigation bar includes 'A Instituição', 'Graduação', 'Pós-Graduação', 'Cursos Livres', 'LFG', and 'Inscreva-se'. The central area features a large banner for the 2018 vestibular, highlighting a single-day exam and a 70% discount. To the right, there's a section for 'Acredite: dá pra entrar na faculdade só com a nota do Enem. \o/' and 'Inscreva-se já'. Below the banner, there are sections for 'Cursos em destaque' (Administration and Accounting) and 'ATENDIMENTO ONLINE'. A search filter section is also visible on the right side.

The screenshot shows the homepage of UNA. At the top, there's a navigation bar with links for 'A UNA', 'SERVIÇOS AO ALUNO', and 'ATENDIMENTO'. Below that, a main navigation bar includes 'CURSOS', 'UNIDADES', 'FINANCIAMENTO', 'INSCREVA-SE', 'PESQUISA', and 'EXTENSÃO'. The central area features a large banner with the text 'Inspirações Diárias' and 'Volta às aulas 2018'. Below the banner, there's a section for 'Diz aí, O que te inspira?' with navigation arrows and a 'SAIBA MAIS' button.

Aluno | Professor | Funcionário | SGA Mail | Office 365 | Segurança da Informação | PUC Minas | PUC INFORMA EM ÁUDIO | ask.fm | PUC Minas

1958 • 2018
60 anos vivendo o futuro

INSTITUCIONAL | FORMAS DE INGRESSO | CAMPUS / UNIDADES | ENSINO | PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO | EXTENSÃO | BIBLIOTECA | RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Pesquisar...

GRADUAÇÃO		PÓS-GRADUAÇÃO	
Novas ofertas de vagas 2018 / 01 Inscreva-se	Transferência e obtenção de novo título 1º 2018 Inscreva-se	Pós-graduação IEC PUC Minas 1º 2018 Inscreva-se	Pós-graduação a distância PUC Minas Virtual 1º 2018 Inscreva-se
Processo Seletivo Uberlândia - Direito e Sistemas de Informação Acesso o edital	Novas ofertas de vagas 2018	Pós-graduação para formação de professores 1º 2018 Inscreva-se	Pós-graduação stricto sensu Mestrado e Doutorado Inscreva-se

PUC MINAS é pra você
CONHEÇA Nossos PROGRAMAS DE BOLSAS E FINANCIAMENTO

FAMINAS-BH FACULDADE DE MINAS

O que você está procurando?

FAMINAS-BH | Egresso | Extensão | Pesquisa | Processos Seletivos | Estágios | Biblioteca | Publicações | Ouvidoria

MARQUE NA AGENDA
VEM FERIADO POR AÍ...
A FAMINAS-BH ESTARÁ DE RECESSO DEVIDO AO FERIADO DE CARNAVAL
de 10 de fevereiro até 14 de fevereiro
VOLTAREMOS NO DIA 15.
BOM DESCANSO!

Graduação | Extensão | EAD | BLOG

Notícias [ver mais notícias](#)
Convocação Lista de Espera Vestibular Unificado de Medicina 2018/1

Vídeos [ver mais vídeos](#)

Portal FAMINAS
[Acessar Portal](#)
[Esqueci minha senha](#)

CLIQUE AQUI
VESTIBULAR

Precisa de Ajuda?

SUPER NOTÍCIA PAMPULHA OT BETIM OT CONTAGEM GASTRÔ

CLUBE DO ASSINANTE EDIÇÃO DIGITAL CADASTRAR LOGIN

O TEMPO

BELO HORIZONTE 10 FEVEREIRO 10h34 20° 31% umc

ASSINE O TEMPO

CAPA SUPERFC CIDADES DIVERSÃO INTERESSA MAIS

Apartes Política Brasil Economia Mundo TV Galeria de fotos

Especiais: Carnaval 2018 | Minas no Brasil de 2018 | Reforma Trabalhista | Homenagem a Drummond | Tempo de Bike | Game: Empire | SHOPPING

Últimas: 'Não é não': brasileiras em campanha contra assédio no Carnaval

Manhã Super - 09h30 às 12h00 Assistir a Live | Programação 917 SUPER

Carnavaliza BH



Assine O TEMPO Assine a nossa Newsletter

Seções

Gerais Política Economia Nacional Internacional Esportes Educação Tecnologia

em.com.br

Sábado, 10 de Fevereiro de 2018 * - Belo Horizonte

Publicidade

Novo Novo Novo +34%



posthaus

FOLIA

Fantasia, vídeo 360 graus e muita cor: SIGA AO VIVO o desfile do 'Então, Brilha!'

Conectando...

UOL MOST PÁGSEGURO CURSOS LOJA VIRTUOL UOL BUSCA BATE-PAPO EMAIL

MENU ASSINE

FOLHA DE S.PAULO

Sábado, 10 de fevereiro de 2018 ★★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL • DESDE 1921

ENTRAR BUSCAR

últimas opinião política economia mundo cotidiano esporte cultura f5 sobre tudo EDIÇÃO IMPRESSA ENG ESP

PÓS-GRADUAÇÃO PUC MINAS PARA PROFESSORES. PARA SUA FORMAÇÃO SER COMPLETA. **INSCREVA-SE** PUC Minas PUBLICIDADE

ALALÃO <

Tatuapé é destaque no 1º dia do Carnaval de São Paulo

Com reggae na bateria, atual campeã briga pelo bi; Mancha Verde e a Rosas de Ouro também fizeram apresentações competentes

→ Tom Maior fecha primeiro dia de desfiles no Anhembi → Rosas de Ouro cruza sambódromo no limite exato

VAI VIAJAR? <

Veja a situação das estradas de SP na saída para o Carnaval

Litoral Sul - Córrego Domênico Rangoni

- Sentido Guarujá: Tráfego lento km 261-248
- Sentido SP: Tráfego normal

Litoral Norte - Mogi-Bertioga

- Sentido Bertioga: Lento do km 57 ao



INICIO PARCERIAS AJUDA CONTATO

Safe Advocacia
Dra Regina Cate
Dr. Paulo Henrique
31 30470804

BLOG DA RENATA
31 99326-2745
renatadoblog@gmail.com

INICIO

blog
INDEPENDENTE
Aqui, quem manda sou eu

Fazer Busca

Eu indico
Advogado
Ode Carnavalho



GAZETA DO POVO | BLOGS ASSINE R\$ 0,99 1º mês ENTRAR

Nome	Quantidade	Preço	Valor	Variação	
Volkswagen AG Tru	29	120,902 €	128,935 €	120,918 €	1,47%
Wolters Kluwer	4	29,986 €	29,990 €	29,988 €	1,35%
Deutsche Telekom	9	15,840 €	15,841 €	15,841 €	1,25%
Lufthansa AG	19	12,649 €	12,654 €	12,651 €	1,25%
Münchener Rückversicher	3	176,020 €	176,064 €	176,041 €	1,28%
Freudenberg AG	1	110,874 €	110,896 €	110,888 €	0,90%
Siemens AG	8	80,247 €	80,269 €	80,262 €	0,88%

ASIA RONDUM
 LS - DAX - Lang & Schwarz 0,79%
 ZETTEMPT 3 Min
 INDIKATOR SCARS

enkontra.com

Ricardo Amorim
 SIGA O BLOG:

Venha para VIVO FIBRA OFERTA EXCLUSIVA DO SITE **50 MEGA** DE R\$ 99,99 POR R\$ 89/mês* [Assine já](#)
*Por 12 meses no combo. Consulte condições no site.

AGS NYSE Brasil tem as menores taxas de inflação e juros da história. Mas ainda há muito a ser feito

americanas prime | frete grátis à vontade! [seja prime :\)](#)

americanas.com O que você quer agora? :)
 olá, faça seu login ou cadastre-se

[compre por departamento](#) [seja prime](#) [carnaval](#) [material escolar](#) [baixe o app](#) [a torcida](#) [queima de estoque](#) [verão](#) [oferta do dia](#)

com até **60% + 10% + preço exclusivo**
 de desconto no boleto no app *confira as regras

Sorria :) É carnaval!

[Se ligue!](#) [A melhor seleção](#) [Sua casa com sua cara](#)

Ricardo eletro Minha conta Meus Pedidos Cancelamento Atendimento Lista de casamento Televendas: 0300-313-9000

Faça o seu login ou cadastre-se Acompanhe sua entrega **Você procura e o Ricardo Faz!**

Veja os Departamentos v OFERTA ANUNCIADA | 4ª de Cinzas | Especial Calorão | Saldão Escolar | Regras de Frete

Bicicleta Track Bikes Aro 26
Com Dupla Suspensão
TB300

18 MARCAS

Por **R\$ 499,90**

FRETE GRÁTIS

*confira condições

LIMPA ESTOQUE



Samsung Galaxy J2 Prime
Com TV Digital e Câmera Frontal de 5MP + Flash Frontal

Por **R\$ 599,00**

FRETE GRÁTIS

*confira condições

Bicicleta Ergométrica Vertical Kikos
Com Painel Multifunções e Guião Ergonômico
KIC0105

SUPORTA 100KG

Por **R\$ 349,90**

FRETE GRÁTIS

*confira condições

CONFIRA NOSSAS CONDIÇÕES DE FRETE, PARCELAMENTO E PROMOÇÕES

AMARO



FIQUE ATENTO! O Ricardo tem preço e muitas novidades para você. Cadastre-se e reciba em primeira mão

seu nome seu e-mail

Aguardando onsite.chaordicystems.com...

posthaus O que você procura? Atendimento Minha conta (0) (0)

Novidades Feminino Plus Size Infantil Masculino Lingerie Calçados Evangélica Marcas Categorias Promoções

Dark Floral

Destaques da Semana

Moda Feminina

- Blusas
- Calças
- Macacão
- Saias
- Vestidos

Plus Size Feminino

- Blusas
- Calças
- Saias
- Vestidos

Moda Evangélica

Moda Infantil

Moda Masculina

- Calçados
- Lingerie
- Moda Fitness
- Moda Praia
- Promoções

2ª DIA

FOLIA DE OFERTAS

ATÉ **70% OFF**

[APROVEITE >](#)



FRETE GRÁTIS

EXCLUSIVO NO APP

BAIXE AGORA

DISPONÍVEL NO 

DISPONÍVEL NA 

CONSULTE CONDIÇÕES NO APP POSTHAUS

Receba Novidades e Promoções!

Escreva seu nome

Informe o seu e-mail

Política de Privacidade

FRETE GRÁTIS ACIMA DE R\$ 199,99 PARA SUL E SUDESTE

TROCA GRÁTIS PARA TODO BRASIL

PAGUE EM ATÉ 5 VEZES SEM JUROS

REVISTA DE MODA GRÁTIS QUERO A MINHA

NÓS AMAMOS



3 PEÇAS EM OFERTA POR R\$ 99



vestis

OFERTAS



EPA

Escolha sua região: **BELO HORIZONTE E REGIÃO** **CADASTRE-SE E RECEBA NOSSAS OFERTAS**

Sobre o EPA | Acontece no EPA | Fale Conosco | Trabalhe Conosco   

NOSSAS LOJAS **OFERTAS** **CHURRASCÔMETRO** **RECEITAS** **LISTA DE COMPRAS** **CARTÃO FÁCIL**



OFERTAS DA SEMANA

Ofertas válidas de 05/02 a 11/02/2018, somente na Rede Epa de Minas Gerais, exceto Coronel Fabriciano, Governador Valadares, Nanuque e Teófilo Otoni.

super nosso em casa [Receitas](#) [Ajuda](#) [Fale Conosco](#) [Login](#) [Cadastrar](#)

[Categorias](#) [Exclusivas para você](#) [Promoções](#) [Dotz Extras](#) [Outlet](#) [Consultar CEP](#) [Indique e ganhe](#) [0 itens](#)



Ofertas de Carnaval [Ver mais >](#)

-  -33%
-  -29%
-  -34%
-  -17%
-  -11%
-  -27%

[Acessibilidade](#) | [Fonte](#) | [A](#) | [Contraste](#)

Busca

Portal do Servidor

Informações e Serviços para os Servidores do Estado de Minas Gerais

[Sobre o Portal](#) | [Perguntas Frequentes](#) | [Transparência](#) | [RH Responde](#) | [Mapa do Site](#)



Submeta sua DEMANDA AQUI!

RECADASTRAMENTO ANUAL OBRIGATORIO DE 2018

Contagem de Tempo

ATENÇÃO!
A Carta de Convocação de Recadastramento não mais será enviada a partir do ano de 2018. Excepcionalmente, o recadastramento de 2017 dos aniversariantes de junho a agosto e setembro poderá ser realizado no mês de janeiro de 2018.

Serviços

- Todos os serviços
- Solicitação Virtual de Contagem de Tempo para Averbação
- Senha de Acesso
- Dados Funcionais
- Emissão de Contracheque
- Validação de Contracheque
- Informe de Rendimentos

Secretaria de Estado de Fazenda informa data de pagamento

A Secretaria de Estado de Fazenda (SEF) informa as datas do mês de fevereiro para o pagamento dos salários do funcionalismo público do Executivo Estadual:

- 1ª parcela* 16/2 (sexta-feira)
- 2ª parcela 23/2 (sexta-feira)
- 3ª parcela 28/2 (quarta-feira)

* servidores com salário até R\$ 1.500 líquidos recebem no dia 9/2 (sexta-feira)

Os critérios adotados são os seguintes:

- servidores com salário até R\$ 3 mil líquidos recebem integralmente na primeira parcela;
- servidores com salário até R\$ 6 mil líquidos recebem uma parcela de R\$ 3 mil e

Acesso rápido

- Solicitação Virtual de Contagem de Tempo para Averbação
- Emissão de Contracheque
- Féias Regulamentares
- Licença para Tratar de Interesses Particulares - LIP
- Afastamento do trabalho – servidor não efetivo
- Validação de Contracheque

[BRASIL](#) | [Serviços](#) | [Participe](#) | [Acesso à informação](#) | [Legislação](#) | [Canais](#)

[Ir para o conteúdo](#) | [Ir para o menu](#) | [Ir para a busca](#) | [Ir para o rodapé](#)

[ACESSIBILIDADE](#) | [ALTO CONTRASTE](#) | [MAPA DO SITE](#)

Ministério da **Educação**

[Contato](#) | [Serviços do MEC](#) | [Área de imprensa](#)

- Pronatec
- Prouni
- Enem
- Gabinete do Ministro

- ACESSO À INFORMAÇÃO
- SECRETARIAS
- PROFESSORES / DIRETORES
- ESTUDANTES
- BRASILEIROS NO MUNDO




- 1
- 2
- 3
- 4

mg.gov.br

Notícias
Serviços
Institucional

Unidades Ajuda Mapa do site Fale conosco Acessibilidade

Página Inicial

Destaques

Militares do 5º BPM proporcionam um dia de PM a garoto de 3 anos

Noticias

30 Batalhão realiza operação pré-carnaval em Januária

PM em Governador Valadares inicia Operação Carnaval 2018

Comando do 55º BPM garante segurança reforçada durante o Carnaval

www.pmmg.mg.gov.br/deas

PESQUISE NO BLOG

Search this website...

SOBRE
POLÍTICA DE PRIVACIDADE
ANUNCIE
CONTATO
YOUTUBE

Entrega de Cestas
 Cestas que Combinam com todos os Momentos Especiais. Parcele em até 3x

por Pety e Maíra

BOLO DE FUBÁ COM COCO (FOFISSIMO)

PUBLICIDADE G

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos

marie claire

MODA BELEZA AMOR & SEXO TV MARIE CLAIRE EU, LEITORA HORÓSCOPO

ASSINE JÁ



marie claire

ANITA

Os melhores momentos do making of da capa

Aguardando experience.tinypass.com...

VITRINE DE OFERTAS

constance.com.br Sandália em Couro Nud... R\$ 69,99

constance.com.br Sandália com Tiras e S... R\$ 69,99

constance.com.br Scarpin Chanel em Tecl... R\$ 69,99

APROVEITE AGORA!

constance.com.br Sandália em Couro Off... R\$ 69,99

constance.com.br Scarpin em Couro Nud... R\$ 69,99

constance.com.br Scarpin em Verniz Pret... R\$ 69,99

click JOGOS

Buscar jogos e categorias

Top Jogos Ação e Aventura Divertidos Minecraft Pokémon Carros Futebol Tiro Jogos de Meninas

Por que não?

Jogos em Destaque

- Dragon Buster: Mini**
O Cavaleiro Assassino de Dragões chegou
Jogos Divertidos
- Delicious Emily's Cook and...**
Emily precisa de uma forcinha no restaurante itinerante
Jogos de Administrar
- Super Mario Bros C...**
Sou nós, Mario e Luigi!
- Ben 10 - Alien Rush**
Ben 10 em uma aventura incrível
- Traffic Car Racing**
Divirta-se fugindo do trânsito

Recomendados

- EMPIRE
- BIG FARM
- HEAVY METAL MACHINES

anterior | próximo

Listas de Jogos

Meninas Plutonita Futebol Carros Notos Ben 10 Goodgame Upjers Bob Esponja Minecraft Mario Sonic